



**GRACE FARIAS AZAMBUJA**

**ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI E AS MEDIDAS SÓCIO-  
EDUCATIVAS: UMA EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DE ITAJAÍ - SC**

ITAJAÍ (SC)  
2007

**UNIVALI**  
**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ**  
Centro de Ciências Humanas  
Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*  
Programa de Mestrado Acadêmico em Educação - PMAE

**GRACE FARIAS AZAMBUJA**

**ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI E AS MEDIDAS SÓCIO-  
EDUCATIVAS: UMA EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DE ITAJAÍ - SC**

Dissertação apresentada ao colegiado do PMAE como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação - área de concentração: Educação - (Linha de Pesquisa: Desenvolvimento e Aprendizagem. Grupo de Pesquisa: Mídia e Conhecimento).

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Puntel Mostafa.

ITAJAÍ (SC)  
2007

## FICHA CATALOGRÁFICA

A991a Azambuja, Grace Farias, 1966 -  
Adolescentes em conflito com a lei e as medidas sócio-educativas: uma  
experiência no município de Itajaí - SC / Grace Farias Azambuja,  
2007.  
151p.; quad.  
Anexos  
Cópia de computador (Printout(s)).  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Itajaí, Centro  
de Ciências Humanas. Programa de Mestrado Acadêmico em Educação,  
2007.  
“Orientadora : Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup> Solange Puntel Mustafa”  
Bibliografia: p;91-93

1. Adolescentes. 2. Adolescentes institucionalizados – Educação.  
3. Adolescentes – Aspectos sociais. 4. Comportamento do adolescente.  
5. Educação. I. Título.

CDU: 343.916

Josete de Almeida Burg – CRB 14.<sup>a</sup> 293

**UNIVALI**  
**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ**  
Centro de Ciências Humanas  
Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*  
Programa de Mestrado Acadêmico em Educação - PMAE

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

**GRACE FARIAS AZAMBUJA**

**ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI E AS MEDIDAS SÓCIO-  
EDUCATIVAS: UMA EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DE ITAJAÍ - SC**

Dissertação avaliada e aprovada pela Comissão Examinadora e referendada pelo Colegiado do PMAE como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Itajaí (SC), setembro de 2007.

**Membros da Comissão:**

Orientadora:

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Puntel Mostafa

Membro Externo:

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Julianne Fischer

Membro representante do colegiado:

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Regina Raitz

Este trabalho é dedicado a todos os adolescentes infratores, co-denominados Filósofos da Pós-Modernidade que com suas falas, desabaços, escolhas e atitudes, chamam a atenção do mundo contemporâneo, consumista e hedonista, advertindo-nos que é necessário parar e repensar valores, reconstruir vidas e lares, baseados em uma sociedade mais justa e igualitária, que vise uma EDUCAÇÃO PARA A PAZ.

**A todos, o meu carinho e a minha gratidão.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>. Solange Puntel Mostafa, por me acolher e depositar sua confiança em meu trabalho.

À coordenadora do Mestrado em Educação da UNIVALI, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Valéria Silva Ferreira, por ser um exemplo de profissional, dignificando nossa profissão.

A minha querida mãe, Jane Farias Azambuja, cujo incentivo emocional, espiritual e financeiro foram decisivos para a realização e concretização deste sonho.

Ao Programa de medidas sócio-educativas do Fórum da Comarca de Itajaí, me acolhendo, incentivando e proporcionando todas as informações necessárias de uma forma amorosa e competente.

A toda equipe do Parque Dom Bosco, que abriu suas portas, depositando total confiança em meu trabalho.

Em especial, ao Roberto Davi Gabriel da Silva da Costa, que com muito carinho dividiu comigo sua sala de trabalho no Parque Dom Bosco durante todo o período da pesquisa.

Às colegas Nilzete, Lígia, Marciane e Angélica, com as quais convivi e compartilhei intensas emoções, pelo grande estímulo, apoio, e amizade o que fez um grande diferencial em minha vida.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Tânia Regina Raitz e à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Julianne Fischer, pela delicadeza com que fizeram as sugestões para o alicerçamento do meu trabalho e pelas indicações preciosas durante meu Exame de Qualificação.

Às secretárias do Mestrado em Educação da UNIVALI, Núbia, Cristiane e Mariana, que sempre me trataram com carinho e consideração, orientando meus passos nas tarefas burocráticas.

À Sheila Sens pelo carinho e competência.

À Gabriella Custódio Costa Pinto Tonial pela dedicação e correções da ABNT.

Ao Almir Francisco, cujo amor e paciência me sustentaram nas horas de maior estresse, e cujo “colo” foi fundamental para a minha harmonia e serenidade.

A Deus, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

**A todos meus sinceros agradecimentos.**

“Nem santos, nem bandidos, duendes de um país que não existe” (LUPPI).

“Para mim, eles não são vítimas, não são culpados. Pra mim, eles não são marginais nem santos. Pra mim, eles são apenas humanos, nada mais” (MV BILL).

“Não encontramos lugar para eles no sentido do mundo. Sua sintaxe torta e explosiva torna impossível a leitura dos textos que nos apresentam. No noticiário de TV, as notícias de rebeliões, fugas e assassinatos cometidos por adolescentes aproximam-nos das páginas policiais. Vã tentativa da conveniência de encontrar um lugar para eles. E eles se rebelam, gritam, explodem e incendeiam, afirmando com violenta veemência não aceitarem o elo que lhes coube na corrente social. Nossa consciência sabe que não deveríamos tratar nossos jovens desta maneira. Nosso mal-estar vem do fato que as notícias das FEBEMs deveriam estar em cadernos de educação, não em páginas policiais” (BIDO).

“Eis o compromisso que gostaria de compartilhar: é nosso dever - porque há razões para isso; a esperança não é, neste caso, irrealista - é nosso dever, repito, disputar menino a menino, menina a menina [...] Os focos da disputa são o coração e a cabeça dos jovens. O centro da briga histórica que se trava à beira do despenhadeiro e talvez nos afaste da barbárie, são o afeto e o imaginário das crianças e dos adolescentes” (SOARES).

## LISTA DE QUADROS

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1 - Atos infracionais progressos nas famílias dos infratores .....          | 30 |
| Quadro 2 - Primeiros conceitos de resiliência nas Ciências Humanas e Sociais ..... | 37 |
| Quadro 3 - Conceitos contemporâneos de resiliência .....                           | 38 |
| Quadro 4 - Adolescentes pesquisados .....  | 51 |
| Quadro 5 – Índice de reincidência .....  | 60 |
| Quadro 6 - Mapa das características dos filósofos da pós-modernidade.....          | 83 |



## LISTA DE APÊNDICES

|  |     |
|--|-----|
| APÊNDICE A - Roteiro para Entrevista com os Adolescentes .....                 | 94  |
| APÊNDICE B - Entrevistas com os nove adolescentes sujeitos desta pesquisa..... | 95  |
| APÊNDICE C – Síntese dos roteiros de vivências em educação para a paz.....     | 128 |
| APÊNDICE D – Roteiros das aulas em educação para a paz .....                   | 129 |

## LISTA DE ANEXO

|   |     |
|---|-----|
| ANEXO A - Levantamento de adolescentes inseridos no Programa no Fórum de Itajaí – Santa Catarina..... | 150 |
|---|-----|

## RESUMO

A delinquência juvenil tem ocupado amplo espaço na mídia e nas discussões acadêmicas. Este trabalho procura levantar e analisar os fatores determinantes que levaram nove adolescentes da região de Itajaí a cometerem atos infracionais, bem como, avaliar se as medidas sócio-educativas são capazes de reintegrar à sociedade os nove adolescentes, e se não, quais os elementos que impediram que a reintegração ocorresse. Compreender a concepção dos adolescentes em conflito com a lei, em relação ao trabalho desenvolvido pelas medidas sócio-educativas e mapear o perfil dos adolescentes em conflito com a lei também foram desafios da presente pesquisa. Por último, pensou-se na importância de dar a voz aos profissionais que trabalham com as medidas sócio-educativas assim como às autoridades que são responsáveis diretas em relação às medidas sócio-educativas. A pesquisa qualitativa aconteceu entre março de 2004 a setembro de 2006, em duas entidades do município de Itajaí, a saber: Centro de Internação Provisório – CIP e Parque Dom Bosco. Durante esse período, nestas entidades, a pesquisadora acompanhou a trajetória de nove adolescentes em conflito com a lei, cujo objetivo do acompanhamento, era observar o índice de reincidência e o porquê desta, sendo que, dos nove adolescentes pesquisados, quatro reincidiram. Concluiu-se que não existe um determinante para que o adolescente entre em conflito com a lei; existem vários determinantes que, sozinhos ou combinados levam os jovens a infracionarem, tais como: famílias desestruturadas, uso de álcool e drogas, necessidade de sair da invisibilidade e de se proteger, baixa escolaridade resultando em baixos salários por total falta de qualificação profissional. Emerge como ponto forte da pesquisa, os depoimentos sobre a vontade de ganhar dinheiro fácil para poder comprar/desfrutar tudo que o mundo capitalista oferece. Durante o convívio com os adolescentes infratores, tanto no CIP, como no Parque Dom Bosco, a pesquisadora propôs aulas do Programa de Educação em Valores Humanos, conhecido como PEVH. Com o intuito de elaborar um programa específico para adolescentes infratores, buscou em Antunes (1998, 1999), Brandão e Crema (1991), Heath (2001), Jares (2002), Sequeiros (2000) e Yus (2002) suporte epistemológico e pedagógico para elaborar o que foi denominado: Vivências em Educação para a Paz. As Vivências em Educação para a Paz são constituídas de cinco roteiros, que somados completam quarenta horas. Cada roteiro trabalha um tema específico: Ação Correta, Não Violência, Amor, Paz e Verdade.

**Palavras-chave:** Adolescentes infratores; medidas sócio-educativas; reincidência; vivências de educação para a paz.

## ABSTRACT

Juvenile delinquency has been a subject of much discussion among academics. This work seeks to address and analyze the determining factors that led nine adolescents in the Itajaí region to commit crimes, and to evaluate whether socio-educational measures are capable of reintegrating the nine adolescents into society, and if not, what are the elements that prevent this reintegration from occurring. Understanding the concept of adolescents in conflict with the law, in relation to the work carried out by socio-educational measures, and mapping the profile of the adolescents in conflict with the law, were also challenges presented by this research. Finally, it considers the importance of empowering professionals who work with socio-educational measures, as well as the authorities which are directly responsible for the socio-educational measures. The qualitative research was carried out between March 2004 and September 2006, in two entities of the Municipal district of Itajaí, namely: The Centro de Internação Provisório – CIP and the Parque Dom Bosco. During this period, in these entities, the researcher monitored the progress of nine adolescents in conflict with the law, in order to observe the level of recurrent crime and why this occurs, given that of the nine adolescents studied, four returned to commit crimes. It is concluded that there is no single factor determining why adolescents come into conflict with the law. There are a number of different factors which, alone or in combination, lead young people to commit crimes, such as: Dysfunctional families, the use of alcohol and drugs, the need to be noticed and to protect oneself, low level of formal education, resulting in low salaries due to a complete lack of professional qualifications. A strong point of the research which emerged was the statements on the desire to get easy money, to be able to buy/enjoy all that the capitalist world offers. During the time spent with the adolescents, both at the CIP and at the Parque Dom Bosco, the researcher proposed classes of the Education Program in Human Values, Known as the PEVH. In order to create a specific program for the law-breaking adolescents, a review was carried out of the works of Antunes (1998, 1999), Brandão and Crema (1991), Heath (2001), Jares (2002), Sequeiros (2000) and Yus (2002), to find epistemological and pedagogical support for elaborating the program: *Vivências em Educação para a Paz* (Experiences in Education for Peace). The Experiences in Education for Peace consist of five scripts, which together make up a total of forty hours. Each script works with a specific theme: Correct Action, Non Violence, Love, Peace and Truth.

**Key words:** Juvenile delinquents; socio-educational measures; recurrent crime; experience in education for peace.

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....  | 13  |
| <b>2 JUSTIFICATIVA</b> .....   | 20  |
| <b>3 OBJETIVOS</b> .....   | 28  |
| <b>3.1 Objetivo geral</b> .....  | 28  |
| <b>3.2 Objetivos específicos</b> .....   | 28  |
| <b>4 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....   | 29  |
| <b>4.1 O conceito de resiliência</b> .....   | 36  |
| <b>4.2 O paradigma de promoção de saúde</b> .....  | 39  |
| <b>4.3 As redes sociais de apoio</b> .....   | 40  |
| <b>4.4 A literatura de divulgação científica</b> .....   | 42  |
| <b>5 METODOLOGIA</b> .....   | 50  |
| <b>5.1 O contexto</b> .....  | 50  |
| <b>5.2 Sujeitos: critérios de seleção</b> .....  | 51  |
| 5.2.1 Primeira etapa da pesquisa: os sujeitos do CIP .....   | 51  |
| 5.2.2 Segunda etapa da pesquisa: os sujeitos do Parque Dom Bosco .....   | 53  |
| <b>5.3 Material e método</b> .....   | 55  |
| <b>5.4 Entrevista com autoridades e técnicos do departamento do programa de medidas sócio-educativas</b> .....   | 55  |
| <b>5.5 Proposta de educação holística para adolescentes infratores</b> .....   | 56  |
| <b>6 FATORES DETERMINANTES DO ATO INFRACIONAL E REINCIDÊNCIA</b> .....   | 60  |
| <b>6.1 Fatores que determinaram a opção do adolescente pelo ato infracional</b> .....  | 60  |
| 6.1.1 Infração sócio-familiar prévia .....   | 60  |
| 6.1.2 Consumo e mídia.....   | 63  |
| 6.1.3 Signos do poder e juventude.....   | 67  |
| <b>6.2 A percepção e a valorização do adolescente em relação à medida sócio-educativa</b> .....  | 68  |
| 6.2.1 Percepção dos adolescentes que estavam cumprindo medida sócio-educativa no CIP - Centro de Internação Provisória.....  | 68  |
| 6.2.2 Percepção dos adolescentes que estavam cumprindo medida sócio-educativa aos sábados no parque Dom Bosco.....   | 70  |
| <b>6.3 Fatores determinantes da não reincidência</b> .....   | 71  |
| 6.3.1 Vínculos sócio-afetivos .....  | 71  |
| 6.3.2 Retorno aos estudos .....  | 72  |
| <b>6.4 A percepção das autoridades em relação às medidas sócio-educativas</b> .....  | 73  |
| <b>6.5 A percepção dos profissionais que trabalham com as medidas sócio-educativas</b> .....   | 77  |
| 6.5.1 A visão das duas profissionais ligadas à SECAD.....  | 78  |
| 6.5.2 A percepção dos dois responsáveis em receber, coordenar e orientar os jovens que cumprem as medidas sócio-educativas de prestação e serviço à comunidade no Parque Dom Bosco ..... | 79  |
| <b>6.6 Conhecendo melhor os filósofos da pós-modernidade</b> .....   | 82  |
| <b>7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS/CONCLUSÃO</b> .....  | 85  |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 88  |
| <b>GLOSSÁRIO</b> .....   | 92  |
| <b>APÊNDICES</b> .....   | 93  |
| <b>ANEXO</b> .....   | 149 |

## 1 INTRODUÇÃO

Ao graduar-me em Nutrição pela Universidade Federal de Pelotas no ano de 1988, abraçava a utopia de melhorar o estado nutricional de milhões de jovens e crianças que ainda morrem de desnutrição no Brasil. No trabalho cotidiano, o encontro com a realidade muito mais cruel do que a vista nos bancos universitários foi tornando a minha utopia, uma espécie de sentimento de impotência perante os quadros de violência, descaso familiar, analfabetismo e o ciclo da pobreza que acompanha a desnutrição no Brasil.

Em 1995, decidida a fazer algo diferente por mim e pelos meus sonhos de uma sociedade mais justa e equitativa, saí do Rio Grande do Sul, escolhendo o Estado de Santa Catarina para iniciar uma nova fase.

Nesta proposta, entrosei-me como voluntária no trabalho com crianças e adolescentes em situação de rua, fazendo um trabalho de diálogo com os mesmos em praças e calçadas na cidade de Balneário Camboriú, SC. Frequentemente questionava-os: por que estavam ali? Muitas perguntas me ocorriam em relação aos estudos e às afetividades dessas crianças e jovens: estudavam? amavam? eram amados? usavam drogas? queriam sair dessa situação?

Alguns confidenciavam-me que queriam sair da situação de rua. Foi neste momento que vinculei-me à Casa da Criança e do Adolescente, no município de Balneário Camboriú, local que abriga jovens até 18 anos em situação de rua ou de vulnerabilidade social, proporcionando-lhes um lar, estudo e cursos profissionalizantes.

Nessa época eu reservava algumas horas do fim de semana para ajudar esses jovens abrigados nas tarefas escolares, levando-os também a passeios na praia, no boliche, a jantares e lanches.

Esses momentos de convivência e dedicação a jovens que estavam reconstruindo suas vidas eram de vital importância para a minha construção como ser humano, mas ainda não preenchia uma vontade maior de colaborar na edificação de uma sociedade mais politizada, mais culta e mais amorosa.

Movida por esta aspiração, percebi que a Educação poderia contribuir para a diminuição do ciclo de pobreza e violência tão enraizado em nosso país. Foi então que em 2001, após 13 anos longe dos bancos universitários, voltei a estudar, matriculando-me no Curso de Pós-Graduação em Interdisciplinaridade na Formação de Professores. Concluí o referido curso em 2002, com a Monografia intitulada: **Educação em Valores Humanos: uma proposta de**

**Educação Holística.** A Educação Integral isto é, a educação do Ser Humano em todos os seus aspectos, intelectual, mental, físico, psíquico e espiritual pareceu-me o caminho que tanto buscava para trilhar. Continuei os estudos pós-graduados procurando a Pós-Graduação em Educação, inicialmente na forma de aluna especial do Mestrado em Educação da UNIVALI, em 2003. O Mestrado em Educação abriu-me novos horizontes, fazendo com que eu buscasse leituras no campo da Sociologia, Filosofia e Psicologia.

No ano de 2002, especial em minha vida pela conclusão de uma monografia em Valores Humanos, recebi o convite para apresentar um programa de televisão, em um canal a cabo, que estava abrindo suas portas em Itajaí. O convite possibilitar-me-ia fazer um programa de Valores Humanos ao entrevistar e valorizar pessoas que poderiam ser exemplos de vida, na construção de uma sociedade melhor.

Apoiada em meus interesses de construção de Valores Humanos, recebi apoio irrestrito para apresentar o programa O SÉCULO XXI, um programa que foi ao ar durante um ano e meio em Canal fechado e em 2004 migrou para o Canal aberto.

Então percebi, pela resposta imediata do público, o quanto a mídia é formadora de opinião e o quanto eu influenciava positivamente uma população, com apenas meia hora semanal de conteúdo positivo e entrevistas que estimulavam o imaginário coletivo para ações sociais concretas.

Em 2004, tornei-me aluna regular do Mestrado, com a proposta mais audaciosa e corajosa da minha vida: conhecer melhor os meninos infratores. Percebi, no convívio do voluntariado, que já existiam muitas pessoas que estavam empenhadas com jovens em situação de vulnerabilidade social, mas havia poucas preparadas adequadamente, em prol dos adolescentes em conflito com a lei.

Com a idéia desafiadora de elaborar uma proposta pedagógica voltada para atividades com adolescentes infratores foi que, conhecê-los tornou-se necessário: quais as razões dos atos infracionais? qual a razão da reincidência? esses jovens estudam ou estão envolvidos com drogas? qual a ligação entre o consumismo e a mídia? os jovens têm famílias? qual o relacionamento que mantêm com as mesmas?

Perguntas que se fazem absolutamente necessárias, pois a cada dia se percebe com espanto o crescimento vertiginoso de adolescentes adentrando em conflito com a lei, atuando de forma a demonstrar uma total banalização da vida. Festas, a princípio pacíficas, que acabam em tiroteio, o alarmante índice de homicídios, assaltos e furtos entre crianças e adolescentes, além

do tráfico de drogas (nacional e internacional) que utiliza jovens como “laranjas”, “mulas”, “aviões”, “falcões”, “vapores”, “fogueteiros” e/ou “soldados”.

Adolescentes vivendo conforme a “cartilha da modernidade”, onde o importante é consumir o máximo e descartar tudo rapidamente para buscar a felicidade freneticamente em roupas caras, drogas lícitas e ilícitas, cabeleireiro, maquiagem e os mais variados e fúteis objetos de consumo.

Alguns “fissurados” pela possibilidade de ganhar dinheiro fácil com venda de drogas e assaltos, e muitos impregnados da certeza que somente serão felizes quando puderem comprar e usufruir todos os bens de consumo impostos pela mídia e “engolidos” por uma sociedade que não questiona a sua real importância, partem para a busca da única maneira que enxergam no momento, a solução fácil e rápida que é retirar à força, através de furtos, tudo o que “os outros têm” e eles também “precisam” ter, caso contrário “jamais” encontrarão a felicidade.

Jovens de classe média e média alta cujo prazer é fazer manobras radicais com motos “envenenadas” e sem a utilização de equipamento de segurança, preferindo estar em pistas clandestinas de motocross a estarem em sala de aula.

Adolescentes que dirigem sem carteira de habilitação fazendo “rachas”, na maioria das vezes embriagados e/ou drogados. Adolescentes que têm como prazer e lazer empinar motocicletas e conduzi-las em velocidade espantosa, muitas vezes na contra-mão ou na calçada de pedestres, pondo em risco suas próprias vidas e das outras pessoas, de uma maneira inconseqüente.

Famílias desestruturadas, onde existem “PÃE”, isto é, mãe e pai ao mesmo tempo, pois o “macho” desertou do lar, ou “aparece” só quando está bêbado para bater na mãe e nos filhos ou simplesmente é desconhecido. Situações estas que causam traumas e grande revolta na criança e no adolescente que se sente desprotegido e desamado.

Crianças que crescem em meio social criminoso onde a naturalização da violência e a banalização do comércio de drogas tornam-se rotina e o único universo que lhes é apresentado, sendo que, não freqüentam a escola e não conhecem “outro mundo”.

Adolescentes que sentem necessidade de porte de arma, adquirindo-a no tráfico ilegal de armas. Em defesa do porte ilegal de armas alegam “defesa pessoal” porque brigaram com um vizinho de bairro, ou o prazer de se sentir o “Pit Bandidão” impondo respeito no colégio e “conseguindo” meninas com mais facilidade, pois algumas “se amarram” em homem armado.



Outros que não têm limites de locais nem horário para estarem armados, freqüentando o colégio, festas e campo de futebol. Observando esta situação nos reportamos à época dos duelos, onde “homens de honra” só saíam à rua armados e ocorriam duelos em praças publicas para a defesa da honra e para lavar com sangue a dignidade de famílias, e nos perguntamos perplexos: será que estamos retrocedendo em termos de cidadania a ponto de um adolescente naturalizar o porte de armas? Até que ponto a mídia influi na naturalização da violência e na banalização da vida?

Essas e outras questões merecem a mais profunda reflexão por parte dos governantes, dos legisladores, dos educadores, dos pais, dos formadores de opinião, da sociedade, na busca de soluções, através de políticas públicas que promovam ações sócio-educativas realmente eficazes.

Para Spagnol (2005, p. 13) “a intenção (da imprensa) é alardear constantemente que a violência está em todas as partes, a todos os momentos”. O autor explica que a imprensa provoca o medo não com intuito de levantar o debate sobre a violência, mas para transformá-la num evento dramatizado aos olhos da população.

Para Spagnol (2005, p. 3):

Quando há debates, de maneira geral seguem divididos em duas frentes: uma defende que o aumento da criminalidade juvenil é consequência da falta de elaboração, por parte do Estado, de uma política eficaz no combate a esse tipo de infração penal. Defendem o recrudescimento dos instrumentos legais que inibem a ação criminal dos adolescentes e a diminuição da idade penal, bem como maior severidade nas aplicações das penas e, muitas vezes, a idéia da pena de morte, para alguns casos. A segunda frente discute o ECA e sua real aplicação por parte do Estado. Acusam o Estado de omissão em relação ao estatuto e de não desenvolver uma política voltada para o bem-estar do adolescente infrator.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), que já tem 17 anos, a prioridade deve ser dada às medidas sócio-educativas. No entanto, na prática, as ações repressivas ainda prevalecem nas unidades de internação. As principais violações dos direitos humanos ocorridos durante as internações apareceram no relatório entregue pelo governo brasileiro ao Comitê dos Direitos da Criança da ONU no dia 14 de setembro de 2004, onde o governo brasileiro reconhece que existem desafios complexos que precisam de muito mais que uma década para serem superados. Entre eles, o atendimento dado aos adolescentes em conflito com a lei.

Assume também, a falta de atendimento adequado da saúde à escolarização desses adolescentes, a ocorrência de tortura e maus tratos praticados por agentes do Estado nesses ambientes, a superlotação e o excesso do tempo de permanência nas unidades de internação provisória.

As justificativas para essas violações, segundo o documento oficial entregue pelo Brasil, são insuficiência de recursos humanos e financeiros, conhecimento fragmentado da realidade do sistema sócio-educativo e da doutrina da proteção integral por parte do aparato estatal e capacitação deficiente e descontinuada dos funcionários.

Uma análise apurada do documento mostra que o governo abandonou a velha política de bem-estar do menor que vinha vigorando durante todo o século XX, emergindo no século XXI com um discurso diferente, e esta é mudança de perspectiva muito grande, pois privilegia os direitos humanos.

Mas ainda insuficiente, pois é necessário sair do discurso para a prática efetiva e afetiva de ações que possam mudar o quadro alarmante das crianças e adolescentes brasileiros. Para tanto, é necessário conhecer em profundidade a realidade do cotidiano destes adolescentes, a raiz e a nascente das causas que determinam tanta dor e miséria, para que a partir da realidade, possamos enquanto sociedade, educadores e intelectuais, propor ações e novos paradigmas educativos.

Para Bido (2006) é como se não houvesse lugar para eles no sentido do mundo; no noticiário da TV, nas notícias de rebeliões, as fugas e assassinatos cometidos por adolescentes aproximam-nos das páginas policiais. E eles se rebelam, gritam explodem e incendiam, afirmando com violenta veemência não aceitam o elo que lhes coube na corrente social.

Por concordar com Bido (2006, p. 4) de que o “nosso mal-estar vem do fato de que as notícias das FEBEMs deveriam estar em cadernos de educação, não em páginas policiais” é que iniciou-se esta pesquisa, que acompanhou nove adolescentes em conflito com a lei no período 2004-2006, com o intuito de saber quais as razões que os levaram a infracionar, a não reincidir e as determinantes da reincidência.

Paralelamente com a pesquisa e o convívio com os adolescentes, a pesquisadora foi elaborando e aplicando uma proposta pedagógica específica para adolescentes em conflito com a lei no cumprimento de medidas sócio-educativas.

Proposta que teve como base o Programa de Educação em Valores Humanos (MARTINELLI, 1996, 1999), permeada com técnicas de Alfabetização Emocional (ANTUNES, 1998, 1999), proposta que incluía filmes biográficos e documentários sobre drogas e traficantes.

Esclarecendo que medida Sócio-Educativa é o nome técnico adotado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para a punição ao adolescente criminoso. Adolescente criminoso é uma expressão que repugna a muitos e por isso usa-se a expressão adolescente infrator. Mas a infração e infrator já é resultado de uma sentença corretamente aplicada. Como esclarece Seda (2004b, p. 190) “[...] O nome técnico para a punição ao adulto infrator da lei criminal é pena. O nome técnico para a punição ao adolescente é medida sócio-educativa. [...] Ambas devem envolver um componente pedagógico”.

O primeiro código de menores do Brasil data de 1927, segundo Seda (2004a) rotulava crianças como menores “expostos”, “abandonados”, “perambulantes”, “delinqüentes”. O segundo código é de 1979, onde todos os rótulos foram reunidos em um só: menores em situação irregular. Seda (2004a) explica que onze anos mais tarde, finalmente, esse principio rotulador que é anticiência e anti-republicano, presente em ambos os códigos, foi abolido e nasce as regras do Estatuto da Criança e do Adolescente.

A Lei número 8.069, de 13 de julho de 1990 dispõe sobre o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. No TÍTULO III: Da Prática de Ato Infracional, o ECA trata: Disposições Gerais; Dos Direitos Individuais; Das Garantias Processuais; Das Medidas Sócio-Educativas e da Remissão. Artigos 103 e 104 do ECA:

**Art. 103** – Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal.

**Art. 104** – São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às medidas previstas nesta lei.

Seda (2004b) discorre que muitas pessoas não interpretam corretamente os artigos 103 e 104 do ECA, e estas pessoas preconizam que o ECA não pune o adolescente infrator, sendo isso uma inverdade. Seda (2004b) explica: por exemplo que, quem mata comete um ato infracional denominado homicídio, constante do Código Penal. Quem aos oito anos ou aos doze anos ou aos quarenta anos, mata alguém, pratica o ato infracional criminal denominado homicídio. A diferença está nas conseqüências:

Quem tem menos de doze anos recebe medidas públicas de proteção [...]. Maiores de doze anos recebem punição pública. O Estatuto, em nenhuma hipótese prevê impunidade. Deve-se sempre propiciar orientação e apoio para não ser necessário punir. Mas quando a punição é inevitável, entre 12 e 18 anos, pune-se num sistema punitivo para adolescentes. Acima de dezoito anos, pune-se num sistema punitivo para adultos” (SEDA, 2004b, p. 134).

A esta punição pública aplicada aos adolescentes entre 12 e 18 anos, o ECA denomina: Medidas Sócio-Educativas e estas estão dispostas nos Artigos 112 a 125 do ECA. O Artigo 112 explicita todas as Medidas:

Art. 112 – Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas:

I – advertência;

II – obrigação de reparar o dano;

III – prestação de serviço à comunidade;

IV – liberdade assistida;

V – inserção em regime de semiliberdade;

VI – internação em estabelecimento educacional;

VII – qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI

1º - A medida aplicada ao adolescente levará em conta a sua capacidade de cumpri-la, as circunstâncias e a gravidade da infração.

2º - Em hipótese alguma e sob pretexto algum, será admitida a prestação de trabalho forçado.

3º - Os adolescentes portadores de doença ou deficiência mental receberão tratamento individual e especializado, em local adequado às suas condições.

Dos nove adolescentes estudados na presente pesquisa, três estavam cumprindo medida sócio-educativa internados em estabelecimento, que conforme o art. 112, item VI, deveria ser educacional, mas na realidade está muito distante da proposta pedagógica que deveria ter. Os demais seis meninos estavam cumprindo o item III do art. 112, isto é, prestação de serviço à comunidade.

## 2 JUSTIFICATIVA

Ao ler o livro do jornalista Carlos Alberto Luppi denominado *Malditos Frutos de Nosso Ventre* e datado do final da década de 80 do século XX, constatamos com pesar, que passados quase vinte anos, a infância e a adolescência em nosso País, continuam num círculo vicioso de maus tratos, atrocidades e total desprezo em relação a cidadania.

Nem santos, nem bandidos, Duendes de um País que não existe. O que o autor quis dizer com essa frase? Em primeiro lugar, entendamos o que é Duende: ser imaginário que a superstição faz supor que de noite habita e comete travessuras dentro das casas. E por que esses “seres imaginários” habitam um País que não existe? Porque um País capaz de abandonar os seus filhos em gélidas calçadas, em pontes úmidas, em orfanatos totalmente desprovidos de carinho e finalmente “jogar”, “entulhar” adolescentes em conflito com a lei em instituições que nem educam, nem lhe dão dignidade e propostas efetivas para (re)construírem suas vidas, realmente é um País que a nível de cidadania juvenil, não existe.

Se a cidadania se origina nas sociedades de classes, ela evidencia o não-cidadão, o marginal, evidenciando assim um processo de inclusão ou de exclusão dos sujeitos de uma determinada classe social. Ferreira (1993, p. 20) afirma:

A cidadania faz a medição das relações entre os indivíduos identificados como cidadãos frente ao Estado, os que se incluem na ordem dos direitos e deveres; ao fazer isto, também identifica os que estão excluídos dessa ordem, os não-cidadãos.

Chauí (2002) traz a concepção de cidadão do Estado liberal, este que se consolidou em 1789, na França, após a revolução francesa. De acordo com Chauí, para o Estado liberal um não-proprietário, era também um não-cidadão. Essa afirmativa traz conseqüências bastante sérias, que ainda fazem parte do nosso imaginário coletivo, quando em pleno século XXI, não enxergamos como cidadão o menino negro, pobre e calçando chinelos, que “provavelmente” seja um trombadinha, que esteja “em atitude suspeita”, com “certeza” fugiu da escola. Nem nos passa pela cabeça que se não está estudando, na maioria das vezes é porque tem que lutar pela sobrevivência, num País que lhe excluiu desde o berço. Sobre isto, Batista (2003a) se refere:

[...] a concepção de cidadania negativa, que se restringe ao conhecimento e exercício dos limites formais à intervenção coercitiva do Estado. Estes setores vulneráveis, ontem escravos, hoje massas marginais urbanas, só conhecem a cidadania pelo avesso, na trincheira auto-defensiva da opressão (BATISTA, 2003a, p. 57).

Ferreira (1993, p. 22) alerta que o “Estado brasileiro vem desenvolvendo mecanismos que lhe garantem maior controle sobre o cidadão”, sendo que o cidadão, neste processo de controle, está perdendo seus valores humanos e corre o risco de virar uma simples peça na engrenagem de uma poderosa máquina. Batista (2003b) discorre como a subjetividade da opressão está sendo construída desde o século XIX:

As sociedades autoritárias e desiguais, fundadas na violenta hierarquização, não suportam o encontro com o outro. Como na termodinâmica do século XIX, as mudanças levariam à morte térmica. Sem a ordem, o caos é a morte. Na produção de subjetividade, a tolerância levaria à desordem e à entrada do caos como portador da destruição [...] neste modelo não há lugar para a instabilidade [...] o encontro do outro como fator de perda da ordem. O sujeito moderno seria tutelado então pelo terror ao estranho (BATISTA, 2003b, p. 33).

Mariotti (2002) afirma que o poder, o controle e o confronto são escolhidos como ferramentas-padrão, que a democracia deve usar para resolver diferenças, embora essa escolha seja cuidadosamente disfarçada por meio de discursos que afirmam o contrário. As diferenças (inclusive de opinião) são vistas como um mal, e assim tudo se faz para eliminá-las de modo mais rápido e energético possível. O outro é visto como um igual, mas não no sentido de igualdade de direitos e sim em termos de padronização, comportamento estereotipado e pensamento único. Se ele por acaso se comportar como autor de idéias e posturas diferentes, será considerado uma ameaça às “liberdades democráticas”, e por isso deverá ser trazido de volta à “normalidade”. “Enquanto isso não acontecer, ele será estigmatizado” (MARIOTTI, 2002, p. 200-201).

Trindade (2002) analisa a sociedade do início do século XXI, que nunca a ciência, a técnica e os meios produtivos dispuseram de tantas e tão concretas possibilidades para dar um fim a velhos males como a fome, a subnutrição, moléstias infecciosas, carência de habitação, distribuição desigual da educação, etc., mas a triunfante lógica da produção para o mercado e para o lucro privado impede que se libere o uso social dessas possibilidades extraordinárias.

Quem são as vítimas mais usuais de agressão policial, detenção arbitrária, tortura, aprisionamento além da pena, preconceito, discriminação no emprego, no acesso à educação, na representação política, e assim por diante? As mesmas de duzentos ou trezentos anos atrás. Fortalece-se, por toda parte, o cinismo de elites tendente a qualificar os trabalhadores, mais ou menos como categoria inferior de humanos (TRINDADE, 2002, p. 2009).

Vera Malaguti Batista (2003a, p. 65) em seu livro *Difíceis Ganhos Fáceis* faz um relato histórico sobre como a juventude brasileira vem sendo tratada e conduzida desde 1907: “A justiça para crianças, na àquela época, funcionava como Vara de Órfãos”. Explica Batista (2003a, p. 65) que de 1907 a 1914 não encontrou nenhum processo relativo a crimes, sendo que a maioria dos processos é de meninas, a Vara de Órfãos funcionava como agência de serviços domésticos, intermediando a colocação de meninas abandonadas, que saíam do “Azylo de Menores” para trabalhar à soldada em casas de família.

A ‘soldada’ era uma prática comum em que uma família tomava sob sua responsabilidade jovens com idade entre 12 e 18 anos, comprometendo-se a vesti-la, calçá-la, alimentá-la e depositar mensalmente em caderneta da Caixa Econômica Federal quantias que variam entre 5 e 10 mil réis. Um termo de compromisso era assinado perante o juiz [...] A maioria destes processos se referiam a jovens morenas e pardas, ex-escravas (BATISTA, 2003a, p. 65-66).

Segundo Batista (2003a) muitas destas meninas fugiam das casas de família por não suportarem os maus tratos e tentativas de abuso sexual, sendo que muitas vezes o acordo não era cumprido e as famílias não depositavam o dinheiro combinado. Algumas meninas, depois de várias experiências à “soldada”, preferiam voltar para o Azylo de Menores.

Em 1923 a Justiça de Menores é instituída no Brasil. É criado o primeiro Juizado de Menores e depois o Código de Menores, influenciado pelas idéias de Lombroso. Para Batista (2003a, p. 69): “É nesse momento que a palavra menor passa a se associar definitivamente a crianças pobres, a serem tuteladas pelo Estado para a preservação da ordem e asseguramento da modernização em curso”.

Segundo Batista (2003a), no primeiro processo julgado em janeiro de 1924, já temos a tônica do trabalho do juizado: analisar jovens negros e pobres acusados de crimes contra a propriedade. A novidade agora é a figura do advogado de defesa, até então inexistente, mas que será cassada anos mais tarde.

Nos relatos de Batista (2003a, p. 71) as histórias se repetem: pequenos furtos, meninos pobres, analfabetos, pretos e que quase sempre têm ocupação fixa, ou seja, trabalham:

Penso que, com o tempo, os próprios agentes do sistema percebem que na história de vida dos meninos não pontificam as perversões lombrosianas, ou as características hereditárias do biologismo criminal, mas sim as histórias de miséria, de exclusão, de falta de escola, de pequenos incidentes que introduzem o jovem a um processo de criminalização que apenas magnífica e reedita a marginalização que seu destino de preto e pobre já marcava.

A partir dos anos trinta, o cenário muda, o período que vai de 1930 a 1945 é a fase da implantação efetiva do Estado Social brasileiro. Foi criada toda uma infra-estrutura de atendimento às crianças que teve no SAM – Serviço de Assistência ao Menor seu principal alicerce. Batista (2003a, p. 76) Explica: “Sob orientação correcional repressiva, o sistema baseava-se em reformatórios, casas de correção, em patronatos agrícolas e escolas de aprendizagem de ofícios urbanos”. Segundo a autora, existe um caráter marcial e compulsório nas práticas pedagógicas desta época, mas o SAM, até 1945 responde bem às finalidades para as quais foi criado.

O período que vai de 1945 a 1964, segundo Batista (2003a, p. 73), é a época de decadência do SAM: “Este é o período de decadência do SAM e de execração de seu caráter repressivo, embrutecedor e desumanizante”. Ocorre um desmonte das políticas sociais implantadas no período “autoritário” de Vargas. Para Batista (2003a, p. 74), “As características dos processos formados chamam a atenção pela crueldade com que atinge a vida dessa garotada”. Os processos são lentos, o menino é enviado diretamente ao SAM, ficando ali por tempo indeterminado e na maioria das vezes sem julgamento, esperando os Diagnósticos do Comissário de Vigilância e os exames médicos realizados pelo SAM. Batista (2003a, p. 75): “eu diria que se julgássemos esse sistema, o condenaríamos por apropriação indébita de vidas, muitas vidas”.

O golpe militar de 1964 produz um novo pacto político-social, em que o Estado brasileiro aprofunda seu caráter autoritário. É criada a Política Nacional do Bem Estar do Menor e a lei 6697/79 cria o novo Código de Menores dirigido aos menores em situação irregular. É criada a FUNABEM (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor) e as FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), órgãos executores estaduais. O novo código “menorista” trata da situação irregular como estado de “patologia social ampla”. O Código de Menores fortalece a figura do juiz e não faz menção a nenhum direito da criança. Nos processos relativos a



adolescentes infratores não existe a figura da defesa do acusado. O jovem em “situação irregular” é processado e entra no circuito penal sem que apareça a figura do advogado. Um eixo do processo menorista é o não reconhecimento do menor como pessoa, mas como alguém a ser tutelado (BATISTA, 2003a).

No Brasil as denúncias a respeito dos maus tratos e descaso em relação à cidadania da criança e do adolescente pobre, abandonado e em situação de rua, criou mais força após 1979 (ano de abertura política) quando a professora Ecléa Fernandes começou a trabalhar na implantação de uma nova filosofia de atuação na FUNABEM. Em 18 de abril de 1980, ela denunciava a existência de repressão e violência contra jovens carentes no País:

Não posso negar que, neste país, os menores que a sociedade diz temer sempre foram violentados em seus direitos, desrespeitados como pessoas e levados a uma perda total de identidade, por todo um sistema de repressão e punição que os atingiu dentro dos organismos oficiais [...] é que sempre existiu na FUNABEM um quadro de horror, um regime disciplinar duro, inflexível, punitivo (FERNANDES *apud* LUPPI, 1987, p. 54-55).

Em 1986 a Advogada Lia Junqueira, fundadora do Movimento em defesa do menor, escreveu o livro *Abandonados*, fazendo várias denúncias num tom audacioso, indignado e corajoso, iniciando seu relato no ano de 1970, ano no qual conheceu o RPM – Recolhimento Provisório de Menores – cuja a população naquela época era de 620 menores infratores onde normalmente caberiam 120:

A primeira vez que entrei no pátio do RPM deparei com aqueles meninos que, embora jovens, pareciam restos humanos, cheirando a urina e cadáver, semi-nus. Senti muita raiva, raiva de ser brasileira, raiva de ser impotente frente à injustiça, raiva de não poder naquele momento mostrar para todo o mundo o que São Paulo estava fazendo com seus adolescentes (JUNQUEIRA, 1986, p. 32)

Junqueira (1986) afirma que em 1970, ano em que ela deparou cara a cara com a triste realidade brasileira, não havia para aqueles garotos a menor expectativa de vida; não eram donos de seu destino, tudo que se decidia a seu respeito era sigiloso: Junqueira (1986, p. 26) “quando uma viatura parava na porta do RPM para buscar um deles, ninguém ficava sabendo para onde iam levá-lo e raramente aquele que saía retornava”.

Em outubro de 1973 foi criada a Fundação Paulista de Promoção Social do Menor - PRÓ-MENOR. Segundo Junqueira (1986), essa criação foi motivo de satisfação para todos que trabalhavam na área, pois foi uma idéia amadurecida durante anos, sendo que a Fundação foi temário das Semanas de Estudo do Problema do Menor. No Rio de Janeiro, funcionava desde 1965 a FUNABEM, que substituiu o SAM – Serviço De Assistência ao Menor.

Junqueira (1986) diz que a FUNABEM funcionava como uma instituição total e assim sendo conseguia repassar para aqueles que a visitavam exatamente aquilo que queriam que os visitantes pensassem, todos acreditavam que um novo método estava sendo criado:

Foi no maior dos ufanismos que se planejou a instituição [...] Repentinamente todos eram técnicos, bastava ter um diploma universitário, apesar de nunca terem tomado conhecimento daquela clientela a ser atendida, clientela esta subjugada, sujeito passivo nas mãos daqueles que detinham o poder, e tinham como objetivo reeducá-la, quando nunca foram educadas, manipulá-la, modificá-la para que ficasse em condições de participar da nossa sociedade (JUNQUEIRA, 1986, p. 40).

Há 20 anos atrás Junqueira (1986, p. 77) já alertava horrorizada o problema de crianças em situação de rua: “Desta infância carenciada nos sobram as crianças que estão na rua. São as que conseguiram sobreviver a todo o massacre iniciado com os discursos de ressocialização [...] Nunca tiveram quem as protegesse”. Segundo a autora os vendedores mirins dos faróis da cidade trabalham de sol a sol e são explorados e roubados pelos adultos, sendo que essa criança inicia no crime como vítima, mas enquanto vítima ninguém o percebe. Esta criança deveria estar brincando e sendo protegida, mas está trabalhando numa total desproteção. Junqueira (1986, p. 31) afirma que “A rua, com suas leis severas, acaba por ensinar-lhes a viver”.

Em 1987 o jornalista Carlos Alberto Luppi escreve o livro denominado Malditos Frutos de Nosso Ventre, onde já na apresentação do livro chama o trabalho de DOSSIÊ DA INIQUIDADE, deixando bem claro que o livro é um dossiê jornalístico sobre a situação de vida, miséria e abandono de milhões de crianças brasileiras. O livro reúne enorme volume de informações, de fatos, histórias reais de pixotes e pivetes de todo o país, análises, pesquisas e opiniões: “Pretende de fato contribuir para uma discussão séria, urgente e sem meias-palavras da questão do menor no País pela Assembléia Nacional Constituinte que se instala nesse início de 1987” (LUPPI, 1987, p. 15). Luppi e sua equipe entrevistaram inúmeros

adolescentes em situação de rua e transcreveram partes destas entrevistas no livro, das quais destaco uma fala de Lito:

Veja [...] eu sou menor abandonado. Eu sou também um bandido que a polícia procura. Me acusam de um monte de coisas. Eu sou um filho da FEBEM. Sou um analfabeto. Mas sou também um poeta. Sei matar, sei roubar. E sei cantar. Sei falar e sei ouvir. Sei trocar tiros com a polícia nos mocós da periferia. Sei machucar uma xeca de uma menina na boca do lixo. Mas sei também fazer um afago. Eu sou um cara de um país que não existe. Mas eu vivo num país que existe, está aqui na minha frente, debaixo dos meus pés, este canhão! Eu sei, cara, que a pivotada uma hora dessas vai explodir. E quando isso acontecer, não vai sobrar nem este chão para contar a história! (LITO *apud* LUPPI, 1987, p. 240).

Em 1990 o Brasil descarta o código de Menores, nascendo assim o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Batista (2003a, p. 101) fala do contexto social e político do final dos anos 80, início dos anos 90: “Num contexto de aprofundamento de uma economia recessiva e enfraquecimento das políticas sociais básicas, um contingente cada vez maior de jovens pobres vai sendo recrutado a cumprir sua triste sina, seu papel trágico na divisão internacional do trabalho”.

No final dos anos noventa, Antônio Carlos Gomes da Costa, em parceria com o Instituto Ayrton Senna, publicou um livro que demonstra a preocupação de uma educação afetiva e construtiva, para a constituição real de um cidadão, embora este possa ter vivido algumas situações em conflito com a lei:

A participação autêntica se traduz para o jovem num ganho de autonomia, autoconfiança e autodeterminação numa fase da vida em que ele se procura e se experimenta, empenhado que está na construção de sua identidade pessoal e social e no seu projeto de vida [...] além do compromisso ético, o que mais deve pautar a educação do educador é um vínculo claro da ação educativa com a democracia, a solidariedade e a participação (COSTA, 1999, p. 180).

Costa é um educador que tem uma experiência significativa com jovens em conflito com a lei, sua fala demonstra a atual preocupação de todos os profissionais que estão em contato direto ou indireto com essa ferida aberta e ainda sangrando no seio de nossa sociedade. Sendo que, Costa foi um dos pioneiros em alertar sobre a importância do afeto na (re)educação de adolescentes infratores.

Sociedade que se diz Pós-Moderna e na era da tecnologia, mas infelizmente, pouquíssimo está sendo feito no sentido proposto por Costa. Nossa realidade piorou e os atuais dados do Brasil são assustadores, a cada dia que passa a situação degenera um pouco mais.

A pesquisa que ora apresentamos nessa dissertação também faz parte desse percurso histórico. Retrata a situação de nove adolescentes em conflito com a lei em uma cidade do Sul do Brasil, durante os anos 2004, 2005 e 2006. E propõe uma estratégia pedagógica para ser usada com adolescentes infratores.

O próprio percurso histórico apresentado já contém em si justificativas suficientes para a realização desta pesquisa. Mas leio em Saviani (1985) que a problematização do problema de uma pesquisa precisa envolver a situacionalidade do pesquisador. O simples desconhecimento de um objeto, não o torna problemático para alguém; é preciso mais; é preciso que o tema ou as soluções-respostas ao tema de pesquisa tenham relação com a vida do pesquisador, suas intenções, suas perguntas, suas inquietações.

Coloco-me, assim, como nutricionista preocupada, como comunicadora e apresentadora de um programa de televisão direcionado aos valores humanos, como educadora de jovens e na condição de pesquisadora em educação de processos coletivos que atingem a população da cidade, a cuja população me dirijo semanalmente como profissional e diariamente sou parte desta população, como cidadã brasileira.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.2 Objetivo geral**

Analisar os fatores determinantes que levaram nove adolescentes da região de Itajaí, SC, a cometerem atos infracionais.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Avaliar se as medidas sócio-educativas são capazes de reintegrar à sociedade os nove adolescentes, e se não, quais os elementos que impedem que a reintegração ocorra.
- Compreender a concepção dos adolescentes em conflito com a lei, em relação ao trabalho desenvolvido pelas medidas sócio-educativas.
- Mapear o perfil dos adolescentes em conflito com a lei.
- Analisar a percepção dos profissionais que trabalham com as medidas sócio-educativas.
- Analisar a percepção das autoridades em relação às medidas sócio-educativas.
- Introduzir a proposta holística de educação para a paz para adolescentes infratores.

#### **4 REVISÃO DA LITERATURA**

Iniciamos esta revisão com textos oriundos da recente literatura de periódicos técnico-científicos em revistas de Psicologia, a exemplo de Costa e Assis (2006) e Feijó e Assis (2004). Apesar de estar voltada para as ações sócio-educativas na questão dos adolescentes em conflito com a lei, os textos em questão são bons exemplos da complexidade interdisciplinar exigida em processos de re(educação) de jovens infratores.

Feijó e Assis (2004) ressaltam em sua pesquisa, a importância da família como núcleo protetor dos jovens pesquisados em regime de medidas sócio-educativas, ao passo que Costa e Assis (2006) dão ênfase a vários fatores de proteção ao adolescente, articulando a Doutrina da Proteção Integral, presente no Estatuto da Criança e do Adolescente com o paradigma da promoção à saúde e aos estudos de resiliência.

Feijó e Assis (2004) realizaram uma pesquisa de campo entre abril e novembro de 1997, quando entrevistaram 61 jovens infratores do sexo masculino que cometeram atos infracionais graves e que estavam cumprindo medida sócio-educativa em instituições do Rio De Janeiro e Recife. Para tanto, foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas com cada jovem, com uma duração média de 60 minutos cada sessão.

Esta pesquisa foi a tese de doutorado de Maria Cristina Feijó e teve a participação de pesquisadores do Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde. Na mesma, foram levantados dados sobre núcleo familiar de cada entrevistado, com o objetivo de levantar a vulnerabilidade do infrator e sua família, assim como algumas relações entre aquelas e o ato infracional.

As autoras acima mencionadas constataram a fragilidade da maioria das famílias dos entrevistados, que experimentam uma condição de pobreza e exclusão social, ficando isoladas do amparo social. Para as autoras, os jovens e suas famílias sofrem as conseqüências emocionais e financeiras decorrentes da separação dos pais. Segundo Feijó e Assis (2004) a ausência da figura paterna priva as crianças e os adolescentes do modelo adequado para identidade social.

Feijó e Assis (2004) ressaltam que a ausência da mãe, por causa do trabalho ou pelo abandono do lar, impossibilita a supervisão apropriada da educação e cuidados dos filhos. Para as autoras, a vulnerabilidade das famílias revelam, também, uma complicada história de agravos à saúde e de violências sofridas.

Na mesma pesquisa foi verificada uma rede de problemas de relações interpessoais entre os pais e os filhos e entre a família em geral. Os adolescentes infratores entrevistados revelaram uma gama de desentendimentos e desafetos das famílias envolvidas. Devido a estas constatações, Feijó e Assis (2004, p. 160) alertam: “esta problemática nos envia a pensar no grau de influência que os fatores familiares exercem no envolvimento do jovem com a infração”.

Feijó e Assis (2004) constataram que alguns dos aspectos de vulnerabilidade dos adolescentes infratores estão diretamente ligados à família; entre eles, destaca-se a baixa escolaridade dos pais e das mães, servindo estes, como exemplo para a perpetuação da baixa escolaridade dos filhos infratores, estes, que na sua maioria abandonaram os bancos escolares. Na referida pesquisa, o envolvimento da família dos adolescentes em atos infracionais, chama a atenção: 51,7% dos familiares tem envolvimento com drogas (vide quadro 1) e apenas 10,9% dos adolescentes entrevistados não revelaram qualquer história de envolvimento infracional na família.

| <b>Atos Infracionais</b>                          | <b>Porcentagem</b> |
|---|--------------------|
| Assalto (pai, irmão, tio)                         | 12,2               |
| Furto (irmão)                                     | 2,2                |
| Preso (sem informação do ato - primos, pai e tio) | 10,4               |
| Jogo do bicho (pai e avô)                         | 4,4                |
| Homicídio (irmão, pai e cunhado)                  | 8,2                |
| Drogas (irmão, tios, padrasto, mãe, pai, primos)  | 51,7               |

**Quadro 1** - Atos infracionais progressos nas famílias dos infratores  
Fonte: Feijó e Assis (2004, p. 163)

Os dados percentuais da pesquisa de Feijó e Assis (2004) demonstram que os vínculos familiares que deveriam ser de afeto e de exemplos positivos e incentivo a uma escolha de vida saudável, na grande maioria dos casos, não são. Ocorrendo exatamente o oposto, isto é, a família é um exemplo de vida fora da lei e de históricos de violência.

Vínculos familiares, que são calcados na violência, na provisoriade e na instabilidade, também foram detectados na pesquisa de Oliveira (2002). A pesquisa aconteceu, entre março de 1999 e março de 2000, com onze adolescentes, do sexo masculino, internos na FEBEM-RP e seis funcionários da instituição. A pesquisadora relata que a escolha dos participantes foi intencional, baseada na disposição do jovem para falar sobre os temas eleitos. As entrevistas

foram realizadas individualmente, e o tempo estimado para cada entrevista era de aproximadamente uma hora.

O objetivo da pesquisa de Oliveira foi de caracterizar a vida cotidiana destes jovens, identificando as percepções, concepções e crenças sobre as experiências vividas e, investigar as propostas de mudanças que possam facilitar o processo de inclusão social de jovens que praticaram delito.

A pesquisadora procurava respostas para muitas questões: “Por que tantos jovens retornavam a instituição? O que acontecia ou deixava de acontecer nas suas vidas para que a internação se repetisse? Que dificuldades enfrentavam e quais seriam suas propostas de mudança?” (OLIVEIRA, 2002, p. 2).

Oliveira (2002) afirma que a análise dos dados da pesquisa mostraram várias facetas que compõem o processo de exclusão na vida destes jovens, demonstrando dificuldades encontradas por eles, para viverem o dia-a-dia longe das infrações. Segundo a autora, a vida concreta dos adolescentes entrevistados é percebida por eles com precariedade, não só econômica, mas também de vínculos, que são calcados na violência, na provisoriedade e na instabilidade, perpassados por aspectos psicossociais como a estigmatização e a culpabilização.

Para Oliveira (2002), a vivência da realidade dos adolescentes infratores gera sofrimento e este sofrimento é frequentemente expresso pela revolta como forma de demonstrar a inconformidade diante das condições de existência e dos tratamentos recebidos. Segundo a autora, a coexistência destes motivos, acrescidos da humilhação, tanto na família como na escola, e da discriminação e truculência com que referem ser tratados pela polícia, são fatores que favorecem a inclusão no mundo do crime.

Oliveira (2002) em sua pesquisa chama a atenção para a vulnerabilidade dos jovens infratores frente ao desenvolvimento e exercício de vida sexual e reprodutiva, sendo que dos onze entrevistados, quatro já são pais, perpetuando assim o ciclo da pobreza e da violência.

Quanto à sexualidade Feijó e Assis (2004) constata que estes jovens repetem o comportamento de seus pais e de seus avós, no relacionamento com os filhos, sendo que 21,8% dos jovens entrevistados no Rio de Janeiro já têm filhos, porém não moram juntos. Feijó e Assis (2004) relatam o descaso de um dos adolescentes em relação à filha:

*Pesquisadora: Uma menina? Você sabe o nome?*

*Menor: Nem o nome eu sei*



*Pesquisadora: Quanto tempo tem isso?*

*Menor: Dois anos e pouco*

*Pesquisadora: Você achou boa idéia de ter uma filha sem conviver com ela?*

*Menor: Sem conviver acho que é ruim, eu fico com vontade de ver, eu não sei onde ela mora[...] (p. 162).*

Feijó e Assis (2004) também ressaltam a perpetuação da violência familiar: “podemos dizer que a maioria dos infratores entrevistados sofreu algum tipo de agressão em casa” (p. 162). Sendo que constatou-se violência física, maus tratos psicológicos e agressão verbal com desqualificação da criança ou do jovem.

Este jovem agredido em todos os seus sentidos, com baixa estima, baixo grau de escolaridade e com um grau altíssimo de violência internalizada, muitas vezes quer, mas não consegue, visto ser mais forte o “circuito” em que sua família está inserida. Os jovens entrevistados por Oliveira (2002) expressam o desejo de parar de infracionar e realizam propostas que incluem a profissionalização, a retomada dos estudos; para isso referem à necessidade de apoio profissional e familiar, sem os quais a inclusão poderá ser ilusória.

Oliveira (2002) em sua pesquisa, não acompanhou os entrevistados após saírem da instituição onde estavam cumprindo as medidas sócio-educativas; lamenta que sua pesquisa não poderá informar se estes jovens conseguiram manter o firme propósito de não mais infracionarem e de se reincerirem na sociedade.

A violência e a crueldade praticadas por jovens paulistanos chamou a atenção de Spagnol (2005) que entre os anos de 1999 e 2002, pesquisou jovens que se envolveram em infrações graves na cidade de São Paulo. Os atos destes jovens chamaram a atenção do pesquisador pela crueldade com que foram praticados. Os entrevistados foram jovens tanto da periferia como de bairros abastados.

A pesquisa de Spagnol (2005) teve início com entrevistas com os internos da FEBEM no município de Tatuapé, SP, que relataram, com riqueza de detalhes, a forma como cometeram seus crimes. Por meio destas entrevistas, o autor chegou a outros adolescentes em diferentes locais da cidade. Spagnol (2005) descreve a sua percepção e sensações durante as entrevistas feitas nas favelas e bairros de São Paulo.

Ao caminhar pelos barracos das favelas e das casas mal acabadas da periferia, o autor encontrava jovens armados que conversavam com ele tranquilamente, provocando uma sensação estranha: “diante de um jovem manuseando uma arma, contando-me como ele

matou suas vítimas, precisava concentrar-me na pesquisa proposta e, ao mesmo tempo, descobrir as 'rotas de fuga', dos barracos, das vielas estreitas, como se tivesse que escapar a qualquer momento" (SPAGNOL, 2005, p. 3). Continua o autor: "[...] Uma sensação não muito diferente surgia ao entrevistar jovens que habitavam as regiões consideradas nobres da cidade, os relatos dos jovens também provocam medo e estavam impregnados de desespero".

As entrevistas de Spagnol (2005) revelam as diferentes formas de atuação dos jovens infratores e a crueldade com que praticaram suas ações. Essas ações, segundo o autor, demonstram que as relações baseadas num princípio de reciprocidade estão rompidas, deixando emergir outros laços sociais baseados no fascínio pelo poder e pela destruição do outro.

Para Spagnol (2005), a maior preocupação social, não é só o fato destes adolescentes matarem, mas a determinação de atirar ou esfaquear uma pessoa, torturá-la, cortar, furar, amassar, destruir seu corpo de maneira desumana, sem demonstrar nenhum sinal de arrependimento. Pelo contrário: em algumas vezes, nos depoimentos dos entrevistados, parece haver prazer em matar, em destruir o outro de maneira bárbara e cruel.

Segundo Spagnol (2005), esta preocupação com a forma como é praticado o crime, por parte de adolescentes, revestida de uma raiva extrema, revela algo inquietante nas relações sociais: a sociedade de maneira geral responde com preconceito e discriminação proporcionais à violência cometida.

O mesmo autor relata que os jovens entrevistados, apesar de levarem uma vida em que o crime violento faz parte de seu cotidiano, conseguem combinar outros tipos de ações entre um crime grave e outro; é característico de suas atividades estarem entrecortadas pela delinquência, o que os obriga a levar uma vida difusa, na qual praticamente tudo o que fazem está envolvido por ações ilícitas. Desde suas relações mais pessoais, familiares, até o espaço que transitam. Segundo o autor, o que seduz o adolescente infrator é a própria ação criminosa.

Algumas das conclusões da pesquisa de Spagnol (2005) registram que as ações dos jovens infratores podem sugerir expressões radicais de mudanças nas relações hierárquicas e de dominação sociais. O desejo de destruir o outro, de impor uma humilhação degradante indica a vontade de destruição material do corpo da vítima, mas também de destruição de certa configuração de relações de forças sociais, cujo corpo de gravitação é o corpo social.

Destaca-se a ligação que Spagnol (2005, p. 5) faz das atitudes dos adolescentes infratores com a Pós-modernidade: "Com a deteriorização das condições de vida das pessoas pertencentes às

classes trabalhadoras e do relacionamento delas com o Estado, alguns jovens desenvolvem estratégias para se tornarem empreendedores”.

O autor afirma que: “em vez de rejeitarem a cultura, adaptam suas estratégias às oportunidades, aos recursos a que têm acesso” (SPAGNOL, 2005, p. 5). Esse jovem “empreendedor” é o jovem que aceitou seu “lugar” em uma sociedade agressiva, hedonista e egocêntrica, assumindo assim atitudes que constitui na convivência com a mesma.

O município de São Paulo, SP, também foi o palco da pesquisa de Bido (2006). O pesquisador fez uma análise do material pedagógico (letras de RAP) produzido em oficinas com adolescentes em liberdade assistida da FEBEM. Esta análise foca o estudo da compreensão epistemológica dos atos infracionais adolescentes, da relação da sociedade com estes atos infracionais e da visão social sobre esse grupo de adolescentes.

Bido (2006) analisa, também, como os elementos da contemporaneidade, entre eles, o consumo, o narcisismo e a violência, interferem na constituição da subjetividade dos adolescentes infratores, abarcando a figura paterna e a questão do desejo como constituintes subjetivos envolvidos no ato infracional.

Para Bido (2006) as restrições sociais representam privações que não podem, muitas vezes, ser internalizadas. O trabalho humano gera riquezas, mas estas não são compartilhadas, gerando hostilidade representada pelas atitudes violentas. Segundo Bido (2006) a violência é uma forma de ataque à cultura de exclusão.

Afirma Bido (2006) que os adolescentes infratores buscam encontrar espaço cultural que os considerem participantes; porém, ao serem excluídos, sentem-se feridos em seu narcisismo; num primeiro momento, buscam satisfações substitutivas, como a arte ou a identificação com os grupos; num segundo momento, reagem agressivamente.

Bido (2006, p. 6) analisou letras de RAP, elaboradas pelos internos da FEBEM, como esta que segue abaixo:

Aí, promotor, pesadelo voltou.  
Chegou mais uma rima e essa aqui é um terror.  
Terror lá da favela, terror da zona oeste.  
Se liga nessa rima que essa aqui é só um teste.  
Um teste pra você tentar me entender.  
Que vida de veneno não foi feita pra você.  
Quem inventou as grades não sabe o que é sofrer.

Este trecho, retirado da letra de um RAP, composto por adolescentes infratores de São Paulo, enfatiza o ponto de vista da inconveniência, isto é, o promotor é “inconveniente” e por isso o “terror” voltou. Para Bido (2006), a agressividade e a performance marcam a forma de ser desses adolescentes. O autor defende que “apenas com a compreensão destas dimensões é que poderemos propor intervenções mais adequadas e eficazes no trato com adolescentes infratores” (BIDO, 2006, p. 10).

Bido (2006, p. 9) destaca algumas frases dos adolescentes pesquisados sobre a sociedade, que vale a pena reproduzir:

Observo que há muita coisa errada na sociedade;  
 Faço guerra com a sociedade;  
 Sinto ódio da sociedade;  
 Sinto muito não poder fazer nada no mundão;  
 Não sei muito bem o que é uma sociedade;  
 Penso em melhorar a sociedade, quero coisas boas, não faço nada, não sinto nada, observo coisas ruins;  
 Sociedade vale nada;  
 Sinto ódio;  
 Sinto que a sociedade está distante;  
 Penso que a sociedade está cada vez pior.

O autor retoma Freud para discutir o distanciamento dos jovens em relação à sociedade no texto sobre o futuro de uma ilusão. Nesta análise ele ressalta as temporalidades que estamos vivendo na Pós-modernidade:

O presente necessita tornar-se passado para produzir sentido, entretanto diz o autor: a hipermodernidade é o tempo do futuro. Nem o presente, nem o passado. Nada de análise ou compreensão da realidade, mas o futuro acelerado, mergulhando-nos na cadeia dos desejos em seqüência (BIDO, 2006, p. 9).

Essa hipermodernidade transpirada em forma de narcisismo e de imediatismo, combinada com falta de projetos de vida fazem com que o jovem perca a visão positiva da sociedade. E muitas vezes arrisca a vida por um simples par de tênis ou um boné.

Os artigos em pauta dão conta de vasta bibliografia acadêmica especializada no tema da vulnerabilidade de jovens infratores. Segundo um dos artigos mencionados, os levantamentos realizados no Brasil mostram que as condições de aplicação das medidas sócio-educativas têm sido inadequadas à promoção do desenvolvimento dos jovens (COSTA; ASSIS, 2006). Tal inadequabilidade deve-se ao fato que o enfoque sócio-educativo não se sobrepõe ao

correcional-repressivo e assistencialista, mas que estes coexistem e justapõem-se, o que dificulta o alcance de resultados positivos.

Soares (2005), no decorrer de todo livro *Cabeça de Porco*, descreve várias causas para a violência juvenil e conseqüentemente a reincidência, dentre estas: a invisibilidade do jovem pobre que vê, mas não é visto, tornando-se estranho; a indiferença e a recusa de acolhimento por parte das grandes cidades que não o vêem; a rejeição em casa, vivida à sombra do desemprego, do alcoolismo e da violência doméstica; a rejeição fora de casa na comunidade pouco acolhedora e na escola, que não encanta, não atrai, não seduz o imaginário jovem e não valoriza seus alunos; existe um “conluio” da coletividade, uma espécie de surda conspiração contra a mudança, ainda que ela seja desejada pelas instituições, pois quando alguém é mau, outros são bons, se um é louco, outros são saudáveis, se alguém tem problema, outros não tem problemas; só haverá vitoriosos se houver perdedores; a partir do momento que a crença se instala no espírito do próprio jovem acusado de que ele é, efetiva e essencialmente, assim, a tendência será a confirmação do diagnóstico, a profecia tenderá a se autocumprir; a conspiração pela reincidência mobilizará empregadores potenciais, familiares, vizinhos, amigos, instituições e antigos parceiros, sendo que as conseqüências práticas da marginalização são o desemprego e a severa restrição das alternativas para a vida e a autoconstrução subjetiva.

A complexidade em identificar dispositivos eficazes para auxiliar adolescentes em conflito com a lei é retratada na vasta literatura disponível sobre o tema mas, como aponta Costa e Assis (2006), a literatura mostra uma tendência dispersiva de grande parte das ações empreendidas neste campo. Por isso, os quadros conceituais apresentados em Ribeiro (2006), com relação ao conceito de resiliência pareceu-nos importante de serem reproduzidos aqui. Até para relacionarmos a resiliência, com o paradigma de promoção da saúde e as redes de apoio social, como conceitos relacionados e pertinentes ao tema das medidas sócio-educativas.

#### **4.1 O conceito de resiliência**

Ribeiro (2006) compara dois quadros (2 e 3) sistematizados por ela sobre o conceito de resiliência, os quais estão separados, alguns, por aproximadamente duas décadas, como é fácil

perceber. A autora apresenta os quadros para demonstrar os avanços alcançados mais recentemente quando o indivíduo passa a ser considerado de forma mais contextual.

Não achamos necessário a consulta pormenorizada aos autores elencados nos dois quadros porque o esforço de sistematização de Ribeiro (2006) é suficiente para nos fazer entender o avanço conseguido sobre o conceito de resiliência. Senão vejamos:

| Área   | Autor  | Conceito  |
|--|--|---|
| Psicopatologia do Desenvolvimento              | E. J. Anthony (1974)                                     | “[...] invencibilidade ou invulnerabilidade”  |
| Psicologia                                     | Primeiros pesquisadores                                  | “[...] invulnerabilidade frente às adversidades”  |
| Psicopatologia do Desenvolvimento              | Primeiros pesquisadores                                  | “Conjunto de traços e condições que podem ser reificados e replicados”  |
| Psicopatologia do Desenvolvimento              | Primeiros pesquisadores                                  | “[...] habilidades individuais”   |
| Psicologia Psiquiatria                         | Rutter (1985 e 1993)                                     | “[...] resiliência ou resistência ao estresse”  |
| Psicopatologia do Desenvolvimento e Psicologia | Zimmerman & Arunkumar (1994)                             | “[...] habilidade de superar adversidades”  |
| Ciências Humanas em Geral                      | <i>Longman Dictionary of Contemporary English</i> (1995) | “[...] habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças, dificuldades etc.: resiliência de caráter”  |
| Ciências Humanas em Geral                      | Houaiss – Dicionário de Língua Portuguesa                | “[...] capacidade de se recobrar ou de se readaptar à má sorte, às mudanças (do latim <i>resilientiae</i> , part. pres. pl. neut. de <i>resiliere</i> , “recusar vivamente”). (In: ANTUNES, 2003, p. 13). |
| Psicologia                                     | Rutter (1997)  | “[...] variação individual em resposta ao risco”. (In: SZYMANSKI; YUNES, 2001, p. 20)   |
| Psicopatologia do Desenvolvimento              | Kotliarenco et al. (1997)                                | “[...] interação entre atributos pessoais, os apoios do sistema familiar e aqueles provenientes da comunidade” (In: ASSIS; DESLANDES; SILVA, 2004, p. 27)   |

**Quadro 2** - Primeiros conceitos de resiliência nas Ciências Humanas e Sociais  
Fonte: RIBEIRO (2006)

É de se notar que a compreensão da resiliência tal como enunciam os autores do quadro 2 acima está baseada em condições e traços do indivíduo, definido resiliência como: capacidade, habilidade, atributo e resistência.

Já no quadro 3 há um avanço atrelando os atributos às instituições, especialmente em Tavares e Grotberg:

| Área                              | Autor                           | Conceito   |
|-----------------------------------|---------------------------------|--|
| Psicopatologia do Desenvolvimento | Luthar (2000)                   | “[...] um processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de grande adversidade” (In: INFANTE, 2005, In: MELILLO; OJEDA; COLS., 2005, p. 26).   |
| Psicopatologia do Desenvolvimento | Lindström (2001)                | “[...] não se trata de resistência, mas de uma capacidade (singular e também socialmente adquirida) de sair-se bem frente a fatores potencialmente estressores” (In: ASSIS; DESLANDES; SILVA, 2004, p. 27).  |
| Psicopatologia do Desenvolvimento | Lindström (2001)                | “[...] resultado da interação positiva entre aspectos individuais, contexto social, quantidade e qualidade dos acontecimentos no decorrer da vida e os chamados fatores de proteção encontrados na família e no meio social” (In: ASSIS; DESLANDES; SILVA, 2004, p. 27).   |
| Psicologia da Educação            | Placco (2001)                   | “[...] capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates – uma característica (poderíamos dizer características?) de personalidade que, ativada e desenvolvida possibilita ao sujeito superar-se e as pressões de seu mundo, desenvolver um autoconceito realista, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, a mudança, ao outro e à realidade subjacente”. (In: PREFÁCIO DE TAVARES, 2001, p. 7-8). |
| Psicologia da Educação            | Tavares (2001)                  | “[...] um conceito novo que traduz uma realidade antiga em que a pessoa humana e as suas mais diversas organizações se refletem em sua própria essência como seres inteligentes, livres, responsáveis, flexíveis, solidários, tolerantes, justos, cordiais, mostrando-nos, assim, o seu verdadeiro rosto” (Orelha do livro Resiliência e Educação).  |
| Psicologia da Educação            | Tavares (2001)                  | “Tornar as organizações mais resilientes, é, pois, desenvolver nelas capacidades que as tornem o mais flexíveis e rápidas possível nas suas respostas, e ao mesmo tempo, mais seguras, rigorosas, adequadas, de melhor qualidade” (In:TAVARES, 2001, p. 59).   |
| Saúde Pública                     | Junqueira & Deslandes (2003)    | “A resiliência não significa um retorno a um estado anterior, mas sim a superação (ou adaptação) diante de uma dificuldade considerada como um risco, e a possibilidade de construção de novos caminhos de vida e de um processo de subjetivação a partir do enfrentamento de situações estressantes e/ou traumáticas” (In: ASSIS; DESLANDES; SILVA, 2004, p. 27).   |
| Saúde Pública                     | Assis, Deslandes & Silva (2004) | “[...] habilidade/capacidade de enfrentar de forma positiva fatores estressores” (p. 27).  |
| Pedagogia                         | Carlos Antunes (2003)           | “[...] capacidade de resistência a condições duríssimas e persistentes e, dessa forma, diz respeito a capacidade de pessoas, grupos ou comunidades não só de resistir às adversidades, mas de utilizá-la em seus processos de desenvolvimento pessoal e crescimento social” (p. 13).   |
| Saúde Pública                     | Assis, Deslandes & Silva (2004) | “[...] um atributo que pode ser promovido pelas instituições socializadoras ao longo da vida [que] ajudaria a contrabalançar partes dos prejuízos causados pela violência” (p. 27).  |
| Psicologia                        | Khoury e Matos (2005)           | “É um processo que envolve enfrentamento, superação e fortalecimento” (p. 13).   |
| Saúde Pública                     | Edith Henderson Grotberg (2005) | “A capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade” (In: MELILLO; OJEDA et al., 2005, p. 14).   |

**Quadro 3** - Conceitos contemporâneos de resiliência

Fonte: RIBEIRO (2006)

Nota-se no quadro acima, as várias áreas de ciências humanas e sociais envolvidas com a temática.

Assim, parece que a volaptibilidade da literatura apontada em Costa e Assis (2006) começa a dar lugar a sínteses compendiadoras, facilitando o trabalho dos pesquisadores. Para nós, os quadros sintetizam posições importantes; nota-se que mesmo dentro de Saúde Pública não há consenso nas opiniões dos pesquisadores. Um modelo de atenção integral à saúde, impõe-se no quadro.

#### **4.2 O paradigma de promoção de saúde**

Agrada-nos as posições defendidas por Costa e Assis (2006) ao enfatizar o paradigma da promoção de saúde, em oposição à punição, como base das medidas sócio-educativas.

Neste paradigma o investimento volta-se para as potencialidades do adolescente infrator, valorizando-se suas competências para o enfrentamento do cotidiano e menos atenção para a condição desviante do adolescente. Assim, os autores tomam como referência a Doutrina da Proteção Integral, que é o eixo central do Estatuto da Criança e do Adolescente, enfatizando os aspectos saudáveis do desenvolvimento, o que favorece as medidas sócio-educativas.

Esclarecem os mesmos autores que o paradigma da promoção da saúde apóia-se num conceito positivo da saúde, que vai além da ausência de doenças ou da satisfação de necessidades básicas. Segundo os autores, este paradigma implica na clara percepção de que a vida tem sentido. Contempla, portanto um aspecto formativo, de desenvolvimento integral e positivo, já previsto no ECA com relação às medidas sócio-educativas.

Os fatores protetivos de maior relevância defendidos por Costa e Assis (2006) são o fortalecimento de vínculos, o desenvolvimento da autonomia e a pertença a um projeto de vida. Os vínculos emocionais positivos são vistos como o primeiro fator de promoção de resiliência; alguns autores vêem a fragilidade dos vínculos como a maior responsável pela exclusão social.

Os vínculos emocionais, entre os adolescentes e os adultos envolvidos no processo sócio-educativo são registrados na literatura de pesquisa da área. Em algumas experiências, cozinheiros e técnicos reconhecem-se como educadores na relação com os jovens, a exemplo da pesquisa relatada em Xaud (1999). Outros estudos apontam os monitores, mais que outros



adultos, funcionando como modelos identificatórios na recente pesquisa relatada em Siqueira e Dell'Aglio (2006), dada a proximidade e permanência desses junto aos sujeitos atendidos.

Em revisão de literatura realizada por esses últimos autores, são reportados estudos nos quais as instituições foram benéficas para os adolescentes; a mesma revisão, contudo, também apresenta pesquisas nas quais são ressaltados os efeitos negativos das instituições. O estudioso do tema debate-se com essas contradições da literatura e é preciso entendê-las dentro de uma nova visão da história, na qual o conceito de acontecimento ou de lógica acontecimental é mais propício.

Costa e Assis (2006) comentam acertadamente que os fatores de proteção não constituem entidades absolutas capazes de produzir respostas iguais a todos os indivíduos mas que se relacionam de modo complexo de tal forma que o que é proteção para uns pode não ser para outros. E é desta forma que entendemos aquela pulverização dos achados de pesquisa, comentada também por Costa e Assis (2006). Em nosso entender, a diversidade discursiva nos achados de pesquisa no tema dos jovens fora da lei não significa fragilidade teórica ou metodológica, mas sim diversidade situacional, pura e simplesmente. De qualquer forma, a revisão da literatura é válida como ponto de apoio para a discussão de nossos próprios achados.

### **4.3 As redes sociais de apoio**

No centro de preocupações desta abordagem de promoção à saúde, está uma rede social de apoio. Esta é também a posição defendida por Ramos (2004), ao analisar o significado da escola aberta pra jovens egressos. A posição de Ramos é que a escola aberta não consegue sozinha dar conta da evasão e a escola como um todo também não atende às necessidades desses jovens.

A idéia de redes sociais está ganhando força nos estudos de várias áreas do conhecimento pois chegou-se à conclusão que indivíduos dotados de recursos e capacidades propositivas organizam ações mobilizadas pelo próprio desenvolvimento das redes; o terceiro setor e as organizações não governamentais foram assim o espaço onde as redes sociais se expandiram, sendo que seus efeitos podem ser vistos na relação com o Estado e outras instituições representativas.

Para os estudos das redes sociais, as unidades de análise não são os atributos individuais como sexo, idade, classe, gênero mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem uns com os outros, conforme esclarece Marteleto (2001). Assim, Ramos (2004) sugere a aglutinação das políticas públicas (saúde, educação, trabalho, geração de renda, saneamento básico, moradia, alimentação, assistência social) com os serviços de atendimento aos jovens e suas famílias.

A autora propõe então uma rede social de apoio assim constituída:

Programa de Abordagem de Rua; Escolas de educação infantil, de Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Ensino Médio; Conselhos Tutelares; Programa Sócio-Educativo em Meio aberto; Abrigo; Repúblicas Protegidas; Programa de Orientação Sócio-familiar. Programa de Renda mínima às famílias; Programa de Geração Trabalho e Renda; Serviço Especializado de Atendimento a Dependentes Químicos e para pessoas em sofrimento psíquico; Serviço Especializado a Vítimas de Maus tratos e Abuso Sexual. E outros que se fizerem necessários para melhorar a vida destas pessoas (RAMOS, 2004, p. 303).

A autora propõe então uma rede de atendimento formada pelas organizações governamentais e não governamentais a fim de promover a permanência dos adolescentes na escola. Esta rede serviria para reverter a situação dos meninos e meninas de rua e prevenir os que ainda não estão na situação de rua.

As medidas sócio-educativas poderiam ser elas mesmas configuradas como redes para promover este apoio social ao adolescente em conflito com a lei. Muitas vezes a instituição responsável pela aplicação da medida constitui a fonte de apoio social mais próxima e organizada na vida do jovem, como esclarecem Costa e Assis (2006).

A importância da escola aberta como proposta de vinculação da escola à comunidade escolar é enorme, e o artigo 113 do ECA deixa claro que na aplicação das medidas sócio-educativas levar-se-ão em conta as necessidades pedagógicas, preferindo-se aquelas que visem o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

O papel das instituições sociais na promoção da resiliência enquanto prováveis promotoras dos fatores de proteção ao jovem em risco com a lei é também ressaltado por Costa e Assis (2006) bem como por autores elencados no quadro conceitual da resiliência.

#### 4.4 A literatura de divulgação científica

O tema da violência é um tema midiático por excelência. Há autores que inclusive, referem-se ao signo violência para demonstrar que o assunto é também produzido pela mídia (VENERA, 2005). Assim, há uma profusão de literatura mais próxima da divulgação científica, como expressa em livros e revistas semanais de grande circulação no país, que achamos importante explorar.

Alguns livros oriundos de pesquisas acadêmicas foram objeto de nossa atenção. São eles: Spagnol (2005), Batista (2003, a e b) e Silva (1998). Identificamos também outros livros oriundos de práticas profissionais como Seda (a e b), Soares (2005) e Barcellos (2005). Incluímos ainda, uma literatura produzida por jornalistas envolvidos com a temática, os quais expressam suas idéias em entrevistas concedidas a revistas semanais de grande circulação nacional; outras vezes em revistas pedagógicas onde os jornalistas dão voz a profissionais de várias áreas envolvidos com o tema.

Começemos por esses últimos: a Revista Nova Escola, em sua edição de março de 2004 traz uma discussão sobre a diminuição da maioridade penal, juntamente com algumas entrevistas, como a do Doutor em Educação, Jailson de Souza e Silva:

Outros motivos que influem na preferência dos traficantes pela mão-de-obra infantil são uma suposta impulsividade característica da idade e o fascínio que a carreira criminoso exerce sobre os jovens. O tráfico seduz porque promete mais dinheiro, mais respeito e mais força dentro de comunidades em que o contexto familiar se tornou muito vulnerável (SOUZA; SILVA In: FERRARI, 2004, p. 57).

Ainda na Revista Nova Escola (FERRARI, 2004, p. 56), o advogado João Pereira Brandão, que acompanha processos judiciais relacionados a adolescentes, diz: “Minha experiência permite dizer que muitas vezes os jovens são punidos mais severamente que os adultos”. Quando compara a FEBEM a prisões, Brandão se refere, entre outras coisas, à superlotação, às más condições estruturais e à ameaça permanente de rebelião, ao dizer: “Desse modo, as instituições para menores infratores constituem, quase sempre, escolas de crime, tanto quanto os presídios de adultos” (FERRARI, 2004, p. 58).

A Revista Nova Escola (FERRARI, 2004) relata uma pesquisa realizada pelo Governo Federal, em que 96,6% dos jovens que cometerem algum delito não concluíram o Ensino

Fundamental. Nesta pesquisa estatísticas também mostram que o grau de incidência de infrações está diretamente relacionado à carência social das comunidades em que ocorrem.

A Revista *Abceducatio* (ADORNO, 2004) traz uma reportagem grande sobre o problema, tendo em sua capa um menino apontando uma arma. A Revista *Abceducatio* entrevista Sérgio Adorno que diz que a FEBEM tem que ser desconstruída e chama a atenção para o problema da criança no Brasil: “Elas são submetidas precocemente ao mundo do trabalho em condições muito degradantes, exploradas de forma desumana e sujeitas a um regime de desgaste acentuado, desgaste precoce de suas energias e que lhe tira o direito de ser criança” (ADORNO, 2004, p. 8). Questionado sobre o que é ter direito à infância, Adorno diz “direito à escolarização, convivência sadia com seus pares, poder aprender a lidar com os conflitos, com as diferenças, enfim poder ser criança e desfrutar do imaginário infantil”.

Sobre o recrutamento de crianças pelo narcotráfico Adorno, que é coordenador do Núcleo de Estudos da Violência e atualmente desenvolve pesquisas sobre crianças e adolescentes envolvidos no mundo do crime, diz:

É um fenômeno também bastante grave, embora não generalizado. Onde o tráfico se instalou é que a criança tem sido recrutada. Isto é trágico porque socializa a criança muito cedo no mundo da violência. Ela adquire uma visão de mundo em que, no seu modo de ver, a violência pode ser a moeda de troca, tornando-se a sua linguagem corrente, vai aprender a manipular arma de fogo, dispor da vida do outro como se fosse uma mercadoria, como se fosse algum bem que pode ser comprado ou vendido e sobretudo ter um futuro muito precoce. Uma parte muito significativa destes jovens não chega aos 25 anos (ADORNO, 2004, p. 6).

Sérgio Adorno, nessa entrevista, é muito claro em relação à FEBEM, a respeito da qual tece críticas fortes e bem definidas sobre mudanças emergenciais: “Nós sabemos que as crianças provenientes das famílias pobres são tratadas de modo muito duro. As FEBEMs funcionam na verdade como prisões disfarçadas onde as condições de vida e de atenção são muito precárias” (ADORNO, 2004, p. 6). Adorno continua falando que os fatos que ali acontecem (nas FEBEMs), estão muito longe de cumprir o ECA, pois ocorre espancamento e violência indiscriminada de difícil análise de extensão. Adorno explica que a falta de transparência é muito grande, que a FEBEM é fechada em relação à prestação de contas em relação às políticas que adota e o resultado destas políticas e assim, não sabendo o que se passa lá dentro, os direitos humanos não conseguem intervir, nem pressionar, nem pode exercer o trabalho de vigilância, que é fundamental no exercício da democracia.

Segundo Adorno (2004, p. 7), o nosso grande problema é que a democracia não conseguiu enfrentar a questão do adolescente em conflito com a lei: “continuamos acreditando que problemas de lei e ordem se resolvem sempre com mais repressão, retendo todos estes jovens nessas instituições querendo dar a impressão de estar exercendo uma política eficaz e um controle eficaz”. Para Adorno (2004) a FEBEM não é uma saída, pois nós já sabemos que nenhum sistema educativo que reúna em grandes instituições um amplo número de pessoas se revela um modelo com êxito e sim um modelo de fracasso, pois mistura jovens com fraco envolvimento com o crime com jovens com graves problemas que já estão socializados com o mundo do crime e que têm profundas dificuldades de integração e adequação com a sociedade.

Quando indagado pela revista *Abceducatio* sobre qual é o fator primordial do ingresso dos adolescentes no mundo do crime Adorno (2004), responde que é a natureza dos vínculos que esses jovens estabelecem com o mundo social, explica que os jovens que em geral enveredam pela delinqüência são aqueles que nesse processo de experimentar, cometer um furto aqui outro ali, evoluem para o assalto, começam a ter relações cada vez mais frequentes e mais enraizadas com as instituições encarregadas da ordem e acontece um entra e sai da FEBEM e da polícia. Estes jovens constroem suas vidas com o cálculo de poder ser preso, de poder apanhar, de ser perseguido, como se isso fizesse parte de sua vida.

A Revista Educação (CASTILHO; TORREZAN, 2004), traz em sua capa jovens rebeliados em cima de uma laje, camisetas cobrindo seus rostos, alguns armados com pedaço de madeira na mão, com o seguinte título: A Escola do ódio: Torturas, assassinatos, rebeliões, humilhação, medo – construídas para integrar sistema educacional, unidades para internação de menores infratores educam para o crime.

A Revista Educação (CASTILHO; TORREZAN, 2004) abre uma grande reportagem sobre o assunto, alertando que um infanticídio está em curso no Brasil e passa alguns dados para o leitor: 40 mil adolescentes cumprindo medidas sócio-educativas no Brasil, sendo que a metade destes jovens estão em São Paulo, 6.500 crianças e adolescentes estão encarcerados na FEBEM, no país inteiro são 12 mil jovens internados e mais de 300 em presídios, apertados em celas lotadas, reféns de um sistema falido, que não educa, tampouco combate a criminalidade. Conforme diversos relatos, o cotidiano da FEBEM inclui: superlotação; maus-tratos; alta rotatividade ou falta de professores; inexistência de concursos; interrupção do ano letivo por conta de rebeliões (ou ameaças); falta de projeto pedagógico; e, após até três anos

de internação, a volta sem assistência à periferia – com carência de empregos, equipamentos públicos e saneamento, situações recorrentes de desagregação familiar, tráfico de drogas.

Segundo Ariel de Castro Alves (In: CASTILHO; TORREZAN, 2004), em São Paulo não há projeto pedagógico (nas FEBEMs) e sim projeto repressivo e o investimento é de uma burrice absurda, pois são quase R\$ 1.800,00 mensais por adolescente para sair de lá e voltar a infracionar. Para o Padre Júlio Lancelotti (In: CASTILHO; TORREZAN, 2004) o jovem que sai da instituição, mesmo que tenha freqüentado a escola, não sai matriculado em outra, com a vaga garantida e muitos nem podem estudar porque a documentação que deveria estar pronta no dia que ele sai da instituição não chega a tempo.

Para o Doutor em Educação e ex-interno da FEBEM, Roberto Da Silva (In: CASTILHO; TORREZAN, 2004), a FEBEM claramente deseduca, ao instituir vícios, hábitos e costumes que são rejeitados socialmente. Porém, o que ela ensina aos adolescentes é como desenvolver mecanismos de sobrevivência dentro do meio cruel e rude em que vivem. Essa educação social para a sobrevivência e superação das dificuldades em meios basicamente mediados pela violência, isso a FEBEM ensina.

O Jornal Folha de São Paulo (FOLHA DE S.PAULO, 2004) publicou uma reportagem enfatizando a entrada feminina em grande escala na delinquência juvenil. Dizeres e posturas que até bem pouco tempo atrás faziam parte do cotidiano masculino, cada vez mais fazem parte do dia-a-dia de adolescentes meninas. Segundo a reportagem, o perfil da adolescente em conflito com a lei em São Paulo encaixa-se, a maioria entre 16 e 17 anos, muitas pertencentes à classe média baixa sendo 32, 7% dos casos por roubo qualificado.

‘Fui eu quem quis, ninguém me influenciou’ diz a primeira. ‘Foi pelo dinheiro fácil, afirma a outra’. ‘Gostava de andar na moda’ diz a terceira. ‘Só queria baladas diz a seguinte’. Nos relatos não existe papel de vítimas, assumem a responsabilidade pelos crimes que cometeram – roubo qualificado e tráfico de drogas são os principais – com uma maturidade que contrasta com a voz fina, tranças e enfeites nos cabelos. [...] Os relatos das meninas não são muito diferentes do que dizem os garotos, é a mesma lógica do consumo. Boa parte não vive em situação de miserabilidade, mas entra para o crime porque quer tênis importado e roupa da moda (FOLHA DE S.PAULO, 2004, C-3).

O que chama muito a atenção nesta reportagem é que duas das meninas entrevistadas – uma de 14 anos e a outra de 15 anos – eram namoradas dos traficantes, passando a morar com eles, a portar armas, a ajudar em todo o “trabalho” na boca de fumo, inclusive de cobrança, esta

feita a mão armada. Nas entrevistas feitas em Itajaí (Galileu - Apêndice B) veremos que esta é uma realidade que infelizmente já chegou em Santa Catarina, pois encontramos um traficante de 17 anos casado com uma menina de 13 anos, a qual ele não deixa estudar e faz com que ela o ajude no “trabalho”.

No livro *Abusado*, Caco Barcellos (2005) retrata a vida do traficante Marcinho VP, cujo pseudônimo é Juliano. Barcellos conta a infância pobre do traficante, a sua educação repressora. Juliano foi educado para não reclamar e não chorar, mesmo quando era surrado. Ele tinha sete anos quando o pai o agrediu com um soco no peito, tão violento que o jogou contra a geladeira e amassou a porta (BARCELLOS, 2005).

Relata Barcellos (2005) que Juliano abandonou o colégio na quinta série, depois de reprovar quatro anos por faltas excessivas. Durante parte de sua adolescência ausentava-se muito da escola, procurando descobrir caminhos que o levassem a uma vida mais interessante do que a dos seus pais. Na adolescência Juliano ainda temia seu pai violento e mal-humorado, mas já não respeitava a sua autoridade.

O livro *Cabeça de Porco* (SOARES, 2005) escrito a três mãos (Soares, Bill e Athayde) faz uma radiografia dos meninos que vivem no tráfico em todo o Brasil. A pesquisa foi feita em várias cidades do Brasil, durante oito anos, nos quais o Rapper MV Bill e seu empresário Celso Athayde entrevistaram mais de cem jovens, escolhendo 17 para acompanhar, sendo que destes, 16 já estão mortos. As entrevistas eram realizadas no local de “trabalho” dos meninos, e traz a realidade clara de como vivem Os Falcões, nome dado ao menino que fica armado em cima de lajes cuidando do movimento da favela e a possível entrada da polícia, bem como de “inimigos” de outras facções. Em todo o livro aparece uma preocupação clara sobre a emergência da situação que foi pesquisada:

A responsabilidade é do Estado, sim, é dos governos, de todos eles, mas também da sociedade, de cada um de nós. Não é aceitável jogar a culpa de tantas deformações e injustiças nas costas de um punhado de moleques. Por outro lado, não há soluções fáceis. A recusa à culpabilização unilateral e maniqueísta dos jovens pobres que se desenvolvem com o crime não pode mais se traduzir em mera negação de sua responsabilidade. Nem são apenas os jovens pobres que transgridem as leis. Seus crimes dificilmente existiriam, na escala que os caracteriza, não fosse a ação dos criminosos de colarinho branco (SOARES, 2005, p. 124).

O grande diferencial da pesquisa feita pelo Rapper é que ele é morador de comunidade, morador da Cidade de Deus desde que nasceu, e mesmo após começar a fazer sucesso não

abandonou sua comunidade. Entrevistou a garotada com a mesma linguagem. Os meninos sentiam-se à vontade ao lado de um “igual”, isto é, de alguém que mora em comunidade, que trabalha desde os 13 anos e que já passou muita necessidade. Esta identificação positiva levou ao alto grau de confiabilidade da pesquisa.

Em março de 2006, foi ao ar, pela Rede Globo de Televisão, o documentário Falcão: Meninos do Tráfico, o qual mostrou, em rede nacional, algumas cenas da pesquisa do Rapper MV Bill. No dia seguinte o Brasil acordou aterrorizado, todos os principais jornais traziam comentários, aconteceram discussões sobre o assunto e o Rapper começou a viajar pelo Brasil inteiro dando entrevistas e promovendo debates.

Em 28 de junho de 2006, MV Bill esteve em Itajaí, lançando seu segundo livro: Falcão Meninos do Tráfico, no qual, ele (Bill) e seu empresário Athayde descrevem os bastidores dos oito anos de pesquisa, isto é, suas dificuldades, seus sofrimentos, suas descobertas e, principalmente, suas angústias e noites insones após alguns acontecimentos. Do livro Falcão é importante conhecer alguns depoimentos dos meninos:

Como você entrou nessa?

Eu estudava, só estudava mesmo, aí depois comecei a fumar maconha, aí deu na minha cabeça pra mim parar de estudar, parei de estudar. Aí depois fui traficando e, tipo assim, mané, é uma ilusão, entendeu? Arruma dinheiro, arruma mulher, mas pó, eu to dando um exemplo pra quem ta fora não entrar. Tipo assim, a maconha já muda a pessoa entendeu? Comecei a traficar, não quis mais parar, fiquei nessa mesmo (ATHAYDE, 2006, p. 69-70).

Você se arrepende de alguma coisa na vida?

Me arrependo sim. A vida que eu tenho agora não é a vida que eu tinha antes. Antes eu tinha uma vida com algumas necessidade, mas até então eu podia andar tranqüilo, não se escondia da polícia, não tinha inimigo nenhum, então eu andava tranqüilo. Agora já não é mais a mesma coisa. Agora a minha vida não é mais o que era antes. Eu não passo mais necessidade que eu passei, mas agora eu sou escondido, eu tenho que fugir da polícia (ATHAYDE, 2006, p. 81).

Quando você pensa no teu filho, o que vem na tua cabeça?

Só penso no meu filho não seguir o mesmo caminho que eu segui, procure não vacilar. Pó, penso no meu filho ser uma pessoa tranqüila, uma pessoa normal. Eu também tenho que ser um exemplo pra ele também. Não vou querer que meu filho siga o meu caminho, meu exemplo. Ensino outros tipos de coisas pra ele. [...] no momento ele ta pequeno, mas poxa, eu já não chego perto dele com arma, eu já não chego perto dele com cheiro de maconha, com maconha na mão (ATHAYDE, 2006, p. 160).



Respondendo à questão primordial: Adolescentes em conflito com a lei, quem são estes meninos? Para Luppi (1987, p. 240) “Nem santos, nem bandidos. Duendes de um país que não existe”. Para Rapper MV Bill (SOARES, 2005, p. 276) “Para mim, eles não são vítimas, não são culpados. Pra mim, eles não são marginais nem santos. Pra mim, eles são apenas humanos, nada mais”.

Soares (2005, p. 277) deixa claro que felizmente terminou o tempo do paternalismo, “que reproduz o mesmo esquema do cinismo elitista com sinal trocado: os meninos em armas deixam de ser culpados para serem vítimas”. Segundo Soares (2005), a linha do bem penetrou o tecido do mal e a costura tornou os fios indistinguíveis, por um lado quanto mais demonstramos compaixão e compreensão, mais ambigüidades transmitimos aos jovens e mais os desnorreamos; por outro lado, quanto mais o Estado mobiliza suas forças, mais precipita a brutalidade e a corrupção na polícia.

Para Soares (2005, p. 125):

O grande desafio está em humanizar o sujeito que comete o crime, sem subtrair-lhe a responsabilidade; responsabilizar o ‘sistema’, sem eximi-lo da responsabilidade de distribuir responsabilidades e aplicar penas, segundo as leis, humanizando-as; humanizar o ‘sistema’, transformando-o, criando condições para que prosperem a solidariedade e a verdadeira justiça.

Depois de extensa pesquisa bibliográfica, após conviver dois anos e meio dialogando com estes jovens, entrevistando, ouvindo, percebendo as suas visões de vida, as suas leis e suas realidades, posso dizer, que são os filhos dos “Pixotes”, netos dos “Pivetes”, bisnetos dos “malandros desocupados” e tataranetos dos capoeiras ex-escravos. Geração após geração sem esperança, sem políticas públicas que atendam suas necessidades de estudo, de cultura, de lazer e de oportunidades de trabalho digno.

Filhos de uma Escola pública desacreditada, depredada em seu patrimônio intelectual e cultural, que não consegue atrair nem satisfazer suas necessidades essenciais de formação de cidadão e de trabalhador, muito menos preencher sua ânsia de emoções e descobertas, tão viscerais nesta fase da vida do ser humano.

São os filósofos da Pós-Modernidade, que no seu vácuo de esperanças, querem consumir, mas não têm salário, que precisam comer, “precisam” estar bem vestidos com a roupa da moda, “precisam” urgentemente e insanamente aproveitar o máximo desta sociedade egoísta, individualista e hedonista, portanto tomam seus assentos - no último vagão - e viajam no trem

da história, fazendo malabarismos com suas armas, utilizando-as como meio de sedução e visibilidade, gritando para avisar a sociedade que está na hora de parar esse trem e remodelá-lo, ou corremos o sério risco deste descarrilar e atropelar a todos nós co-responsáveis por tanta miséria, descaso pela vida humana e negligência educacional, ética e social.

## 5 METODOLOGIA

### 5.1 O contexto

A pesquisa situa-se no município de Itajaí, SC, o qual apresenta o seguinte contexto sócio-educativo:

- Total de jovens que possuem medida de **Liberdade Assistida (LA)** = 80.
- Total de jovens que possuem medida de **Prestação de Serviço à Comunidade (PSC)** = 197 destes, 45 possuem as duas medidas, de PSC e LA.
- Adolescentes Internos no **Centro de Internação Provisória (CIP)** = 14.

As Entidades onde os adolescentes prestam serviço à comunidade são: APAE (Associação de Pais e Amigos de Excepcionais), APDEFI (Associação dos Portadores de Deficiência Física de Itajaí e Região), Abrigo Luz do Amanha, Biblioteca Pública, Casa da Cultura Dide Brandão, CEJA (Centro Integrado de Educação para Jovens e Adultos), Entidade São Francisco de Assis, Paróquia São João, Paróquia São Cristóvão, Lar da Criança Feliz, Lar Fabiano de Cristo, Casa da Juventude, Lar Padre Jacó, **Parque Dom Bosco**, COMBEMI (Centro Municipal do Bem-Estar do Menor de Itajaí).

A presente pesquisa buscou, junto ao Fórum de Itajaí, no Departamento de Medidas Sócio-Educativas, dados quantitativos atualizados de atendimento aos adolescentes em conflito com a lei.

Os dados quantitativos se referem à idade, nível de escolaridade, reincidência, se faz uso de drogas ilícitas, se trabalha, tipo de ato infracional cometido, quantos adolescentes estão em Liberdade Assistida (LA) e o número de adolescentes que cumprem medida sócio-educativa em Prestação de Serviço a Comunidade (PSC) (Anexo A).

Em abril de 2006, a faixa etária de maior concentração de jovens inseridos no programa de medidas sócio-educativas, na Comarca de Itajaí variava entre 18 a 20 anos de idade, conforme quadro 1 (Anexo A).

O grau de escolaridade que concentra mais jovens situa-se no intervalo de 5ª série ao primeiro ano do ensino médio. Sendo que há mais jovens na 8ª série e no primeiro ano, do total de 254

jovens inseridos no programa de medidas sócio-educativas na Comarca de Itajaí, conforme quadro 2 (Anexo A).

Do total de 254 jovens inseridos no programa de medidas sócio-educativas, há uma reincidência de 144 jovens, dos quais 125 fazem uso de drogas; são mais numerosos os jovens que não trabalham (141 em contradição a 106 jovens trabalhadores).

Completando o perfil contextual do ambiente desta pesquisa, podemos afirmar que o ato infracional de maior incidência entre estes 254 jovens da Comarca de Itajaí é o furto (83 ocorrências), seguido de roubo (26 ocorrências) e por último o porte de entorpecentes (23 ocorrências), conforme quadro 4 (Anexo A).

## 5.2 Sujeitos: critérios de seleção

### 5.2.1 Primeira etapa da pesquisa: os sujeitos do CIP

A pesquisa situa-se no município de Itajaí, SC. Os sujeitos da presente pesquisa são nove adolescentes em conflito com a lei, de duas instituições diferentes, conforme o quadro 4 abaixo:

| <b>ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI</b>  |          |
|--|----------|
| Internos no CIP – acompanhados de março/2004 a setembro/2006   | 3        |
| Cumprindo medida sócio-educativa de prestação de serviço à comunidade no Parque Dom Bosco – acompanhados de março/2005 a setembro/2006 | 6        |
| <b>Total</b>   | <b>9</b> |

**Quadro 4** - Adolescentes pesquisados

Os nove jovens fazem parte deste total geral de 254 jovens que mencionamos no item 5.1 (O contexto).

A primeira etapa da pesquisa iniciou em fevereiro de 2004 no CIP – Centro de Internação Provisória – de Itajaí, SC. No CIP os meninos estão internos, cumprindo medidas sócio-educativas ou esperando a sentença do juiz, que pode ser de três meses a três anos de internação. A pesquisadora conviveu por quatro meses consecutivos, freqüentando o CIP duas vezes por semana. Nestes dias passava oito horas com os meninos, conversando, escrevendo

cartas para a família, fazendo amizade, almoçando e lanchando na mesma mesa, visitando-os nos quartos, enfim, convivendo no seu dia-a-dia, entendendo seu vocabulário e aproximando-se de seus corações e mentes.

A pesquisadora a cada dia se aproximou mais dos meninos, fez jogos lúdicos, levou músicas para cantar e interpretar. No CIP, a pesquisadora teve contato com dezessete adolescentes em conflito com a lei, dos quais escolheu-se três para entrevistar e acompanhar sua trajetória até setembro de 2006.

A escolha dos três foi categoricamente por um único motivo: foram apenas estes três que aceitaram falar sobre suas vidas.

A proposta da convivência e acompanhamento da trajetória foi feita para todos, sendo que alguns debocharam, outros foram indiferentes, outros pensaram que os seus relatos orais poderiam acabar nas mãos do Juiz e isso atrapalhar o processo à que estavam submetidos no Fórum.

Todavia, três adolescentes aceitaram, sendo que as primeiras entrevistas foram feitas individualmente em seus quartos, com duração de duas horas em média. Estes jovens não aceitaram gravar a entrevista, por isso, o diálogo ia acontecendo como um “filme”, eles contando sua trajetória e a pesquisadora anotando e fazendo algumas perguntas diretas sobre família, uso de drogas, escola, etc.

Após a primeira entrevista, os diálogos e “desabafos” aconteceram naturalmente, com uma aproximação muito grande de dois adolescentes com a pesquisadora que acompanhou pessoalmente a trajetória destes jovens por dois anos e meio, de março de 2004 a setembro de 2006.

Dos três adolescentes do CIP, um fugiu, sendo recapturado apenas depois de completar dezoito anos, indo direto para o Presídio em Florianópolis por ter cometido dois assassinatos. Por este motivo, a pesquisadora acompanhou o desenrolar dos acontecimentos deste jovem, por informações no Fórum, na imprensa e junto à família.

Todos os adolescentes receberam um pseudônimo com nomes de filósofos escolhidos pela pesquisadora. São os “filósofos” da Pós-Modernidade, que transmitem através de seus depoimentos, suas trajetórias, seus acertos e suas recaídas, seus amores e dissabores, suas vitórias e lágrimas de derrotas amargas, seus sonhos, e finalmente e principalmente seus desabafos pedindo socorro, ajuda, escola, qualidade de vida, amor, família, lazer e cultura.

### Os três adolescentes do CIP:

- **Rousseau**: em 2004, data da entrevista, já estava no CIP pela terceira vez, fato esse que demonstra reincidência. Após sair do CIP, reincidiu por mais duas vezes, sendo que numa destas, levou cinco tiros e quase morreu.
- **Jacob**: 2004, no momento da entrevista já havia passado pela polícia três vezes, sendo que internado era sua primeira vez. Voltou para o CIP em 2005 por assalto à mão armada.
- **Critolau**: em 2004, já tinha quatro passagens pela polícia, sendo que na quarta foi internado no CIP. Seu caso mostrava claramente problemas psiquiátricos, mas não foi tratado, (embora o ECA preveja tratamento psiquiátrico). Fugiu, cometendo, depois dos 18 anos, dois assassinatos e um assalto à residência, sendo que no ato do assalto molestou sexualmente uma adolescente que estava na residência. Hoje, encontra-se detido na penitenciária de Florianópolis.

#### 5.2.2 Segunda etapa da pesquisa: os sujeitos do Parque Dom Bosco

A segunda etapa da pesquisa aconteceu no Parque Dom Bosco de março de 2005 a setembro de 2006.

O Parque recebe, aos sábados à tarde, adolescentes (Quadro 4) em conflito com a lei para cumprirem a medida Sócio-Educativa de Prestação de Serviço à Comunidade (PSC). São adolescentes infratores que estão junto às suas famílias, que têm acompanhamento psicossocial do Fórum e se apresentam no Parque Dom Bosco para cumprirem quatro horas semanais de PSC.

É bastante variável o número de sábados que os jovens frequentam o Parque, pois conforme a PSC aplicada pelo juiz, vai de quatro até quarenta e oito sábados. A pesquisadora esteve acompanhando esses adolescentes durante um ano e meio, todos os sábados. Durante esses dezoito meses, passaram pelo atendimento do Parque Dom Bosco noventa adolescentes.

Aos sábados a pesquisadora dialogava em média, com três adolescentes em particular, com duração de quarenta e cinco minutos, aproximadamente. Durante os diálogos foi surgindo uma afinidade de alguns jovens pela pesquisa.

A pesquisadora convidou dezoito jovens para participar, de acordo com o número de sábados que eles teriam que frequentar. A proposta foi feita apenas para adolescentes que frequentariam doze ou mais sábados. Dos convidados, seis adolescentes aceitaram, desde que não fossem gravadas as entrevistas e diálogos (estes seis adolescentes participaram das aulas de educação para a paz durante 10 a 12 sábados).

Além dos encontros individuais, a pesquisadora também propôs e efetuou encontros em grupo, onde aplicou técnicas de Alfabetização Emocional (Antunes 1998 e 1999) e Aulas de Educação em Valores Humanos (Martinelli 1996 e 1999).

### **Os seis adolescentes do Parque Dom Bosco:**

- **Galileu:** Cumpriu 24 sábados de PSC, e durante todo esse período continuou com seu “negócio” (tráfico de drogas). Em nenhum momento parou, apenas, segundo ele, tomou mais “cuidados” para os “meganhas” não o pegarem. Em julho de 2006, após completar 18 anos, foi preso por tráfico de drogas. Hoje encontra-se detido na penitenciária de Itajaí.
- **Maquiavel:** O adolescente esteve no CIP em 2004. Quando saiu, em 2005, cumpriu a PSC no Parque Dom Bosco. Atualmente (2006), encontra-se morando com a mãe e trabalhando na construção civil. Até o momento, não houve reincidência.
- **Lucrecio:** O adolescente cumpriu a PSC, em 2005. No presente momento (2006) mora com os pais e não houve reincidência.
- **Fontenelle:** O adolescente esteve no CIP em 2004. Ao sair, cumpriu a PSC, em 2005, no Parque Dom Bosco. Naquele mesmo ano, ficou noivo e foi trabalhar com o sogro. Em 2006 foi morar com a noiva e continua trabalhando com o sogro. Voltou a estudar (na companhia da noiva que vai junto para incentivar). Atualmente (2006) encontra-se construindo sua casa no terreno atrás da casa do sogro e com planos de casamento no civil e na igreja. Não houve reincidência.
- **Platão:** O adolescente passou pelo CIP, onde ficou 2 meses e 15 dias, após recebeu a PSC de 48 sábados (de 4 horas cada), no Parque Dom Bosco. Atualmente está trabalhando e estudando manutenção de computadores no Parque Dom Bosco, é um ótimo aluno e tem cumprido sua medida Sócio-educativa rigorosamente em dia. Não houve reincidência.
- **Sócrates:** O adolescente cumpriu rigorosamente os 12 sábados de PSC, sendo que 3 sábados veio acompanhado do pai, que pediu ajuda e para dialogarmos juntos, pois o menino

ainda estava freqüentando a boca de fumo e recusava-se a trocar de ambiente. Atualmente ele encontra-se fazendo curso de Elétrica no Dom Bosco, freqüentando as aulas com assiduidade e demonstrando muito interesse. Depois que terminou de cumprir a PSC, continuou procurando ajuda para conversar durante vários sábados. Até o momento não houve reincidência.

### **5.3 Material e método**

A presente pesquisa utilizou como base epistemológica a análise de conteúdo enfocando o método qualitativo. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas realizadas com o consentimento dos adolescentes (o roteiro proposto está no apêndice A).

Nenhuma das nove entrevistas ficou com o mesmo número de perguntas, tampouco com o mesmo roteiro, pois cada menino tem uma trajetória, uma maneira de falar, principalmente, uma maneira de se posicionar diante do ato infracional e suas conseqüências.

O intuito destas entrevistas foi de conviver e participar neste momento da vida destes jovens. De saber quais os determinantes que os levaram a cometer os atos infracionais; sua visão referente às medidas sócio-educativas, isto é, se na opinião deles as medidas sócio-educativas têm eficácia na não reincidência e na retomada de um cotidiano sem a intenção e ação de atos infracionais; e a quais fatores eles atribuem o seu sucesso pessoal em não reincidir (caso a reincidência não tenha ocorrido).

### **5.4 Entrevista com autoridades e técnicos do departamento do programa de medidas sócio-educativas**

Para melhor contextualizar a situação do adolescente infrator no Município de Itajaí, foram entrevistadas autoridades ligadas ao programa de medidas sócio-educativas deste Município, a saber: o Juiz da Infância e Juventude, o Secretário Municipal da Secretaria da Criança e do Adolescente (SECAD) e a Coordenadora do Programa das Medidas Sócio-Educativas - Secretaria da Criança e do Adolescente.

Dois técnicos do departamento de medidas sócio-educativas de Itajaí, bem como os dois responsáveis pelo cumprimento das medidas sócio-educativas no Parque Dom Bosco que



foram entrevistados com a finalidade de verificar a percepção dos profissionais em relação às medidas sócio-educativas e sua eficácia.

### **5.5 Proposta de educação holística para adolescentes infratores**

Durante o convívio com os adolescentes infratores, tanto no CIP, como no Parque Dom Bosco, esta pesquisadora propôs aulas do Programa Educação em Valores Humanos, conhecido como PEVH.

Este programa é originário da Índia, teve seu início na década de sessenta do século vinte; e integra hoje ações educativas em mais de cem países. No Brasil, o programa inspira currículos escolares e programas de Pós-Graduação nos estados de Paraná, São Paulo e Minas Gerais, conforme relatam Martinelli (1996 e 1999), Diskin *et al.* (1998) e Puebla (1997).

O PEVH evidencia a importância de resgatar valores morais e éticos, auxiliando os adolescentes a buscarem seu autoconhecimento, como ponto de partida para o desenvolvimento do potencial criativo, a autoestima, a construção de Valores Humanos internalizados conscientemente e, automaticamente, a conclusão de que podem recomeçar suas vidas de uma maneira digna, porque são capazes e inteligentes.

A transformação de uma sociedade que agoniza - pedindo socorro, através de seus filhos ainda adolescentes – se dará através da transformação da consciência, do desenvolvimento da capacidade de raciocínio e discernimento entre o que trará paz íntima e o que trará dor e arrependimento.

O PEVH acredita que são os valores que norteiam as ações éticas e morais da consciência humana e o enfoque nestes aspectos podem auxiliar no desenvolvimento integral do ser individual e, conseqüentemente, no coletivo.

O PEVH vê o ser humano de uma maneira Holística, propondo uma educação em cinco aspectos da personalidade, unindo a cada aspecto um Valor Humano:

- Verdade -- aspecto Intelectual
- Paz -- aspecto Mental
- Ação Correta -- aspecto Físico
- Não-Violência -- aspecto Espiritual

- Amor -- aspecto Psíquico

A proposta das Vivências em Valores Humanos para os adolescentes em conflito com a lei, inclui biografias como as de Gandhi, Luther King Jr. e outros, assim como técnicas e músicas.

Jares (2002) na terceira parte de seu livro Educação para a Paz, propõe diversas técnicas, dando primazia ao enfoque sócio afetivo. Afirma Jares (2002, p. 150) que “pesquisa para a paz, educação para a paz e ação para a paz devem ser integrados em um todo unificado”.

Os valores são projetos ideais de comportamento e de existência. Não é possível falar-se em educação, cujo objetivo fundamental é incitar o afloramento das capacidades do indivíduo, sem falar-se em ética. Segundo Diskin *et al.* (1998) a ética deve ser entendida como a arte da convivência, cuja prática das ações continuadas e repetidas levam à construção de uma “musculatura interna”. E forjam caráter, criando uma disposição para viver-com ou conviver. Para um adolescente que praticou um ato infracional, é de vital importância o “despertar” do conviver com empatia e ética, pois somente quando um ser humano aprende a se colocar no lugar de outro, é que consegue entender a gravidade e responsabilidade de seus atos.

A educação é um processo contínuo e permanente de interação. Segundo Puebla (1997, p. 23) “assumir uma vida e um processo educativo imbuídos de valores humanos leva a refletir sobre as contradições existenciais [...] podendo, assim, conscientizar e praticar uma concepção harmônica de vida”. Martinelli (1999, p. 127) afirma que “ninguém ensina virtude a ninguém, mas pode-se conscientizar alguém de suas próprias virtudes”.

A questão desta proposta de vivência em Valores Humanos está justamente no trabalho efetivo junto ao adolescente autor de ato infracional, conscientizando-o de suas virtudes, de seu potencial criativo e seus valores humanos.

Conscientizar o adolescente de que nossa responsabilidade inicia-se nas nossas escolhas e que podemos optar quais hábitos e valores queremos para a nossa vida, é uma das propostas evidenciadas nos métodos adotados.

Dos nove adolescentes pesquisados, cinco não reincidiram. Três deles, em seus depoimentos finais, colocaram como meta voltar a estudar. A educação desponta como um forte alicerce para a nova vida, deixando claro, que as vivências em Valores Humanos os ajudaram a refazer planos e vislumbrar novas perspectivas de vida.

*“Eu quero fazer faculdade, eu quero ir e vir a hora que eu quiser, eu quero usar umas roupas legais, mas eu posso comprar com um dinheiro de trabalho. Eu cheguei à conclusão que é muito melhor ter carteira assinada, feriado, direitos trabalhistas, final de semana livre e férias. Eu descobri que eu vou me sentir muito mais poderoso e com status se eu estiver fazendo uma faculdade” (SÓCRATES).*

*“Trabalhar e estudar sim. Na vida de antes eu entrei por bobeira mesmo, mas é passado e quem vive de passado é museu” (PLATÃO).*

*“Sim, quero fazer o segundo grau, porque vou noivar ainda este ano, e a minha namorada é inteligente e ela não vai querer ficar com um burro” (FONTENELLE).*

Esta volta aos estudos, no caso destes três adolescentes, não ficou apenas nos planos. Os três jovens realmente voltaram a estudar. Um deles hoje encontra-se cursando faculdade de Administração.

Só existe uma maneira de encerrar este capítulo: dando a palavra para “Sócrates” um dos filósofos da Pós-Modernidade. Este jovem é um grande exemplo de superação. Trabalhava na boca de fumo, vendendo drogas e usando-as. Havia abandonado os estudos há dois anos. Participou de doze Vivências de Valores Humanos, três vezes chegou acompanhado pelo pai que lhe deu apoio total. No último dia deu o seguinte depoimento:

*Eu acho que precisa acontecer um investimento pesado por parte do governo, para ajudar jovens como eu. Sabe, através dos erros nós acordamos, é como se estivéssemos dormindo num mundo de ilusões, de repente a gente se vê encostado no paredão e um policial passando a mão na gente, aí a gente acorda e percebe muita coisa. Quando a gente acorda e chega aqui e recebe essa situação de incentivo, dá vontade de mudar. Então eu resolvi mudar e percebi que tinha colocado fora dois anos da minha vida. Quando a gente tá na “Boca” vendendo, a gente só vê este mundo, parece que não existe outro mundo. Agora eu tô vendo que existe outro mundo e que nem todas as pessoas usam maconha e craque, e que tem outras coisas a se fazer na vida do que ficar só indo em festa raive (SÓCRATES).*

A base das aulas foram do PEVH, porém a pesquisadora, com o intuito de elaborar um programa específico para adolescentes Infratores, buscou em Antunes (1998 e 1999),

Brandão e Crema (1991), Heath (2001), Jares (2002), Sequeiros (2000) e Yus (2002) suporte epistemológico e pedagógico para elaborar o que foi denominado: Vivências em Educação para a Paz.

As Vivências em Educação para a Paz (Apêndices C e D) são constituídas de cinco roteiros, que somados completam quarenta horas. Se esta proposta puder ajudar outros educadores, dar-me-ei por satisfeita.

As Vivências em Educação para a Paz têm como meta principal ajudar e incentivar os adolescentes a buscar dentro de si seus potenciais latentes e evidentes, e perceber que existem vários valores intrínsecos e implícitos, podendo ser liberados na medida do livre arbítrio de cada um, desde que desejado. Para tanto, são estratégias que objetivam incentivar os adolescentes a perceber suas posturas com novas perspectivas e visão positiva em relação à vida. Foca-se a visão no potencial humano como força propulsora, capaz de reinventar um mundo melhor, alicerçado em valores universais.

## 6 FATORES DETERMINANTES DO ATO INFRACIONAL E REINCIDÊNCIA

As medidas sócio-educativas foram capazes de reintegrar à sociedade os nove adolescentes em conflito com a lei? Observando nossos dados (Quadro 5), a resposta para esta questão é nitidamente: não.

Dos nove adolescentes acompanhados nesta pesquisa, quatro reincidiram. Da amostra, três adolescentes estavam no CIP, sendo que a reincidência destes foi de 100%.

|                            | Adolescentes pesquisados | Adolescentes que reincidiram |
|----------------------------|--------------------------|------------------------------|
| CIP                        | 3                        | 3                            |
| Parque Dom Bosco           | 6                        | 1                            |
| <b>Total da amostragem</b> | <b>9</b>                 | <b>4</b>                     |

Quadro 5 – Índice de reincidência

### 6.1 Fatores que determinaram a opção do adolescente pelo ato infracional

#### 6.1.1 Infração sócio-familiar prévia

Inicia-se a análise pelos fatores que determinaram a opção do adolescente pelo primeiro ato infracional. Os fatores que determinaram o início ou as opções por um ato infracional são muito diversos, porém, de uma maneira direta ou indireta, nos depoimentos de sete adolescentes existem alusão a **algum membro da família**. Seja como exemplo negativo, como iniciador ou comparsa ou ainda, no caso da figura masculina PAI, menciona-se a sua ausência ou o fato de só conhecê-lo depois de determinada idade:

*“Esse padrasto (traficante) era muito bom, foi o único homem bom pra mim, ELE É MEU HEROI. Ta, eu sei que ele matou o cara, mas eu gosto muito dele, pra caralho [...]”*  
(ROUSSEAU, grifo nosso).

*“Eu comecei a usar maconha com 12 anos... o meu primeiro teco quem me deu foi meu tio. Eu tinha um tio super maconheiro, que plantou um pé de maconha no pátio da casa dele [...] só pra não ter que dar grana pros cara que vendem [...]”* (ROUSSEAU, grifo nosso).

*“Eu passei foi ódio, porque todas as crianças **tinham pai, menos eu**”* (CRITOLAU, grifo nosso).

*“Meu primeiro delito foi com 14 anos, porque eu morava com o meu pai e com a minha **madrasta, e madrasta sabe, né?** Deu a maior briga, aí eu saí de casa [...]”* (GALILEU, grifo nosso).

*“Faz dez anos que a minha mãe se separou do meu **pai e não tive mais notícias, e o meu padrasto bebe muito, meu padrasto é alcoólatra**”* (MAQUIAVEL, grifo nosso).

Conforme vimos em nossa revisão, Feijó e Assis (2004) encontram 51,7% de familiares dos adolescentes infratores envolvidos com drogas e apenas 10,9% dos adolescentes entrevistados não revelaram qualquer história de envolvimento infracional na família.

O alto índice de envolvimento familiar com o crime parece despontar nas pesquisas com jovens infratores. A aproximação de outra pesquisa no tema demonstra um fato que vai se tornando uma regularidade. Oliveira (2002), por exemplo, também constatou que, dos onze adolescentes pesquisados, quatro deles têm familiares presos; um dos meninos tem o pai e irmão presos por tráfico; um tem a mãe, irmão, tios e avó materna presos por tráfico; e outros dois pesquisados têm irmãos presos por roubo.

Gallo e Williams (2005) pesquisaram os fatores de risco para a conduta infracional: pais que cometem algum tipo de crime ou contravenção, com consumo excessivo de álcool e drogas e pais que maltratam seus filhos ou praticam violência física, psicológica ou sexual com os mesmos podem comprometer suas funções parentais no controle, na disciplina e no envolvimento com seus filhos. Estes fatos facilitam assim, a escolha do adolescente por atos infracionais.

Os autores Gallo e Williams (2005) se referem à teoria da aprendizagem de Bandura, para contextualizar a aprendizagem social, cujos valores e condutas agressivas dos adultos e companheiros servem como normas a ser seguidas. Estas normas podem ser imitadas pelos filhos, isto é, a conduta social aceitável ou o desvio às normas podem ser explicados em razão

dos tipos de informações que o indivíduo tem acesso e à importância dada a essas informações.

Outro ponto relevante são as amizades; da amostragem de Itajaí, um adolescente referiu-se ao amigo de infância como iniciador:

*“Eu tinha 16 anos e **um amigo de infância me ofereceu um Beck**. Experimentei, gostei e comecei a usar direto. Depois fiquei amigo do pessoal da Boca, fiquei amigo do traficante, ele me ofereceu trabalho”* (SÓCRATES, grifo nosso).

Spagnol (2005, p. 4) afirma que: “[...] a maioria dos adolescentes que cometem delitos não está sozinha nestas ações, mas conta com a colaboração de amigos, vizinhos [...]”. Sabemos que psicologicamente o adolescente encontra-se extremamente vulnerável nesta faixa etária, podendo demonstrar baixa auto-estima e uma supervalorização “da turma” ou “da gangue”, submetendo-se a atitudes “que todos fazem”, para não se sentirem discriminados. Importante ressaltar que o adolescente está mais vulnerável “à turma”, quando seus laços familiares são mais frouxos e a família apresenta falta de cuidados ou sofre alguma forma de desestruturação.

Na pesquisa de Feijó e Assis (2004) um dos fatores que contribuem para um adolescente estar com “más companhias” é o fato da mãe trabalhar fora e não ter tempo de vigiar a prole. Para Bido (2006), o grupo de amigos, entre os adolescentes infratores, aparece com grande destaque e importância, pois, nesta pesquisa, os meninos criticam a sociedade; o amigo é mais concreto, protetor e confiável que “a sociedade”.

Os adolescentes pesquisados em Itajaí relataram nunca ter passado fome; o quadro apresentado por eles também não é de extrema pobreza; três meninos relatam ter vontade **de comer chocolate, iogurte e bala** e não ter condições financeiras para adquirir:

*“Passei a roubar no Mini Preço. Lá eu roubava iogurte, bolacha, salsicha, estas coisas [...] Um dia me pegaram roubando, era dia da criança e eu não tinha ganhado nada, daí eu fui buscar **um chocolate pra mim** [...] Eu nunca passei fome, **mas tinha muita vontade de comer chocolate e tudo que as outras crianças também comiam**”* (ROUSSEAU, grifo nosso).

*“Meu primeiro roubo eu tinha 11 anos [...] roubei num mercado (chocolate e bolacha recheada)”* (JACOBI, grifo nosso).

*“Meu primeiro delito, foi quando eu tinha sete anos, robei de um vizinho dinheiro para comprar bala”* (CRITOLAU, grifo nosso).

Segundo Gallo e Williams (2005) crescer em comunidades pobres tem sido identificado como um fator de risco para a prática de atos infracionais, porém: “Vale destacar que a pobreza, apesar de reconhecidamente ser um forte estressor para danos ao desenvolvimento humano, isoladamente, não leva à ocorrência de comportamentos infratores” (GALLO; WILLIAMS, 2005, p. 11).

Bido (2006, p. 10) chama a atenção para a sociedade: “Uma sociedade agressiva – e agressora – também se torna alvo da agressividade, porque legitima a ação violenta como substituta do diálogo e da compreensão”. Por um lado, explica o autor, a agressividade externaliza os maus objetos internos de cada um, como a ausência paterna, privação, frustração frente aos desejos consumistas e narcísicos.

Temos consciência que esta agressividade provém de uma carência generalizada como explica Soares (2005, p. 215): “há uma fome mais funda que a fome, mais exigente e voraz que a fome física: a fome de sentido de valor; de reconhecimento; de acolhimento; fome de ser”. Sabendo-se que só se alcança ser alguém pela mediação do olhar alheio que nos reconhece e valoriza, quando falta este olhar por parte da sociedade, o sujeito “encontra uma forma” de ser visto. Mesmo que seja “mal” visto.

Notamos que em se tratando de chocolates, iogurtes e bolachas recheada, a questão é muito mais midiática que apela constantemente para este consumo. Diretamente ou indiretamente exclui a criança e o adolescente que não pode comprar. Sendo este tipo de exclusão entendida como violência social.

### 6.1.2 Consumo e mídia

Porém, os doces “proibidos” na infância são apenas o primeiro degrau da exclusão que este jovem encontra, pois ao adentrar na adolescência, a mídia o bombardeia com necessidades de marcas famosas, consumo, moda e beleza que vão aumentar o forte estressor entre jovem



socialmente carente e a sociedade. Na presente pesquisa aparece no depoimento de quatro entrevistados a necessidade do consumo da roupa da moda, comer e beber coisas boas e caras, desfrutar do que o dinheiro pode comprar: um difícil equilíbrio entre o necessário e o “extra”.

*“Sempre tivemos uma vida simples, mas comida nunca faltou [...] Eu assaltava por que queria uma roupa e não podia, é duro não poder ter uma roupa da hora, ta ligado? Eu não queria trapo doado de bacana, eu queria uns pano da moda [...]”* (JACOBI, grifo nosso).

*“Eu estudava e trabalhava, saía de casa às sete e voltava só às vinte, supercansado, desde os 11 anos eu estudava e trabalhava [...] pois é, com 14 anos eu fugi [...]eu fugi muitas vezes porque eu gostava de comprar roupa, andar bem arrumado, eu dava uma parte do dinheiro em casa e a outra parte eu gostava de comprar roupa, mas o pai queria que eu desse todo o dinheiro do meu trabalho em casa”* (GALILEU, grifo nosso).

*“[...] eu tinha 12 anos, eu estava soltando pipa e a pipa caiu num telhado de uma casa, eu subi pra pegar e a telha quebrou, então eu aproveitei e peguei um vídeo game e saí carregando ele [...] eu sempre quis um, sempre sonhei com um, eu vi, tava fácil, pegue”* (FONTENELLE, grifo nosso).

*“Nunca me faltou nada, o pai sempre me deu tudo o que eu precisava. Acontece que ele me dava o necessário, e eu queria o extra, tipo grana pra sair na noite, pra tomar uma gelada, pra comprar uma roupa de marca, estas coisas”* (FONTENELLE, grifo nosso).

*“A primeira vez que eu caí, eu tinha 13 anos, eu tava roubando na Vive La Vi. Eu roubava só pra mim usar, não era para vender”* (ROUSSEAU, grifo nosso).

*“Agora é a terceira vez que caí, assalto a mão armada no mercado. Minha vida era só essa: cerveja, maconha, roupa nova, sempre com dinheiro no bolso, sempre pelo menos com duzentos reais no bolso, assaltava para ter essa vida”* (ROUSSEAU, grifo nosso).

*“Mas mesmo assim, eu continuei assaltando [...] era época de Marejada, e eu queria ir todas as noites pra lá com um bom dinheiro no bolso, para tomar whisky, beber energético, comer camarão [...] estas coisas são caras e todo mundo faz e eu também quero ser igual a todo mundo. Fiz 15 assaltos para ir para a Marejada”* (ROUSSEAU).

Segundo Gallo e Williams (2005) os adolescentes que não acreditam na possibilidade de obter o que desejam por meio legítimo, talvez utilizem táticas violentas para expressar seu

descontentamento ou para obter seus objetivos. Tais práticas são estimuladas por uma sociedade consumista, na qual valores comunitários acabam ficando em segundo plano e o adolescente é bombardeado pela mídia para ter um determinado tipo de produto, como o tênis da moda, um celular e assim por diante.

O quadro que os adolescentes em conflito com a lei de Itajaí vão apresentando não parece se distanciar de outros municípios brasileiros, demonstrado em outras pesquisas revistas para esta dissertação.

Todas as formas de exclusão levam a um conjunto de vulnerabilidades que operam como obstáculos difíceis de superar. Feijó e Assis (2004, p. 158) explicam: “o ser excluído traduz-se na falta de ganhos, de alojamento, de cuidados, de instrução, de atenção, de poder exercer a cidadania”. Para as autoras, a falta de oportunidades para o indivíduo e sua família afeta seu sentido de existência e suas expectativas para o futuro.

Bido (2006, p. 9) discute o ressentimento: “Esse sentimento arcaico de ciúme e frustração está nas coordenadas psíquicas e somáticas da agressividade. Sentimentos de inferioridade e medo do despedaçamento da identidade e da estrutura narcísica estão associados ao ressentimento”. O ressentimento ligado à frustração e ao medo permeia as relações entre a sociedade e os adolescentes infratores. A sociedade ressent-se da agressividade dos adolescentes contra o sonho do bem-estar social. O jovem ressent-se por estar sendo bombardeado pela mídia e não poder participar do “banquete” da fartura.

O **dinheiro fácil** que leva a “se acostumar” com a “grana fácil” e “cansar” de trabalhar “duro” para ganhar pouco, constata-se nos dizeres de cinco meninos:

*“Eu iniciei quando tinha uns 16 anos, eu era pedreiro, mas o dinheiro não dava. Eu robei uma bicicleta, depois um som e peguei gosto, vinha dinheiro fácil”* (MAQUIAVEL, grifo nosso).

*“[...] Eu saí e vendi por 50 paus, foi a minha primeira grana fácil, foi muito bom ter dinheiro na mão, peguei o gosto e não parei mais [...] sempre pegava alguma coisa pra vender, uma zica, um negocinho no mercado, peguei o gosto entende?”* (FONTENELLE, grifo nosso).

*“Já tinha virado rotina e depois ficava feliz porque estava com dinheiro. Eu sei que é errado, eu sei que eu também posso conseguir tudo isso com trabalho, mas assalto é mais fácil, o*

*salário é muito baixo, as pessoas que podem pagar exploram quem precisa se sustentar”* (CRITOLAU).

*“Trabalhar o mês inteiro para ganhar quinhentos reais? Se ralar trabalhando e nunca ficar rico? Quanto tempo eu vou ter que trabalhar para comprar um carro e ter dinheiro no banco? eu quero dar tudo de bom e do melhor **HOJE pra minha mulher, todo o conforto [...] eu sou bom, sou esperto, não vou cair”*** (GALILEU, grifo nosso).

*“Eu comecei a vender pedra e foi entrando dinheiro fácil, eu só ficava ali na Boca jogando vídeo game, fumando baseado e ganhando trezentos reais por semana”* (SÓCRATES).

*“Para ser mais homem, para ter status, pelo dinheiro fácil e pra mostrar que eu não era Playboy, isto é, pra mostrar que eu sabia e podia ser bandidão a hora que eu queria. Eu pensava que era novo e precisava me divertir muito, não tinha vontade de estudar e começou a entrar **dinheiro fácil. Todo o adolescente quer ser um Bandidão”*** (SÓCRATES, grifo nosso).

Segundo Gallo e Williams (2005), a face repressiva do Estado é quase a única que esses jovens conhecem, sendo que a violência organizada dos grupos de narcotráfico lhes possibilita realizar seus sonhos de afirmação, heroísmo e consumo, possibilitando vantagens imediatas.

Para Spagnol (2005), as pessoas que não se enquadram no capitalismo contemporâneo são jogadas para fora do sistema e, sentem-se inferiorizadas e humilhadas diante do fracasso: “Estar inserido numa sociedade em que a superabundância é vital e ao mesmo tempo ser excluído dela suscita sentimentos de humilhação e também de ressentimento” (SPAGNOL, 2005, p. 12).

A insistência em ignorar o adolescente infrator como ser desejante marca seu processo de subjetivação e descortina os constituintes narcísicos da sociedade contemporânea. Bido (2006) explica que se por um lado, o adolescente contrasta sua realidade cotidiana e periférica com as imagens hipermodernas do consumo; por outro, a sociedade não consegue encontrar lugar para esses narcisos mal-ajambrados. A felicidade limpa e perfumada dos adolescentes de propaganda, as carreiras milionárias da TV e feitos heróicos dos campos esportivos, são excessos do capitalismo avançado em que vivem as sociedades ocidentais. Para ela, os adolescentes infratores são a constatação de uma falha, são o impedimento para a realização de uma sociedade equilibrada e limpa. São uma ameaça a seu próprio delírio narcísico. Deprivados de sua condição ideal, ambos – adolescentes e sociedade – engalfinham-se num

acesso de agressividade cujo objetivo é a eliminação do Outro, daquilo que impede a realização narcísica (BIDO, 2006).

### 6.1.3 Signos do poder e juventude

Atos e manobras radicais **com adrenalina “a flor da pele”**, sem medir as conseqüências graves que daí advêm como porte de arma para se auto-afirmar, são outros fatores claros que surgem nos “desabafos” de três dos filósofos da Pós-Modernidade:

*“Na hora do assalto é adrenalina pura, tá ligado? Adrenalina na última, é da hora [...] eu não tenho medo de levar tiro, eu sei que pode acontecer, mas eu sou bom com o bagulho, eu sou muito bom, é mais fácil a mãe do outro chorar que a minha mãe chorar”* (JACOBI, grifo nosso).

*“Eu estava de moto (16 anos e sem carteira de habilitação), o policial me mandou parar, eu não parei, entrei na contra mão umas 5 ou 6 quadras, entrei na calçada, fiz muitas manobras radicais [...] eu estava em alta velocidade, afinal eu estava fugindo da polícia [...] **MAS FARIA DE NOVO, os riscos são pequenos, em comparação da adrenalina que ocorre**”* (LUCRÉCIO, grifo nosso).

*“A minha única fissura é a moto, é fazer manobras radicais com moto [...] sim eu sabia (que a polícia iria persegui-lo) **fugi pela adrenalina** [...] Quando eles me pegaram eu apanhei pra caralho, **apanhei muito**”* (LUCRÉCIO, grifo nosso).

*“Dei um tiro pro **alto no final de uma partida de futebol, no estádio**, após o jogo. O meu se encaixa no 121, tentativa de homicídio e porte ilegal de arma. Não vi que tinha acertado uma pessoa”* (PLATÃO, grifo nosso).

Numa ação violenta, estes jovens procuram reverter os signos visíveis de desvantagens no jogo da inserção social. Para Spagnol (2005), uma das alternativas para tanto, é correr riscos, buscar ideais a todo o custo. Em muitos casos o que o seduz é a própria ação criminosa. O jovem busca emoções, encontrando-as na delinquência.

Ter uma arma concede poder e prestígio. Segundo Spagnol (2005) a arma atrai a atenção de quem se sente inferiorizado e também de potenciais companheiras, que vêem nisso um sinal de status. Spagnol (2005, p. 13) afirma: “ele leva uma vida especialmente sedutora para quem quer ter algo, e consegue tê-lo grande parte do tempo”. Para o autor, em muitos casos, não é o valor da mercadoria que justifica o roubo, mas sim o prazer de fazê-lo.

O menino invisível se arma. Soares (2005) discorre sobre a invisibilidade do jovem pobre, que perambula pelas ruas das cidades brasileiras. Esse jovem estigmatizado, um dia recebe uma arma do traficante e a utiliza para nos causar medo. Ao fazê-lo, salta da sombra em que desaparecera e se torna visível. A arma será o passaporte para a visibilidade. Para Soares (2005, p. 217) o jovem: “Afirma-se mais pelo negativo de si mesmo, cavando o pior na alma dos outros. Este não é o dialogo dos seres humanos, não é o reconhecimento sonhado”.

Principalmente nas localidades onde o tráfico se instalou é que o jovem tem sido recrutado. Segundo Adorno (2004, p. 2): “isto é trágico porque socializa a criança muito cedo no mundo da violência. Ela adquire uma visão de mundo em que, no seu modo de ver, a violência pode ser a moeda de troca, tornando-se a sua linguagem corrente”. Para o autor, quando isso ocorre, o jovem aprende a manipular a arma de fogo muito cedo e dispor da vida do outro como se fosse uma mercadoria, como se fosse algum bem que pode ser comprado ou vendido.

## **6.2 A percepção e a valorização do adolescente em relação à medida sócio-educativa**

### **6.2.1 Percepção dos adolescentes que estavam cumprindo medida sócio-educativa no CIP - Centro de Internação Provisória**

Todos os meninos do CIP deixaram claro que não gostaram de estar internados, sendo que todos relataram não entender o sentido educativo de estar no CIP; nenhum citou atendimento psicológico e social, que de acordo com o ECA deveriam estar recebendo no CIP.

*“Eu acho que eles deveriam levar a gente pro colégio e depois trazer de volta, eu não acho certo a gente perder aula. [...] Aqui tem cheiro ruim no banheiro e não tem namorada, sô ligado na minha mina, tá ligado? Quando eu sair daqui vou comprar uma barra de chocolate daquelas bem grandes pra comer junto com a minha gata [...]” (JACOB).*

*“Não gosto nem um pouco, dá uma neura ficar olhando pra estas grades e não poder tá lá fora andando de moto e namorando [...] Eu queria poder tocar violão, mas os caras não deixam o instrumento entrar aqui porque têm medo de mim, têm medo que eu toque o violão nos cornos deles [...]”* (CRITOLAU).

A indiferença também é relatada, quando um dos meninos diz apenas sentir falta do baseado, e “de resto” a gente vai levando. Esta frase demonstra claramente a falta de sentido e percepção que ele tem a respeito da vida dele e da razão de estar no CIP. Na visão dele, estar no CIP, faz parte da vida que ele escolheu e não é problema passar um tempo lá, mas também não faz diferença positiva alguma. Ele deixa bem claro que foge para fumar um baseado, pois não consegue viver sem a maconha, depois volta, porque sabe que precisa cumprir um tempo lá:

*“Sinto muito a falta da minha coroa e dos meus irmãos, **também sinto falta do baseado, já fugi várias vezes, mas só pra fumar um teco, depois eu volto.** O resto é as pampas, tem que ficar aqui mesmo, né? Tem uns educadores bem bacanas, tem outros que são um pé, e assim a gente vai levando [...]”* (ROUSSEAU, grifo nosso).

Estes jovens levam uma vida com significação especial. Spagnol (2005) explica que estes adolescentes vivem constantemente entre dois pólos de instigação social. Por um lado, há a opressão institucional que a todo instante lhes cobra a obediência. Por outro lado, não têm como fugir do mundo da delinqüência.

Segundo Adorno (2004), o fator primordial do ingresso e permanência de adolescentes no mundo do crime é a natureza dos vínculos que estes jovens estabelecem com o mundo social. Adorno (2004, p. 2): “os jovens que em geral enveredam pela delinqüência são aqueles que nesse processo de experimentar, cometer um furto aqui outro ali, evoluem para o assalto”. Para o autor, estes jovens começam a ter relações cada vez mais freqüentes e mais enraizadas com as instituições encarregadas da ordem, e inicia-se um entra e sai da FEBEM e da polícia. Com esse cenário, os adolescentes constroem sua vida com cálculo de poder ser preso, de poder apanhar, de ser perseguido, como se isto fosse parte de sua vida. Enfim, naturalizam o estar temporariamente “preso” em alguma instituição.

## 6.2.2 Percepção dos adolescentes que estavam cumprindo medida sócio-educativa aos sábados no parque Dom Bosco

A percepção, a visão, o entendimento e a valorização como positiva em relação às medidas sócio-educativas no Parque Dom Bosco, são diversificadas e opostas. Três adolescentes gostaram e valorizaram; outros dois adolescentes detestaram, menosprezaram e não viram sentido positivo algum; um adolescente foi neutro, simplesmente entendeu que tem que cumprir a medida, é obrigação e “fim de papo”.

Dois adolescentes detestam, inclusive debocham:

*“Na real: simplesmente ridículo, isto aqui é uma palhaçada pra casqueiro, não recupera ninguém, porque aqui é tudo casqueiro que não quer ser recuperado. A Beldade (se referindo a pesquisadora) vem aí todo o sábado, fica gastando papo com esse monte de Zé ruela, que na frente fazem caras de anjinho e nas costas ficam tirando a maior onda debochando mesmo”* (GALILEU, grifo nosso).

*“Uma chatice, se eu pudesse eu não viria. É muito tempo perdido, tem coisa muito melhor pra fazer sábado à tarde”* (LUCRÉCIO, grifo nosso).

Um adolescente “suporta” com indiferença e outros três, chegam a dizer que foi um “divisor de águas”, pois voltaram a estudar e sentiram-se muito bem podendo ajudar no Parque e ao mesmo tempo encontraram pessoas para ouvi-los:

*“Aqui a gente é bem tratado, mas sábado à tarde é foda. Mas tá na boa, tá no final. Tem que cumprir, né?”* (MAQUIAVEL, grifo nosso).

*“Aqui é bem melhor que no CIP, é só vir aqui, não precisa ficar fora de casa, eu gostei muito. **Ajudou muito nosso papo** (diálogo com a pesquisadora), não to querendo te dá moral, porque eu nem preciso, pois hoje é o meu último dia aqui mesmo, **mas na moral, ajudou muito poder me abrir com você todas as vezes que você me ouviu, e principalmente me entendeu. Posso voltar pra conversar com você se eu precisar?**”* (FONTENELLE, grifo nosso).

Na convivência de mais de dois anos com os adolescentes, nota-se claramente a interligação entre o fato do adolescente não reincidir, com a sua proposta firme de querer recomeçar; aceitar voltar a estudar; acionar o seu livre arbítrio conscientemente para uma retomada de vida dedicando-se aos estudos, família, namorada e trabalho.

### **6.3 Fatores determinantes da não reincidência**

#### **6.3.1 Vínculos sócio-afetivos**

Em sua pesquisa Costa e Assis (2006) determinaram alguns fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei: “Considerações sobre experiências junto a adolescentes em risco social têm mostrado a importância da promoção de auto-estima positiva e da incrementação do suporte de adultos para estabelecimento de vínculos de confiança [...]”. (COSTA; ASSIS, 2006, p. 7). Conforme as autoras, os fatores de proteção extraídos da literatura como sendo os mais significativos ao desenvolvimento do adolescente são: vínculos familiares fortes, êxito escolar, estabilidade, apoio mútuo, capacidade de tomar decisões, rotinas organizadas, compartilhamento de sentimentos, responsabilidade, auto-estima, competência e religiosidade. Sobre fator de risco/fator de proteção, Gallo e Williams (2005, p. 11) afirmam que “Possivelmente, para cada fator de risco pode ser identificado um fator de proteção em seu reverso”. Segundo os autores, crescer em um ambiente livre de violência intrafamiliar, com uma educação apoiada em supervisão, diálogo, afeto e limites é um grande antídoto à criminalidade.

Em nossa pesquisa, dos nove adolescentes acompanhados, cinco não reincidiram. Quanto aos fatores determinantes da não reincidência, ficou claro no depoimento de quatro adolescentes a importância do apoio da família, da presença do pai, inclusive acompanhando um dos meninos na medida sócio-educativa.

No depoimento de um dos adolescentes fica evidenciado que a namorada (hoje já moram juntos) fez a grande diferença, não apenas ela, mas o pai dela que deu emprego para o menino, lhe restituindo a auto-estima, dando-lhe uma demonstração clara de confiança, apostando na sua capacidade de trabalho e potencial de desenvolvimento.



Costa e Assis (2006, p. 7) também constataram que: “A existência de relacionamentos emocionais positivos é vista como primeiro fator de promoção da resiliência”. Todavia, as autoras constatarem que a realidade de muitos adolescentes em conflito com a lei evidencia a ausência de figuras representativas ou vínculos consistentes, sendo que, a fragilidade de vínculos pode ser a etapa decisiva no processo da desqualificação pela qual passam os indivíduos em exclusão social. Para Costa e Assis (2006) a instituição promotora da medida deve auxiliar os adolescentes no estabelecimento de relações sócio-afetivas dotadas de mais qualidade. A instituição responsável pela aplicação da medida constitui, muitas vezes, a fonte de apoio social mais próxima e organizada na vida do jovem, podendo, portanto, favorecer uma vinculação mais positiva entre o adolescente e seus familiares, pares e comunidade. (COSTA; ASSIS, 2006).

Em nossa pesquisa, três adolescentes citaram claramente que o diferencial para não reincidir foi a maneira como eram tratados no Parque Dom Bosco, por todas as pessoas que os acolheram. Principalmente que era muito bom ter com quem conversar, com quem desabafar e que esse alguém não cobrava nada, simplesmente ouvia, entendia e quando solicitado ajudava dando conselhos.

### 6.3.2 Retorno aos estudos

Dos nove adolescentes pesquisados, dois deles deixaram claro que o fato de **VOLTAR A ESTUDAR fez a diferença**, sendo que os dois estudaram durante o ano de 2006 no Parque Dom Bosco, sendo estes cursos gratuitos e profissionalizantes.

*“Normal [...] mas gosto muito de cumprir no Parque Dom Bosco, eles incentivam muito. Eu estou estudando manutenção de computador no Dom Bosco e isso foi incentivo do pessoal do sábado à tarde. Esse estudo vai me abrir um bom emprego no futuro”* (PLATÃO, grifo nosso).

*“No início eu me senti chateado porque estava perdendo parte do meu final de semana, depois fui me acostumando e passei a gostar, porque eu tive ajuda e diálogo. Eu pensei que ia apenas prestar serviço à comunidade, mas cheguei aqui e tive com quem desabafar, com quem ter um diálogo, pessoas que me ofereceram ajuda e que me mostraram que existe*

*outro caminho e, principalmente, me deram oportunidade de voltar a estudar. Peguei o gosto de novo pelo estudo, eu tinha perdido isso, eu havia me acostumado a ficar só na boca, jogando vídeo game e vendendo bagulho” (SÓCRATES, grifo nosso).*

Luiz Eduardo Soares (2005) entende que a liberdade individual, a luta dos pais, a presença deles, o amor, um filho, a oportunidade inesperada de um emprego, a elevação da auto-estima provocada pelo amor e pelo filho, o desencanto reforçado pela observação das tragédias que se abatem sobre os colegas, a emergência de fontes de atração alternativas à gravitação do tráfico, tudo isso pode desempenhar papel importante para a não reincidência.

O grande diferencial de nossa pesquisa em relação às outras pesquisas recentes sobre adolescentes em conflito com a lei, é o fato da pesquisadora ter acompanhado os meninos por dois anos e meio. Durante este período, pôde-se analisar o comportamento e a firme decisão (ou não) de mudar de vida, de recomeçar, de se dar uma nova chance, de se perceber inteligente o suficiente para voltar a estudar.

Sublinha-se propositadamente a frase: “se perceber inteligente o suficiente para voltar a estudar”, pois a grande maioria dos adolescentes infratores têm baixa auto-estima e “se acha burro” para aprender “as coisas” do colégio.

A importância deste acompanhamento tão longo se traduz numa percepção de maior qualidade em relação a não reincidência e seus fatores determinantes claros, dos quais os vínculos sócio-familiares afetivos e o retorno ao estudo aparecem como uma base sólida sustentando o livre arbítrio do jovem.

Para que esta pesquisa não ficasse apenas com as vozes dos “filósofos da Pós-Modernidade”, entende-se que é importante ouvir as autoridades responsáveis por eles perante a sociedade e os profissionais que trabalham diretamente com estes jovens.

#### **6.4 A percepção das autoridades em relação às medidas sócio-educativas**

Para a concretização dos objetivos propostos, foram entrevistadas as autoridades responsáveis, ligadas ao programa de medidas sócio-educativas em Itajaí, a saber: o Juiz da Infância e Juventude, o Secretário Municipal da Secretaria da Criança e do Adolescente

(SECAD) e a Coordenadora do Programa das Medidas Sócio-Educativas (PMSE) - Secretária da Criança e do Adolescente.

O Intuito destas entrevistas é verificar a percepção das autoridades em relação ao Programa de Medidas Sócio-Educativas (PMSE), averiguando sua eficácia na reintegração do adolescente e a sua não eficácia, quando o adolescente reincide, bem como os fatores que determinam a reincidência.

As autoridades também foram questionadas sobre os determinantes que levam um adolescente a entrar em conflito com a lei e sobre o CIP (Centro de Internação Provisória), sua função e se está cumprindo, em Itajaí, esta função como determina o ECA.

A primeira questão é sobre a percepção da existência de fatores determinantes que levam um adolescente a entrar em conflito com a lei. As três autoridades concordam que não existe um fator determinante, mas um conjunto de fatores, os quais convergem, no depoimento dos três, para: drogas, o meio onde nasceu, sendo este pobre e sem oportunidades de estudo, ausência de referencial e desagregação da família.

Na fala do Juiz da Infância e Juventude aparece uma determinante chamada amizade, isto é, a companhia que os adolescentes escolhem. O Juiz deixa claro que outro fator determinante é o desrespeito aos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, tais como o direito à vida, ao lazer e ao esporte:

*“Penso, entretanto, que tudo começa na escolha das amizades. É nesta escolha, que normalmente surgem os caminhos do céu ou do inferno de um adolescente [...] citaria, por exemplo, o desrespeito aos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, tais como o direito à vida, à alimentação, saúde, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade à convivência familiar e comunitária, etc” (JUIZ DA INFÂNCIA E JUVENTUDE).*

*“Sim, as questões sócio-econômicas como ambiente familiar desestruturado, ausência de referencial, envolvimento com drogas e tráfico” (SECRETÁRIO – SECAD).*

A coordenadora do PMSE lembra que senso aventureiro que se expressa nessa fase da vida também é um fator importante:

*“Falta de informação, baixa escolaridade, nível sócio econômico baixo, a falta de oportunidade e ainda o senso aventureiro que se expressa nessa fase da vida”* (COORDENADORA – PMSE).

Em relação à eficiência da medida sócio-educativa de prestação de serviço à comunidade para que não ocorra reincidência, a opinião das autoridades diverge em alguns momentos. O Juiz deixa claro que apesar de existir em Itajaí uma rede de atendimento ao adolescente e sua família, ainda assim, não existe eficiência total. Muitas vezes o jovem atinge a maioridade sem que tenha conseguido vislumbrar outros horizontes; o Juiz atribui a não eficiência à volta ao meio contaminado de drogas e alcoolismo, característico do seu dia-a-dia:

*“Não (não é eficiente), [...] apesar de todos esses cuidados e atenção, em boa parte das vezes o adolescente atinge a maioridade e não é recuperado para o caminho do bem, pois, por mais que nos esforcemos, não se consegue corrigir o ambiente da convivência desse adolescente-infrator. Pais, por exemplo, são levados a se tratarem, mas voltam às drogas e ao alcoolismo [...]”*. (JUIZ DA INFÂNCIA E JUVENTUDE).

Para o Secretário da SECAD, as medidas sócio-educativas de prestação de serviço à comunidade são eficientes para que não ocorra reincidência. A opinião do Secretário combina com a do Juiz quanto ao trabalho que deve ser feito com a família do adolescente em conflito com a lei:

*“Outro fator fundamental para as ações mostrarem-se eficazes, é o trabalho com as famílias desses adolescentes, talvez a principal demanda de trabalho, pois muitas vezes este adolescente é um mero reprodutor de um meio familiar vulnerabilizado”* (SECRETÁRIO – SECAD).

Para a coordenadora do PMSE, a importância e eficácia da medida sócio-educativa está no fato do adolescente ir trabalhar junto a sua comunidade, sendo este trabalho uma forma de valorizar a sua vida e resgatar a cidadania.

Na percepção do Juiz da Infância e Juventude e do Secretário da SECAD, um dos fatores com forte influência na reincidência do adolescente em conflito com a lei é o ambiente familiar e os exemplos negativos do meio social onde alguns adolescentes estão inseridos. Para as duas autoridades, a família é um fator decisivo para a reincidência ou não, podendo atuar como exemplo positivo, influenciando magistralmente para a não reincidência ou empurrando o adolescente para a reincidência pelos seus exemplos e posturas de vida negativos.

Para a Coordenadora do PMSE, é importante averiguar quais são as principais demandas referentes aos adolescentes e assim atuando no que seja significativo para eles, possa ocorrer a diminuição da reincidência:

*“Para diminuir a reincidência é necessário o desenvolvimento de ações que irão ao encontro das principais demandas referentes ao adolescente em conflito com a lei, prevenindo a reincidência e a multiplicação da violência” (COORDENADORA – PMSE).*

A última questão em relação à medida sócio-educativa de prestação de serviço à comunidade é referente à opinião das autoridades sobre a necessidade ou não de modificação na lei que a regulamenta e quais as sugestões inerentes a ela.

Para o Juiz da Infância e Juventude, não é necessário que ocorra modificação na medida sócio-educativa de prestação de serviço à comunidade, desde que seja cumprida rigorosamente como prevê o ECA.

Para o Secretário da SECAD e para a Coordenadora do PMSE, são necessárias mudanças, referentes ao caráter verdadeiramente Educativo da medida, sendo que a Coordenadora frisa que ainda existem Entidades que participam do programa mas não estão preparadas para tal, a ponto de estigmatizarem o jovem:

*“Sim, é necessário que seja verdadeiramente **EDUCATIVO**, uma vez a medida sócio-educativa, determinada pela autoridade competente deverá ter um trabalho diferenciado, de modo a respeitar a subjetividade e as condições biopsicossociais e econômicas de cada adolescente” (SECRETÁRIO – SECAD).*

*“Sim. Principalmente no que tange as Entidades, tendo em vista que algumas Entidades que recebem adolescentes para cumprir PSC inicialmente mostram-se resistentes, rotulando os*

*mesmos. O ideal seria que essas Instituições fossem compromissadas e que acompanhassem de perto esses adolescentes, bem como, tivesse profissionais habilitados para lidar com eles tais quais: pedagogo (a), psicólogo (a), assistente social, educador (a) social entre outros”* (COORDENADORA – PMSE).

Durante os diálogos, desabafos e questionários junto aos adolescentes em conflito com a lei, a pesquisadora encontrou uma reclamação generalizada quanto ao CIP (Centro de Internamento Provisório). Junto a esta reclamação uma falta de entendimento total do adolescente referente à função do CIP, pois o ECA deixa bem claro que o adolescente interno, está ali com finalidades EDUCATIVAS, não sendo esta a realidade de Itajaí, a pesquisadora movida pelo interesse em saber a visão das autoridades perguntou: Qual é a função do CIP? O CIP tem atendido a sua função?

O Secretário da Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente, referente a estas duas perguntas respondeu que ambas: “Não compete à Secretaria da Criança e do Adolescente”.

A coordenadora do PMSE, respondeu sobre sua finalidade:

*“O Centro de Internamento Provisório é responsável pelo internamento de adolescestes que descumprem reiteradamente a medida sócio-educativa que lhe fora aplicada”* (COORDENADORA – PMSE).

## **6.5 A percepção dos profissionais que trabalham com as medidas sócio-educativas**

Com a finalidade de verificar a percepção dos profissionais que trabalham diretamente com o adolescente em conflito com a lei, foram entrevistados quatro profissionais, a saber: duas educadoras que trabalham no Programa de Medidas Sócio-Educativas ligado à Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente (SECAD), sendo que uma delas além de educadora social é formanda em Psicologia e estagiária; dois responsáveis pelos jovens que cumprem as medidas sócio-educativas no Parque Dom Bosco, sendo que um é Mestre em Educação e Diretor do Parque Dom Bosco de Itajaí e o outro é educador social.

### 6.5.1 A visão das duas profissionais ligadas à SECAD

A questão primeira é sobre a percepção da existência de fatores determinantes que levam um adolescente a entrar em conflito com a lei. A Estagiária de psicologia deixa claro que não existe um fator, mas a combinação de vários, ressaltando a importância de olhar para o adolescente como um sujeito único e singular. A Educadora social destaca a falta de condições de estudo:

*“Sim, não existe um único determinante, mas vários fatores que podem vir a predispor um adolescente a cometer um ato infracional, tais como a violência, famílias desestruturadas, uso de álcool e drogas e precárias condições de vida. Vale ressaltar que estas variáveis não são exclusivas e, sim, interagem de forma a multideterminar a conduta. Os fatores de risco isoladamente, dificilmente levariam um adolescente a praticar ato infracional, assim como não há como prever a prática apenas com a identificação destes fatores, pois cada sujeito interage e age com o meio de determinada maneira, sendo este único e singular”* (ESTAGIÁRIA DE PSICOLOGIA – SECAD).

Em relação à eficiência da medida sócio-educativa de prestação de serviço à comunidade para que não ocorra reincidência, a estagiária de Psicologia acredita que se bem aplicada, a medida é eficiente. Já a educadora social pensa na medida como uma ajuda para resgatar a cidadania.

Para a estagiária de Psicologia, diminuir a reincidência passa por um trabalho com a família, melhoria da educação e mercado de trabalho, entre outros fatores. A Educadora social, cita, além dos itens já mencionados, a importância da auto-estima e de se sentir amado:

*“Deve-se pensar também na melhoria da educação, saúde e mercado de trabalho, no qual pode favorecer a diminuição da reincidência, na medida que age diretamente com a família e realidade do adolescente”* (ESTAGIÁRIA DE PSICOLOGIA – SECAD).

*“Educando, protegendo, profissionalizando assim melhorando a sua auto-estima acima de tudo e fazendo a sua família ter um ambiente digno para criar seus filhos. Se você é amado, vai ensinar amor, se for diferente criará sempre conflitos porque até aí seus direitos já foram violados”* (EDUCADORA SOCIAL – SECAD).

Referente à sugestão de mudança para a Medida sócio-educativa de prestação de serviço a comunidade, a estagiária de Psicologia considera que as atividades que são significativas para o jovem, deveriam ser investigadas, antes da escolha do local onde ele vai cumprir a medida. A Educadora social diz que a prestação de serviço à comunidade deveria ser como um curso de longa duração no qual o adolescente aprenderia junto com sua família a conquistar com seu trabalho o seu sustento, retornar aos estudos, sendo aceito na sociedade, profissionalizando os pais e os filhos para o futuro, criando uma família bem diferente com laços de amor e respeito.

Ao serem questionadas como elas percebem a participação do adolescente no programa e qual o interesse real deles pelas medidas sócio-educativas, emergiu uma visão clara e realista por parte das duas profissionais:

*“A maioria dos adolescentes participam das atividades propostas por serem impostas judicialmente, sendo que mesmo assim muitos não cumprem suas medidas sócio-educativas. Existem alguns adolescentes que se engajam nas atividades propostas e há consideráveis mudanças na sua forma de agir e pensar no mundo”* (ESTAGIÁRIA DE PSICOLOGIA – SECAD).

*“A participação no Programa é constante, pois quase todos sempre retornam quando se sentem ameaçados ou quando precisam fazer algo como estudar, fazer documentos, fazer um curso profissionalizante, bem como, ser inseridos no mercado de trabalho”* (EDUCADORA SOCIAL – SECAD).

6.5.2 A percepção dos dois responsáveis em receber, coordenar e orientar os jovens que cumprem as medidas sócio-educativas de prestação e serviço à comunidade no Parque Dom Bosco

O Diretor e Mestre em Educação questionado quanto a sua visão em relação à medida sócio-educativa de prestação de serviço à comunidade, deixa claro que é preciso separar as gangues na hora de direcionar os locais onde os meninos vão cumprir a medida para que não ocorra a “reunião” das mesmas no momento de prestar serviço a comunidade:



*“Na minha visão é muito importante que o adolescente que cometeu um ato infracional tenha uma chance. Porém, é necessário ter o cuidado de separar as gangues, isto é, o Juiz no momento que escolhe o local que o jovem vai cumprir a medida sócio educativa, tem que colocar os membros das gangues um em cada local diferente, para que não ocorra junção no momento da prestação de serviço a comunidade” (DIRETOR DA INSTITUIÇÃO).*

O educador social ao ser questionado de como percebe o programa de medidas sócio-educativas e qual a sua finalidade, respondeu que o mais importante é os meninos terem uma chance de parar e reavaliar suas posturas e atitudes:

*“Primeiro eu entendo que a medida sócio-educativa tenta minimizar a situação do adolescente, a medida é uma advertência, é uma maneira de fazer o adolescente parar e reavaliar algumas posturas de vida. É um ponto positivo para o parque Dom Bosco recebê-los, e é altamente gratificante, é um meio que temos de ajudar fazê-los parar e pensar, raciocinar e saber que podem se recuperar” (EDUCADOR SOCIAL).*

Quanto ao índice de reincidência e se ele entende que os meninos realmente aproveitam a chance para redirecionarem suas vidas, o educador social diz que no início muitos chegam indignados, pois gostariam de estar fazendo outras coisas ao sábado à tarde, mas depois do atendimento o quadro se reverte e a maioria aproveita a oportunidade.

O educador social deixa claro que o problema de muitos meninos é a falta de base familiar, de exemplos positivos e o dinheiro fácil que o tráfico oferece, sendo que estes seriam os maiores entraves para a não reincidência.

O Diretor, referente a não reincidência, atribui as mudanças, isto é, a escolha pessoal pela mudança de paradigmas e visão de perspectivas reais em relação ao futuro:

*“Atribuo as mudanças, isto é, a reinserção à sociedade, à mudança de paradigmas e visão de perspectivas reais em relação ao futuro, alguns quando enxergam que existe uma perspectiva diferente, que existe um “outro mundo” diferente do “mundo” ao qual estão acostumados, abrem a cabeça para novas descobertas e querem ajuda e se ajudam” (DIRETOR DA INSTITUIÇÃO).*

O educador social atribui a não reincidência, isto é, a reinserção do jovem à sociedade quando ele encontra espaço no mercado de trabalho e quando existe apoio familiar:

*“A inserção no mercado de trabalho, à volta a escola e o apoio familiar são fatores preponderantes e definitivos para o recomeço do jovem. Aqui no Parque, conseguimos inserir vários no mercado de trabalho e este fator determina um resultado muito bom”* (EDUCADOR SOCIAL).

Sobre a sua percepção referente ao cumprimento das medidas sócio-educativas no município de Itajaí, o educador social entende que ainda existe muito preconceito e discriminação por parte de algumas entidades:

*“Em Itajaí, algumas entidades ainda não conseguem assimilar e cumprir as medidas sócio-educativas como devem ser. Ainda existem entidades que discriminam os jovens e os tratam como marginais, sendo que ainda existe uma visão de punição para o jovem e não assimilaram ainda que este jovem precisa é de orientação e oportunidades dignas”* (EDUCADOR SOCIAL).

Referente à metodologia aplicada no Parque Dom Bosco para receber o adolescente que vai cumprir a MSE (Medidas Sócio-Educativas), o Diretor da Instituição diz que é necessário um ambiente saudável, o diálogo para entendê-los e buscar alternativas que sejam significativas para eles:

*“O ECA não é pra castigar, O ECA é pra mudar a cabeça dos adolescentes em conflito com a lei. Quando abre-se um pouco para esta realidade do Parque, uma vida pode ser diferente. **O ambiente é fundamental e entendê-los é o primeiro grande passo.** Devemos dialogar para conhecê-los e atendê-los no que é significativo pra eles, no que eles gostam. Num português mais simples: entrar “na deles”, pra depois trazer eles pra “nossa”. É importante individualizar um pouco, fazer um atendimento individual, mas a participação no ambiente sadio, com mais pessoas da comunidade é de grande importância* (DIRETOR DA INSTITUIÇÃO).

## **6.6 Conhecendo melhor os filósofos da pós-modernidade**

Apresenta-se no quadro 6 um mapa resumido, das principais características dos nove filósofos da pós-modernidade.

| Pseudônimo       | Ato Infracional   | Idade | Cor da pele | Estudando?  | Mora com quem ?   | Usa algum tipo de droga ilícita? Qual? | Reincidiu? |
|------------------|---|-------|-------------|---|---|--|------------|
| <b>Rousseau</b>  | Assalto à mão armada  | 16    | Branca      | Não.<br>Parou na 5ª série   | Com a mãe e mais 3 irmãos (são quatro pais diferentes)  | Sim<br>Maconha                         | Sim        |
| <b>Jacobi</b>    | Assalto (a uma Pizzaria) à mão armada   | 16    | Negra       | Estava estudando até ser recolhido ao CIP.<br>1º Ano do Ensino Médio  | Com os pais e mais 5 irmãos.<br>Todos os irmãos do mesmo pai.<br>Os pais se dão bem e nunca se separaram.   | Não                                    | Sim        |
| <b>Critolau</b>  | Assalto a um apartamento (isso ele confirmava), Acompanhado de tentativa de estupro (isso ele negava)   | 17    | Branca      | Não.<br>Concluiu o Ensino fundamental e parou (8ª série)  | Com a mãe, o padrasto e a meia irmã.  | Não                                    | Sim        |
| <b>Galileu</b>   | Assalto à mão armada e tráfico de drogas  | 17    | Branca      | Não.<br>Parou na 7ª série   | Com a Esposa de 14 anos.  | Sim<br>Maconha                         | Sim        |
| <b>Maquiavel</b> | Assalto a uma Padaria, com uma arma verdadeira e uma de brinquedo.  | 16    | Branca      | Não.<br>Concluiu o Ensino fundamental e parou (8ª série)  | Sozinho. A mãe se separou do pai quando ele tinha 6 anos e nunca mais teve notícias do pai. O padrasto é alcoólatra e trata mal a mãe. Para não ver a mãe sofrer, prefere morar só. | Não                                    | Não        |
| <b>Lucrécio</b>  | Dirigir (moto) sem carteira de habilitação, não parou quando o policial sinalizou, disparando em alta velocidade na contra mão e depois na calçada de pedestres | 16    | Branca      | Sim.<br>Está repetindo o 1º ano do Ensino Médio pela 3ª vez. Rodou 2 vezes por faltas. Saía na hora do recreio para ir fazer manobras radicais com a moto | Com os pais e uma irmã  | Não                                    | Não        |

| <b>Pseudônimo</b> | <b>Ato Infracional</b>  | <b>Idade</b> | <b>Cor da pele</b> | <b>Estudando?</b>  | <b>Mora com quem ?</b>      | <b>Usa algum tipo de droga ilícita? Qual?</b>   | <b>Reincidiu?</b> |
|-------------------|---|--------------|--------------------|--|-----------------------------|---|-------------------|
| <b>Fontenelle</b> | Assalto a uma Padaria, com uma arma verdadeira e uma de brinquedo   | 17           | Branca             | Não.<br>Concluiu o Ensino Fundamental.<br>Parou na 8ª série.   | Com os pais e com 1 irmã    | Não   | Não               |
| <b>Platão</b>     | Porte ilegal de arma. Disparou um tiro para o alto dentro do Estádio De Futebol Marcílio Dias, logo após o término de uma partida. O Estádio estava lotado e estava ocorrendo uma briga | 17           | Branca             | Ensino Médio completo.<br>Iniciou curso profissionalizante no Parque Dom Bosco   | Com os pais e mais 2 irmãos | Não   | Não               |
| <b>Sócrates</b>   | Estava fumando maconha na frente da Igreja Matriz, mas além de usuário trabalhava na boca   | 17           | Branca             | Cursando o supletivo para terminar o Ensino Médio. Rodou 2 anos por causa das suspensões e expulsões. Em 18 meses foi expulso de 2 colégios por suspeita de fazer uso de drogas. | Com os pais e uma irmã      | Sim.<br>Atualmente só maconha, mas já usou todos os tipos de drogas ilícitas à venda no mercado de hoje.<br>Está fazendo tratamento para conseguir deixar também da maconha | Não               |

**Quadro 6** - Mapa das características dos filósofos da pós-modernidade

## 7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS/CONCLUSÃO

Com uma sólida tradição de fracassos (o bisavô morreu tuberculoso aos 21 anos, o avô morreu num tiroteio na Mineira, o pai morreu desempregado), ante lideranças cínicas e testemunha de que não há sequer um bolo a ser dividido, temos uma classe popular com vícios aristocráticos, *carpe diem*. [...] Narcisos à flor da pele, emulados pelo medo que suscitam. Abrem o peito e avançam sobre o imponderável porque são fodão. Desvalorizam – luxo aristocrático - a própria vida, o futuro e todas as promessas do mundo por um gesto gratuito pelo qual podem pagar o preço maior. Ou – realistas inveterados - sabem de antemão que não há nenhuma promessa e que os fracassos reiterados de toda a sua ascendência, vizinhança, parentela e redes de amigos já provaram que o tempo não existe. Passado, presente e futuro são etiquetas diversas para o mesmo engodo (SILVA In: VELHO; ALVITO, 2000, p. 30-31).

Conforme vimos até aqui, não existe um determinante para que o adolescente entre em conflito com a lei; existem várias determinantes que, sozinhas ou combinadas levam os jovens a infracionarem, tais como: famílias desestruturadas, uso de álcool e drogas, necessidade de sair da invisibilidade e de se proteger, baixa escolaridade resultando em baixos salários por total falta de qualificação profissional.

Emerge de nossa pesquisa os depoimentos sobre a vontade de ganhar dinheiro fácil para poder comprar/desfrutar tudo que “os outros” podem consumir (quatro jovens).

Para Luiz Eduardo Soares (2005, p. 236) “Não há ‘o tráfico’ e ‘o traficante’, no singular. Nem uma causa para esse fenômeno. Há trajetórias, no plural, e distintas combinações que são mais ou menos comuns a todos”.

Cada adolescente representa uma vida, uma trajetória, uma trilha escolhida em um determinado momento e um “porquê”. Não é possível generalizar, muito menos chegar a conclusões simplistas.

Estes jovens levam uma vida com uma significação especial, mantendo uma estrutura temporal aberta. Spagnol (2005) explica que no caso de adolescentes infratores, muitas vezes não há o que fazer com o dia e com a noite a não ser reafirmar a delinquência.

Luiz Eduardo Soares (2005) relata que as instituições sócio-educativas, nada têm de minimamente parecido com o sentido elevado da expressão que os legisladores cunharam, sendo que os meninos ficam enjaulados, frequentemente em condições subumanas, muito parecidas daquelas encontradas em presídios.

Analisando a alto índice de reincidência (44,44% da amostragem da pesquisa e 57% no município de Itajaí), perguntamos o porquê da reincidência. Existem determinantes impositivos que concorrem para a reincidência? A resposta para a reincidência caminha ombro a ombro com os mesmos determinantes que levaram ao primeiro ato infracional, porém com alguns agravantes, porque o ECA não está sendo rigorosamente cumprido quando o menino é recolhido ao CIP. A reincidência da amostragem do CIP foi de 100%.

O ECA determina que a família do adolescente tenha atendimento de um profissional assistente social. Determina também que este atendimento psicológico seja acompanhado de atividades pedagógicas proporcionando escolarização e profissionalização. E que a entidade que desenvolve o programa de internação mantenha programas destinados ao apoio e acompanhamento de egressos. Nenhum destes itens foi detectado na Entidade que administrava o CIP em 2004, em nossa pesquisa.

A questão da reincidência é bastante complexa, sendo que a resposta para ela não é simples e não é única. A resposta para ela é composta de diversas variantes que podem se apresentar sozinhas em alguns casos, como também podem se apresentar combinadas de variadas maneiras em outros tantos casos. Cada caso é único e diferente dos demais.

Edson Seda, membro da comissão redatora do ECA e Consultor da Unicef para a América Latina, em seu livro: *A criança e os princípios gerais* (SEDA, 2004a), relata alguns dos problemas que vêm ocorrendo no Brasil no sentido do não cumprimento do ECA. Segundo Seda (2004a, p. 28): “os burocratas e minoristas [...] em seu obscurantismo, [...] metem o adolescente num depósito público, coletivo, num gueto, num campo de concentração”. Locais estes na sua esmagadora maioria sem projeto pedagógico, sem pedagogos, sem atividades educacionais, onde ficam “amontoados”, fumando e ociosos.

Outro problema, segundo Seda (2004a), é que os Centros de Defesa de Direitos dos adolescentes, que deveriam funcionar garantindo os Direitos, na realidade funcionam punindo, constrangendo e induzindo a auto-incriminação. Nestes Centros, os profissionais assumem a missão burocrática estatal.

Seda (2004a) ressalta que quando se pune muito é porque se preparou pouco para a cidadania. E que talvez não se haja demonstrado suficientemente razão pela qual, certos atos são reprováveis. Principalmente não se ajudou a identificar danos para que, formulando o juízo próprio, o aprendiz da cidadania construa o seu caráter na dialética da vida. Analisando esta

afirmativa de Seda, concluímos que na falta da educação, a punição vem para preencher essa lacuna.

Em cada jovem que reincide vemos um pouco a falência e a incompetência de todos nós enquanto Estado, sociedade, intelectuais e educadores. O Estado ainda burocratizado e ineficiente na aplicação do ECA; a sociedade excludente e estigmatizadora; intelectuais pensantes em seus assépticos gabinetes climatizados, alienados da realidade e educadores despreparados psicológica e pedagogicamente para contribuir na evolução intelectual/ética e na profissionalização deste jovem.

Esperança, crédito na habilidade humana de mudança e certeza da existência de um potencial positivo presente em cada ser humano são “tijolos” que ajudam a construir um profissional capaz de ajudar. Ajudar este jovem a recomeçar a sua caminhada rumo a uma vida adulta digna e permeada dos Direitos Humanos.

É a única trilha? Com certeza não, mas é a única que tenho a ousadia de buscar. Será uma UTOPIA? Talvez. Mas o que significa utopia? Dissecando a palavra utopia – U TOPUS lugar nenhum – ou lugar inatingível, entendemos que se hoje parece uma utopia, na realidade, o que importa não é o lugar que vamos atingir ou chegar, mas é a caminhada.



## REFERÊNCIAS

ADORNO, S. A FEBEM tem de ser desconstruída. **Abceducatio**, São Paulo, n. 32, mar. 2004.

ANTUNES, C. **Alfabetização emocional**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ATHAYDE, C. et al. **Falcão meninos do tráfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BARCELLOS, C. **Abusado: o dono do Morro Dona Marta**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BATISTA, V. M. **Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003a.

\_\_\_\_\_. **O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma mesma história**. Rio de Janeiro: Revan, 2003b.

BIDO, L. C. Contemporaneidade, subjetivação e agressividade: para compreender o desejo em adolescentes infratores. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL**. 2006. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100030&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100030&script=sci_arttext)>. Acesso em: 12 jul. 2007.

BRANDÃO, D. M. S.; CREMA, R. (Orgs.). **Visão holística em psicologia e educação**. São Paulo: Summus, 1991.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 1990.

CASTILHO, A. L.; TORREZAN, J. Educação como castigo. **Educação**, São Paulo, n. 85, p. 54-66, maio 2004.

CHAUI, M. **Convite a filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.

COSTA, A. C. G. **A presença da pedagogia: teoria e prática da ação socioeducativa**. São Paulo: Global, 1999.

COSTA, C. R. B. S. F. da; ASSIS, S. G. de. Fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei no contexto educativo. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 3, n. 18, p. 01-13, 26 set. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822006000300011&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822006000300011&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 26 maio 2007.

DISKIN, L.; MARTINELLI, M.; MIGLIORI, R. F.; SANTO, R. C. E. **Ética, valores humanos e transformação**. 4. ed. São Paulo: Peirópolis, 1998.  
FEIJÓ, M. C.; ASSIS, S. G. de. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidade de jovens infratores e de suas famílias. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 1, n. 9, p. 157-166, 12 dez. 2004.

FERRARI, M. Em julgamento, a maioria penal. **A Revista do Professor**, p. 28-31, mar. 2004.

FERREIRA, N. T. **Cidadania: uma questão para a educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FOLHA DE S.PAULO. FEBEM teve de se adaptar às mudanças. **Folha de São Paulo**, São Paulo, C3, 21 mar 2004.

GALLO, A. E.; WILLIAMS, L. C. de A. Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 7, n. 1, jun. 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872005000100007&lng=pt&nrm=is](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872005000100007&lng=pt&nrm=is)>. Acesso em: 9 jul. 2007.

HEATH, H. **Ensinando valores**. São Paulo: Madras, 2001.

JARES, X. R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JUNQUEIRA, L. **Abandonados**. São Paulo: Ícone, 1986.

LUPPI, C. A. **Malditos frutos do nosso ventre**. São Paulo: Ícone, 1987.

MARIOTTI, H. **As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade**. 2. ed. São Paulo: Palas Atenas, 2002.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais; aplicação nos estudos de transferência de informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARTINELLI, M. **Aulas de transformação**. 5. ed. São Paulo: Peirópolis, 1996.

\_\_\_\_\_. **Conversando sobre educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1999.

OLIVEIRA, M. C. R. de. **O processo de inclusão social na vida de adolescentes em conflito com a lei**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PUEBLA, E. **Educar com o coração**. 4. ed. São Paulo: Peirópolis, 1997.

RAMOS, N. V. **O significado da escola aberta para jovens egressos: continuum de experiências, um ensinar a ser**. 2004. 323 f. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Porto Alegre, 2004.

RIBEIRO, J. C. L. **Peças interventivas na realidade: Resiliência: um estudo com crianças e adolescentes em situação de direitos violados**. Belém: UFPA, 2006. 122 p. (Relatório técnico-científico PIBIC; Orientadora: Silvia Cristina da Costa Stockinger).

SAVIANI, D. **Do senso comum à consciência filosófica**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

SEDA, E. **A criança e os princípios gerais**. Rio de Janeiro: Adês, 2004a.

\_\_\_\_\_. **A criança e o fiel da balança**. Rio de Janeiro: Adês, 2004b.

SEQUEIROS, L. **Educar para a solidariedade**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, R. **Os filhos do Governo**. São Paulo: Ática, 1998.

SIQUEIRA, A. C.; DELL'AGLIO, D. D. O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. **Psicologia e Sociedade**, v. 18, c. 1, p. 71-80, 2006.

SOARES, L. E. et al. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SPAGNOL, A. S. Jovens delinquentes paulistanos. *Tempo Social – A study on delinquent youths in the city of São Paulo*. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, nov. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702005000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200012)>. Acesso em: 5 jul. 2006.

TRINDADE, J. D. L. **História social dos direitos humanos**. São Paulo: Peirópolis, 2002.

VELHO, G.; ALVITO, M. (Orgs.). **Cidadania e violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ/FGV, 2000.

VENERA, Isaías. O movimento do signo violência na estética da mídia massiva. **Contrapontos**, Itajaí, v. 5, c. 2, p. 283-291, 2005.

XAUD, G. M. B. Os desafios da intervenção psicológica na promoção de uma cultura de atendimento ao adolescente em conflito com a lei. In: BRITO, L. M. T. (Ed.). **Temas da Psicologia Jurídica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumar, 1999. p. 87-102.

YUS, R. **Educação integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.

## **GLOSSÁRIO**

**(Compreendendo o vocabulário dos Filósofos da Pós-Modernidade)**

**Baseado:** cigarro de maconha.

**Beck:** tragar cigarro de maconha.

**Cair:** Ser pego pela polícia, ir para a delegacia ou apanhar de policiais.

**Casqueiro:** pobre, viciado, sujo, alguém que perdeu tudo por causa das drogas, alguém sem personalidade que é completamente dominado pelo seu vício e por isso vende todas as coisas dentro de casa por pouco dinheiro.

**Dar a fita ou fita dada:** Assalto a uma residência ou estabelecimento comercial, onde alguém que conhece todos os horários e fluxos cotidianos passa as informações para os meninos. O informante fica com 10% do lucro do roubo.

**Pedra:** Craque.

**Teco:** tragar cigarro de maconha.

**Zé ruela:** ladrão de coisas pequenas, ladrão pobre e amador.

**Zica:** Bicicleta.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A - Roteiro para Entrevista com os Adolescentes

### I) Identificação:

- Idade (a idade que você tinha quando ocorreu o conflito):
- Sexo:
- Escolaridade:
- Com quem mora:
- Quantas pessoas têm na sua casa:
- Cidade:
- Quem trabalha na casa/renda familiar:

### II) Sobre as medidas sócioeducativas:

- Qual o ato infracional cometido?
- Em que local está cumprindo a medida sócioeducativa?
- Qual a medida sócioeducativa que está cumprindo?
- Como você se sente em estar cumprindo a medida sócioeducativa?
- Que idade você tinha a primeira vez que você veio pro CIP? (**só pra quem já esteve no CIP**)
- Quando terminar as medidas sócioeducativas quais são seus planos para o futuro?

### III) Sobre os conflitos com a lei:

- Conte-me como foi a primeira vez que você entrou em conflito com a lei, cometendo um ato infracional.
- O que te levou a cometer um ato infracional?
- E a primeira vez que você caiu? (refere-se a primeira vez que foi pego pela polícia)

### IV) Possíveis fatores determinantes:

- Você passou fome na sua infância?
- Com que idade você começou a usar drogas? (caso seja usuário)
- Quem te deu o primeiro Teco? (refere-se ao primeiro cigarro de maconha)
- Você vive do comércio da pedra/maconha?
- Essa vida compensa?
- E o colégio, por que você parou de estudar? Você gostava de ir ao colégio?
- Conte-me alguma recordação que tenha te deixado triste ou envergonhado.
- Como é o teu relacionamento familiar?
- Como que é o teu relacionamento com os teus pais?
- Como você se sentiu no momento em que estava cometendo o ato infracional?
- O que você faz durante o dia?
- Essa é a vida que você escolheu viver pra sempre?

## APÊNDICE B - Entrevistas com os nove adolescentes sujeitos desta pesquisa

### Depoimentos dos três adolescentes que estavam cumprindo medidas sócio-educativas no Centro de Internação Provisório

- 1) Rousseau
- 2) Jacobi
- 3) Critolau

#### 1) IDENTIFICAÇÃO: ROUSSEAU

##### **CIP de Itajaí, Fevereiro de 2004**

- Idade (a idade que vc tinha quando ocorreu o conflito): o primeiro eu tinha 13...essa é a terceira vez que eu caí, agora estou com 16 anos.
- Sexo: masculino
- Cor da pele: branca
- Escolaridade: quinta série... não gosto de colégio, **eu sou muito burro**, as professoras diziam que eu tinha dificuldade de aprender. Não quero voltar a estudar.
- Com quem mora: com a mãe e 3 irmãos
- Quantas pessoas têm na sua casa: 5
- Cidade: Itajaí
- Quem trabalha na casa/renda familiar: só a minha mãe trabalha, ela faz de tudo um pouco, agora ela é cozinheira.

**Pesquisadora:** Conte-me como foi a primeira vez que você entrou em conflito com a lei, cometendo um ato infracional.

**Rousseau:** A primeira vez que eu roubei, **eu tinha uns 8 ou 9 anos**, foi numa casa perto da minha casa. Robei um vídeo game e umas fitas de vídeo game... e fiquei tomando cerveja na casa. Levei o vídeo game pra casa e voltei para beber mais cerveja, aí os donos da casa me pegaram dormindo e me levaram pra casa... apanhei pra caralho da minha coroa... passei uma vergonha e ajoelhei-me para pedir desculpas e devolvi o roubo. Fiquei de castigo uma semana e depois passei a roubar no Mine Preço. Lá eu roubava iogurte, bolacha, salsicha, estas coisas...



Um dia me pegaram roubando, era dia da criança e eu não tinha ganhado nada, daí eu fui “buscar” um chocolate pra mim... Eu nunca passei fome, mas tinha muita vontade de comer chocolate e tudo que as outras crianças também comiam.

**Pesquisadora:** Você passou fome na sua infância?

**Rousseau:** Não cheguei a passar fome, mas passei muita necessidade, minha mãe teve câncer e foi curada, mas meu pai morreu de câncer, nesta época passamos muitas necessidades. Eu freqüentava a COMBEMI, aí eu tive uma idéia, pedi para um amigo fazer um ofício pedindo um quilo de alimento de doação para a COMBEMI, mas eu arrecadava e levava pra minha casa...

**Pesquisadora:** Quantos irmãos você tem?

**Rousseau:** Somos em quatro. Um de 19 anos, eu, um de 14 anos e o pequeno de 9. Um de cada pai. **Mas eu gostava mesmo era do meu padrasto** que é pai do meu irmão de 14 anos. **Quando ele casou com a minha mãe, tudo melhorou em casa, não passávamos necessidade nenhuma, ele dava pra gente do bom e do melhor, até iogurte e chocolate.** Ele me levava no colégio de carro e encarava todos os meus colegas, daí ninguém se metia comigo. Ele fazia tudo que eu queria me tratava como filho, eu fui ficando folgadinho. **Ele era traficante**, mas teve o azar de matar um cara com cinco tiros, dentro do cercado da minha casa... eu vi tudo, eu fui ficando apavorado quando vi o homem caindo... meu padrasto ficou preso cinco anos e quando ele saiu a mãe chegou a voltar com ele, mas agora eles não estão juntos. **Esse padrasto era muito bom, foi o único homem bom pra mim, ELE É MEU HEROI.** Ta, eu sei que ele matou o cara, mas eu gosto muito dele, pra caralho...

**Pesquisadora:** Até que série você estudou?

**Rousseau:** Estudei até a quinta série completa.

**Pesquisadora:** Com que idade você começou a usar drogas?

**Rousseau:** Cigarro com 10 anos e maconha com 12 anos. Droga que eu usei só maconha, mais nada... nunca experimentei pedra, nem quero...

**Pesquisadora:** Quem te deu o primeiro Teco?

**Rousseau:** **Eu tinha um tio super maconheiro**, que plantou um pé de maconha no pátio da casa dele... só pra não ter que dar grana pros cara que vendem...

Eu nunca trabalhei para traficante, nunca fui mula.

**Pesquisadora:** Que idade você tinha a primeira vez que você veio pro CIP?

**Rousseau:** A primeira vez que eu **caí** eu tinha 13 anos, eu tava roubando na Vive La Vi. Eu roubava só pra mim usar, não era para vender. **Fui preso, apanhei com a própria camisa que eu roubei, o policial molhou a camisa, amarrou minhas mãos e me batia com a camisa molhada... o policial me chamou de infeliz, e eu era tão peste, eu era o diabo, que mandava bater mais...** Me bateram muito, depois me soltaram... logo depois fui pego roubando de novo, assalto a mão armada... aí eu vim pra cá, foi a primeira vez... eu fiquei três meses e dezenove dias... nesse tempo eu tava roubando pra caralho, porque eu não tinha o que eu queria... eu não suporto ver os outros bem vestidos e eu casqueiro. Quando fui solto voltei a assaltar, **o assalto é como um vício...** Fui pego de novo, voltei pra cá, aí eu fugi, fui o primeiro a fugir deste CIP, resolvi que eu ia fazer uma visita pra mãe que eu estava com saudades e fumar um Teco, depois voltei. Agora é a terceira vez que caí, assalto a mão armada no mercado. Minha vida era só essa: cerveja, maconha, roupa nova, sempre com dinheiro no bolso, sempre pelo menos com duzentos reais no bolso, assaltava para ter essa vida.

**Pesquisadora:** E o colégio, por que você parou de estudar? Você gostava de ir ao colégio?

**Rousseau:** Quando eu tinha 12 anos a professora **mandou eu “cheirar parede”**, e foi sentar, quando ela se virou, eu puxei a cadeira e ela caio... aí eu saí correndo... fui expulso do colégio. Com 13 anos, em outro colégio, briguei com uma colega que me chamou de cascão, dei com o livro nela, o professor me pegou pelo pescoço e eu dei uma tesourada no peito dele que jorrou sangue pra todo lado... aí saí correndo... me senti apavorado quando vi tudo aquilo e chamei a diretora... minha mãe foi chamada e fui expulso de outro colégio...

**Pesquisadora:** Conte-me alguma recordação que tenha te deixado triste ou envergonhado.

**Rousseau:** A vez que eu passei mais vergonha na minha vida, foi quando eu tinha 12 anos e pedi para rolar uma liga com uma menina, e ela me chamou de cascão e piolhento... eu não queria mais ir pra escola de tanta vergonha.

**Pesquisadora:** E aí, não rolou nada com essa menina?

**Rousseau:** Não, com essa não. A primeira menina que eu fiquei era loira, linda, depois ela ficou drogada **e morreu numa chacina com 16 anos.**

**Pesquisadora:** E namorada, você tem uma namorada?

**Rousseau:** Quando eu ia começar a namorar uma menina em Brusque, robei um óculos Adidas para visitá-la. Fazia assalto aqui em Itajaí, para poder visitá-la em Brusque. Esse é o vício do roubo, quanto mais tu rouba, mais tu quer roubar. **Eu também namorei uma coroa de 38 anos, que me dava tudo, mas tudo mesmo: tenis, roupa de marca. Ela gostava de mim de verdade e tinha um carrão importado.** Ela parava aquele carrão na esquina da minha casa e eu pulava pra dentro, como se um imã me puxasse. **Mas mesmo assim, eu continuei assaltando, o vício falou mais alto.** Era época de Marejada, e eu queria ir todas as noites pra lá com um bom dinheiro no bolso, para tomar whisky, beber energético, comer camarão... **estas coisas são caras e todo mundo faz e eu também quero ser igual a todo mundo.** Fiz 15 assaltos para ir para a Marejada.

**Pesquisadora:** A Marejada dura 18 dias. Você fez 15 assaltos em 18 dias?

**Rousseau:** Em 17... cáí no décimo sétimo dia...

**Pesquisadora:** Como você se sente assaltando?

**Rousseau:** normal... no início eu tremia muito, mas agora eu acostumei, é um trampo como outro qualquer. **Depois que a gente se acostuma a entrar grana fácil, o negócio fica bom e tu não quer mais parar... fica tudo normal...**

**Pesquisadora:** Como você se sente aqui no CIP, cumprindo medida sócio-educativa?

**Rousseau:** Sinto muito a falta da minha coroa e dos meus irmãos, **também sinto falta do baseado, já fugi várias vezes, mas só pra fumar um teco, depois eu volto.** O resto é as pampas, tem que ficar aqui mesmo, né? Tem uns educadores bem bacanas, tem outros que são um pé, e assim a gente vai levando...

**Pesquisadora:** Planos para o futuro?

**Rousseau:** Quero namorar firme, quero um trabalho sério. Minha mãe quer que eu vá pra Curitiba na casa de um tio meu que é caminhoneiro... de repente eu posso ajudar ele a carregar e descarregar o caminhão, mas este trabalho é só temporário, o que eu quero mesmo é fazer curso para modelo. Acho que quando eu sair daqui, eu tenho mais chance de não voltar a roubar e melhorar definitivamente... pelo menos é o que eu to querendo agora... to cansado de ficar aqui, não quero mais voltar (Ano: 2004).

**OBSERVAÇÃO:** Entrevista feita quando o menino encontrava-se com 16 anos (2004) e estava no CIP pela terceira vez. Depois disso ele saiu do CIP e 6 meses após levou 5 tiros num assalto a uma relojoaria, ficou muito mal entre a vida e a morte, quando recebeu alta médica voltou pro CIP onde ficou até os 18 anos de idade. Hoje (2006) encontra-se morando com a mãe e os irmãos, trabalhou como cobrador de ônibus, mas atualmente está desempregado, sendo que em maio/2006 participou de um assalto mal sucedido a uma confecção em Itapema.

**Ultima entrevista com o adolescente (junho/2006):**

**Pesquisadora:** Como você está se sentindo e quais são os seus planos para o presente e o futuro?

**Rousseau:** Eu to me sentindo muito mal, to cabreiro, todos os meus amigos morreram! **TODOS!** Você soube do Tileco? Morreu, foi morto com um tiro na frente da esposa e do filhinho, cara, eu não acreditei, ele era forte, enorme e morreu com um único tiro, foi dívida de droga, ele comprou e não pagou, foi na frente da casa dele que fica bem pertinho da minha casa, eu to muito cabreiro, da vontade até de terminar com a minha namorada, dizer pra ela procurar coisa melhor, **to com medo do meu destino ser o mesmo.** Todos os meus amigos morreram! Uns seis mais ou menos... **TODOS!**

**Pesquisadora:** O que você está fazendo de concreto pra realmente ficar longe disso tudo que você não quer mais?

**Rousseau:** Eu estou indo na igreja, vou toda a semana, DEUS está me protegendo. Também formei uma banda de Pagode, cara muito legal, mas a gente quer gravar e fomos lá na casa da cultura e ninguém deu bola pra nós, mal nos receberam, disseram que não tem verba pra nos ajudar. Eu acho isso sacanagem, eles ajudam tantos playboizinhos, e nós eles não querem ajudar e aí ta muito difícil sobreviver só da musica.

**Pesquisadora:** Que você acha da idéia de voltar a estudar? E encontrar um emprego? Não precisa largar o seu grupo de pagode, você pode fazer as duas coisas, muitas pessoas tem mais de uma atividade e vai te ajudar a te sustentar e preencher todo o teu tempo.

**Rousseau:** É, eu não gosto de estudar, mas até que preciso voltar, to pensando em fazer um acelerado. Eu até to procurando um emprego... mas pra quem parou na quinta série... ta tão difícil de encontrar...

## 2) IDENTIFICAÇÃO: JACOB

### **CIP de Itajaí, Março de 2004**

- Idade (a idade que vc tinha quando ocorreu o conflito): esse último? 16 anos
- Sexo: masculino
- Cor da pele: negra
- Escolaridade: antes de cair aqui eu estava no primeiro ano do ensino médio, mas acho que vou rodar por falta, vou perder o ano, a gente deveria ter licença para ir pro colégio e depois voltar, a gente é adolescente.
- Com quem mora: pai, mãe e mais 5 irmãos.
- Quantas pessoas têm na sua casa: 8
- Cidade: Itajaí.
- Quem trabalha na casa/renda familiar: o pai faz serviços gerais e a mãe é doméstica, os dois sempre trabalharam, **eu não puxei a eles.**

**Pesquisadora:** Conte-me como foi a primeira vez que você entrou em conflito com a lei, cometendo um ato infracional.

**Jacobi:** Eu tinha 11 anos. Roubei num mercado.

**Pesquisadora:** E a primeira vez que você caiu?

**Jacobi:** Eu tinha 14 anos, foi roubo, eu fui até a delegacia na companhia dos policiais. A minha mãe chegou e me tirou de lá. Depois, fiquei mais de um ano sem aprontar... eu me lembrava do sofrimento da “vêia” e sossegava.

**Pesquisadora:** E depois?

**Jacobi:** Quando eu tinha 15 anos, fiquei preso um dia. Eu, meu irmão mais três amigos, assaltamos uma loja, a M Confecções. Nos pegaram.

**Pesquisadora:** E depois?

**Jacobi:** Em 2003, eu mais três amigos (todos com mais de 18 anos), assaltamos uma pizzaria e nos pegaram de novo, aí eu vim parar aqui no CIP, o Juiz deu a sentença de 3 meses a 3 anos, com revisão a cada 3 meses.

**Pesquisadora:** Você usa drogas?

**Jacobi:** Só cigarro. Nunca usei pó ou outra coisa. Maconha provei, mas não gostei. Cerveja muito pouco.

**Pesquisadora:** Você já passou fome?

**Jacobi:** Nunca... minha mãe é doméstica, sempre trabalhou, sempre teve comida na mesa. Sempre tivemos uma vida simples, mas comida nunca faltou.

**Pesquisadora:** O que te levou a assaltar?

**Jacobi:** Queria uma roupa e não podia... é duro não poder ter uma roupa da hora, ta ligado? Eu não queria trapo doado de bacana, eu queria uns pano da moda.

**Pesquisadora:** Como você se sente quando está assaltando?

**Jacobi:** Adrenalina pura, ta ligado? Adrenalina na última, é da hora

**Pesquisadora:** Você não tem medo de morrer com um tiro?

**Jacobi:** Não, eu sei que pode acontecer, mas eu sou bom com o bagulho... eu sou muito bom... é mais fácil a mãe do outro chorar que a minha mãe chorar. Mas to na Paz, gora chega, vou trocar de vida.

**Pesquisadora:** Como você se sente aqui no CIP, tendo que cumprir medida sócio-educativa?

**Jacobi:** Eu acho que eles deveriam levar a gente pro colégio e depois trazer de volta, eu não acho certo a gente perder aula. Também sinto muito a falta da minha irmã e da minha sobrinha, sô ligado naquela criança, sacô? Aqui tem cheiro ruim no banheiro e não tem namorada, sô ligado na minha mina, ta ligado? Quando eu sair daqui vou comprar uma barra de chocolate daquelas bem grandes pra comer junto com a minha gata, ela adora rangar chocolate comigo, vou fazer uma média com ela. Eu e ela comendo chocolate: é o momento que eu guardo na minha cabeça mais feliz da minha vida...

**Pesquisadora:** Como é a tua família?

**Jacobi:** Tudo certinho, tenho pai que trabalha, somos em seis filhos, sendo que cinco homens e uma mulher, eu sou o último... fui o único que deu trabalho...

**Pesquisadora:** Planos para o futuro?

**Jacobi:** Quero parar de fazer minha mãe sofrer, ta ligado?

**OBSERVAÇÃO:** Entrevista feita quando o menino encontrava-se com 16 anos (2004), depois da entrevista ficou mais dois meses no CIP, saiu e ficou um ano em liberdade assistida, voltando para o CIP em 2005 por assalto a mão armada sendo transferido para Florianópolis onde ficou 3 meses. Hoje (2006) encontra-se em Itajaí, em liberdade assistida e voltou a estudar.

### 3) IDENTIFICAÇÃO: CRITOLAU

**CIP de Itajaí, Março de 2004.**

- Idade (a idade que vc tinha quando ocorreu o conflito): o último? 17 anos
- Sexo: masculino
- Cor da pele: branca
- Escolaridade: primeiro grau completo
- Com quem mora: agora eu estava morando com minha mãe, meu padrasto e minha irmãzinha pequena, ela é minha meia irmã, ela é tudo pra mim, é por ela que eu vou me endireitar. Mas eu já tinha morado sozinho.
- Quantas pessoas têm na sua casa: 4
- Cidade: Camboriú
- Quem trabalha na casa/renda familiar: meu padrasto é mecânico e minha mãe é secretária de uma escola.

**Pesquisadora:** Conte-me como foi a primeira vez que você entrou em conflito com a lei, cometendo um ato infracional.

**Critolau:** Meu primeiro delito, foi quando eu tinha sete anos, robei de um vizinho dinheiro para comprar bala. Meu primeiro assalto foi com 15 anos, foi uma banca de Revistas, eu já morava sozinho, trabalhava numa pizzaria e ganhava super bem, mas tava cheio de conta pra pagar, tinha batido o carro do patrão, tava super preocupado, por orgulho não fui pra casa, não podia “descer” pedindo para me ajudar a pagar o carro do patrão... preferi assaltar... assaltei com canivete, deixei a barba uma semana, coloquei um boné baixo, coloquei uma roupa careta. Assaltei e deixei o moleque que cuidava da banca pelado, trancado, preso. Depois fui no Shopping e troquei de roupa no banheiro, deixei no lixo a roupa

que eu tava quando assaltei. Como tava acabando a temporada, eu não tava conseguindo mais serviço, então fui falar com a mãe, pra ver se ela falava com o pai (eles são separados), pra ele me ajudar. **O meu avô quis me ajudar, me levou pra Porto Alegre e eu conheci meu pai... eu não conhecia ele...** mas não nos demos muito bem, porque ele falava mal da minha mãe. Eu fiquei com o meu vô, tava indo tudo certo, quando comecei a namorar a minha prima e a família descobriu que eu tava namorando e deu uma brigaceira. Eu saí da casa do meu vô, tentei arrumar serviço, só pra conseguir juntar dinheiro pra voltar.

**Pesquisadora:** Porque deu briga? É errado namorar?

**Critolau:** **É que a menina foi falar que não era mais virgem e que eu tinha forçado a barra, mas eu não forcei nada, ela me deu porque ela quis.**

**Pesquisadora:** E quando voltaste? e que fizeste?

**Critolau:** Assaltei um prédio em Balneário Camboriú (fita dada), mas eu esqueci de trocar a roupa e me pegaram, me bateram e me soltaram.

**Pesquisadora:** E aí?

**Critolau:** Aí não consegui mais emprego. E comecei a roubar com “fita dada”. Só fazia “fita dada”, fiz uma fita dada de dez mil dólares e comprei um corsinha e uma moto. Mas também eu já tava fazendo outros cambalachos, do tipo comprando maconha e revendendo, repassando... eu tava super bem, estudando e roubando.

**Pesquisadora:** O que é fita dada?

**Critolau:** É um assalto encomendado por alguém de confiança da casa ou do apartamento. A empregada, ou o zelador ou o porteiro, ou o vizinho, enfim, alguém que conhece bem o movimento da família, dá a fita e fica com uma porcentagem, pra mim é seguro, nunca falha, porque eu faço num horário que eu sei que não tem ninguém em casa.

**Pesquisadora:** Então não precisa de arma?

**Critolau:** Eu to sempre armado, não sô bobo... sempre armado.



**Pesquisadora:** Como você se sente assaltando?

**Critolau:** Quando é fita dada é tudo na paz, tudo tranqüilo, me sinto bem, normal. Mas quando não é fita dada é meio sinistro, tudo pode acontecer, mas o nego vai igual, quando tu ta na chuva o cara já não sabe mais se é chuveiro ou temporal.

**Pesquisadora:** Como você se sente aqui no CIP, cumprindo medida sócio-educativa?

**Critolau:** Não gosto nem um pouco, da uma neura ficar olhando pra estas grades e **não poder ta lá fora andando de moto e namorando**. Dá uma tristeza ver a minha mãe vindo me visitar, pó cara, eu sei que ela fez tudo por mim, que ela não tem culpa de nada. Eu sinto muita saudade da minha irmã, ela é a pessoa que eu mais amo na minha vida. Eu queria poder tocar violão, mas os caras não deixam o instrumento entrar aqui porque tem medo de mim, tem medo que eu toque o violão nos cornos deles...

**Pesquisadora:** Quando foi que você caiu pela primeira vez?

**Critolau:** Eu tinha 15 anos, foi depois de um assalto. Passei três dias na delegacia, depois me soltaram.

**Pesquisadora:** E a segunda?

**Critolau:** Eu tinha 16 anos. Fiquei sete dias na delegacia, depois fui pro fórum, depois me soltaram. E a terceira vez foi um mês depois, fiquei mais sete dias preso e me soltaram.

**Pesquisadora:** E aí?

**Critolau:** A quarta vez que eu cai foi agora, peguei de seis meses a um ano. É a primeira vez que vim pro CIP. **Foi um assalto a um apartamento, mas não era fita dada, e a pessoa chegou quando eu tava lá dentro, era uma mulher e deu queixa de estupro, mas isso eu não fiz... eu não estupro...**

**Pesquisadora:** É a tua segunda acusação de Estupro, você não acha muita coincidência duas mulheres bem diferentes, em cidades diferentes, que nem se conheciam, te acusar do mesmo ato infracional, isto é, ESTUPRO? E você sempre negar? Será que você pelo menos não as molestou sexualmente?

**Critolau:** **Não!!! Eu adoro sexo com mulher... mas nunca estupro.** Quando eu cheguei aqui foi uma barra, porque você sabe muito bem que estuproador vira bonequinha, seja em CIP ou em prisão normal, então eu tive que lutar muito pra provar que eu não tinha estuproado.

**Pesquisadora:** Você usa drogas?

**Critolau:** Nunca usei nenhuma droga, até cigarro eu odiava, mas comecei a fumar aqui no CIP, pois dá uma agonia... tem que fazer alguma coisa.

**Pesquisadora:** Como você se sente assaltando um apartamento de família? Uma casa de trabalhador que levou muitos anos para comprar algum conforto?

**Critolau:** Na hora do assalto me sentia tranqüilo, já tinha virado rotina e **depois ficava feliz porque estava com dinheiro**. Eu sei que é errado, eu sei que eu também posso conseguir tudo isso com trabalho, **mas assalto é mais fácil, o salário é muito baixo, as pessoas que podem pagar exploram quem precisa se sustentar**.

**Pesquisadora:** Você passou fome?

**Critolau:** Não, na infância nunca passei fome, comida nunca faltou. **Eu passei foi ódio, porque todas as crianças tinham pai, menos eu**. Só passei fome quando eu estava em Porto Alegre e meu vô me mandou embora e eu tive que ralar pra conseguir dinheiro pra passagem, aí eu comecei a valorizar a minha mãe.

**Pesquisadora:** Planos pro futuro?

**Critolau:** Eu não tenho vontade de ter muita riqueza, ta ligado? **Eu tenho vontade de ter Paz, eu perdi a Paz...** Ter uma fazenda, com uma casa bem pobrinha, uma mulher apaixonada por mim, uma família, uma moto pra brincar, **mas principalmente: alguém para amar...**

**Pesquisadora:** O que você mais gosta de fazer?

**Critolau:** Eu amo fazer motocross. **Eu quero trocar as amizades, porque eu tenho certeza que se eu continuar com estas amizades eu vou recair de novo, é um mundo muito louco o deles... sempre mais... sempre mais... dinheiro... ilusão...**

**Pesquisadora:** Você ainda tem a moto e o carro?

**Critolau:** Não, vendi para pagar o advogado, mas também peguei pouco porque tava com os documentos tudo enrolado. **Não quero mais nada enrolado, quero paz, mas meu grande problema é que eu sou um cara que perde a cabeça fácil...**

**OBSERVAÇÃO:** Entrevista feita quando o menino encontrava-se com 17 anos em março de 2004, sendo que em maio de 2004 ele fugiu do CIP, não sendo encontrado pela polícia e em 2005 (quando já tinha 18 anos) cometeu 2 assassinatos e um assalto em uma residência, obrigando (durante o assalto) uma menina a fazer sexo oral com ele. Hoje encontra-se preso em Florianópolis.

**Depoimentos dos seis adolescentes que estavam cumprindo medidas sócio-educativas no Parque Dom Bosco**

**1) IDENTIFICAÇÃO: GALILEU**

**Parque Dom Bosco, maio de 2005**

- Idade (a idade que vc tinha quando ocorreu o conflito): 17 anos
- Sexo: Masculino
- Cor da pele: branca
- Escolaridade: sétima (incompleta)
- Com quem mora: com a esposa (a esposa tem 14 anos e foi “doada” pelos pais dela, em troca de fornecimento “vitalício” de craque)
- Quantas pessoas têm na sua casa: 2
- Cidade: Itajaí
- Quem trabalha na casa/renda familiar: eu trabalho, vivo de biscates, serviços gerais, mas não assino a carteira.

**Pesquisadora:** Com que idade você cometeu o primeiro ato infracional?

**Galileu:** com 14 anos

**Pesquisadora:** Porque?

**Galileu:** Eu morava com o meu pai e com a minha madrasta, e madrasta sabe, né? Deu a maior briga, aí eu saí de casa ...

**Pesquisadora:** Como era a sua vida até você sair de casa?

**Galileu:** Eu estudava e trabalhava, saía de casa as sete e voltava só as vinte, super cansado, desde os 11 anos eu estudava e trabalhava...

**Pesquisadora:** Conte mais sobre sua vida com seu pai e sua madrasta.

**Galileu:** Pois é, com 14 anos eu fugi, mas depois voltei, aí com 15 anos eu fugi de novo e depois mais uma vez...**Mas eu era novo, não conhecia nada do crime... agora é diferente...**

**Pesquisadora:** Porque fugiu tantas vezes?

**Galileu:** Eu gostava de comprar roupa, andar bem arrumado, eu dava uma parte do dinheiro em casa e a outra parte eu gostava de comprar roupa... mas o pai queria que eu desse todo o dinheiro do meu trabalho em casa.

**Pesquisadora:** Porque você está cumprindo medida sócio-educativa?

**Galileu:** Assalto a mão armada, mas esse assalto foi bobeira... eu não sô destas coisas miúdas... eu não fiz pelo assalto, nem tava precisando, eu tava usando um pano de duzentos reais, melhor que os panos que o cara tava usando, simplesmente eu queria tirar uma da cara do cara , aí o GRT me pegou... mas o meu negócio não é esse...

**Pesquisadora:** Qual é o teu negócio?

**Galileu:** Meu negócio é trafico internacional, só comprar e revender, mas não em picadinho, só coisa grande.

**Pesquisadora:** Tu sabes as conseqüências disso?

**Galileu:** Eu sei as conseqüências... mas qué o quê? Trabalhar o mês inteiro para ganhar quinhentos reais? se ralar trabalhando e nunca ficar rico? quanto tempo eu vou ter que trabalhar para comprar um carro e ter dinheiro no banco? **eu quero dar tudo de bom e do melhor HOJE pra minha mulher, todo o conforto... eu sou bom, sou esperto, não vou cair. Não sou Zé ruela.** Estes caras que tão aí (refere-se aos outros meninos que cumprem medidas) são tudo Zé ruela, são casqueiro, **eu pergunto pra eles: o que você fez pelo crime? a resposta é nada... são tudo Zé ruela... eu não... eu estou com uma facção profissional e muito legal.**

**Pesquisadora:** Você é casado?

**Galileu:** Sim, a mais ou menos 1 ano.

**Pesquisadora:** Você tem certeza que é este caminho que queres seguir pro resto da tua vida?

**Galileu:** Parar não dá e continuar ta embaçado... os caras tão na cola... **Mas é um jeito de levar a vida, é gostoso, o cara mexe com dinheiro o tempo todo, toda hora...**

**Pesquisadora:** Essa é a vida que você escolheu viver pra sempre?

**Galileu:** Só vou parar quando eu fizer um negócio de uns duzentos mil, aí dá pra parar. Eu vou pro Paraguai compro uns bagulho, coloco uma loja pra minha mulher cuidar ou construo umas quatro ou cinco casinhas e vivo de aluguel... aí da pra parar...

**Pesquisadora:** Não tem que mudar de cidade?

**Galileu:** Pra quê? Não precisa...

**Pesquisadora:** Como você se sente quando está vendendo o bagulho?

**Galileu:** Cara: é um negócio como outro qualquer, eu não sei porque tanta neura. **É trampo cara é trampo e eu me sinto tramando numa multinacional.**

**Pesquisadora:** Você acha certo vender a desgraça para a vida dos outros?

**Galileu:** **Cara na boa: compra quem quer.** Na Real, ta ligado? **todo mundo sabe que o craque faz mal, todo mundo sabe que quem entra no craque vira casqueiro e perde tudo,** então entra quem quer, eu não obrigo a ninguém comprar de mim, eu apenas trato bem os meus clientes, levo eles na manha, afinal tem que conquistar a clientela...

**Pesquisadora:** Como você se sente aqui, cumprindo a medida sócio-educativa, fazendo prestação de serviço a comunidade?

**Galileu:** Na real: simplesmente ridículo, isto aqui é uma palhaçada pra casqueiro, não recupera ninguém, porque aqui é tudo casqueiro que não quer ser recuperado. A Beldade (se referindo a minha pessoa) vem aí todo o sábado, fica gastando papo com esse monte de Zé ruela, que na frente fazem caras de anjinho e nas costas ficam tirando a maior onda, debochando mesmo. **Todos acham um pé ta aqui, a diferença é que os outros mentem que não tão fazendo mais nada e eu assumo: não quero estudar, quero traficar.**

**Pesquisadora:** Como é a tua relação com a tua família?

**Galileu:** Quando eu tinha 5 anos meus pais se separaram e eu fiquei com a minha mãe. Depois não deu certo, aí com 9 anos eu fui morar com a minha vó e com 11 anos fui morar com meu pai e com a minha madrasta. Mas o que eu mais gostei foi morar com a vó, foi o melhor tempo da minha vida.

**Pesquisadora:** Então porque você saiu da casa da sua avó?

**Galileu:** Por que eu não sou muito chegado em chamego de vó, eu não gosto desta história de beijo em vó, eu já era crescido e ela ainda me tratava como criança.

**Pesquisadora:** E a sua esposa, como foi que vocês se conheceram?

**Galileu:** Conheci ela porque o pai e a mãe dela usavam pedra. O pai era viciadasso e a mãe só usava umas duas vezes por semana. Eu vendia pedra, e quando eles não tinham dinheiro pra me pagar eu pedia pra eles me darem um **arrego com ela**. Ela não gostava de mim, me achava muito folgado pra caralho, mas eu fui insistindo e fui conquistando, por que eu coloquei o olho e sabia que ela era minha.

**Pesquisadora:** E você já usou pedra?

**Galileu:** Só uma vez, foi assim, eu briguei com a minha mulher e fiquei puto, daí eu vi aquele cachimbo, peguei e fui pra boca do beco fumar. Sabe como é, quem não erra não anda... tem que errar pra andar. Aí eu fumei e depois me perguntei: o que tu ta fazendo da tua vida caralho? Aí eu olhei pro Nego que perdeu tudo, perdeu casa, carro, família, tudo, eu me espelhei nele... eu gosto de me espelhar nas pessoas... cáí na real, eu não quero perder tudo que eu já construí. **Depois disso, eu nunca mais usei. Também tem um detalhe, eu uso uns oito baseados por dia e não tem ressaca, não dá depressão depois, mas a pedra dá uma depressão do caralho no outro dia.**

**Pesquisadora:** Você vive do comércio da pedra?

**Galileu:** Da pedra e das outras coisas também... nós somos uma facção organizada. Funciona assim, por exemplo, na Foz (Foz de Iguaçu) a maconha é cem reais o quilo e aqui é de trezentos e cinquenta a quatrocentos. Nós compramos e revendemos, entende? mas a gente não vende em picado... só coisa grande.

**Pesquisadora:** Essa vida compensa?

**Galileu:** **O dinheiro muda muitas coisas, muda tudo**, o dinheiro não traz felicidade, mas muda muito. Se eu não tivesse dinheiro, eu não estaria aqui todo bonito, de banho tomado, pano da hora, **muda tudo, muda tudo**.

**OBSERVAÇÃO:** Sua primeira medida foi de 24 sábados (de 4 horas cada) de prestação de serviço à comunidade, que ele cumpriu até dezembro de 2005. Em maio de 2006 o menino voltou para cumprir mais 24 sábados, pois o juiz reviu a medida. Em julho de 2006, quando o adolescente já havia completado 18 anos, foi preso por tráfico de drogas. Atualmente cumpre pena na Penitenciária de Itajaí e sua esposa, agora com 15 anos, voltou para a casa dos pais.

## 2) IDENTIFICAÇÃO: MAQUIAVEL

**Parque Dom Bosco, Junho de 2005.**

- Idade (a idade que vc tinha quando ocorreu o conflito): 16
- Sexo: Masculino
- Cor da pele: branca
- Escolaridade: oitava completa
- Com quem mora: sozinho, mas quer buscar a mãe para morar junto
- Quantas pessoas têm na sua casa: 1, só eu.
- Cidade: Itajaí
- Quem trabalha na casa/renda familiar: vivo de biscates na construção civil.

**Pesquisadora:** Quando foi que você cometeu seu primeiro ato infracional?

**Maquiavel:** Eu tinha uns 16 anos... eu era pedreiro, mas o dinheiro não dava. Eu robei uma bicicleta, depois um som e **peguei gosto, vinha dinheiro fácil**. O problema foi quando a minha mulher descobriu e brigou comigo por causa disso, aí que eu comecei a roubar mais, até que eu caí o ano passado, num assalto, o cara deu a fita, ele já tinha trabalhado lá naquela padaria e disse que toda a semana a mulher recebia três mil de um cara que vinha pagar ela, então eu rendi todo mundo e não tinha nada na maleta, foi quando chegou a polícia. Foi a primeira, e última vez que eu caí, porque não quero nunca mais me meter nisso tudo. Eu fui pro CIP e fiquei 25 dias e depois o juiz me deu medida pra cumprir aqui aos sábados.

**Pesquisadora:** Quantos sábados?

**Maquiavel:** 12 sábados de 4 horas cada.

**Pesquisadora:** Você passou fome na infância ou algum dia?

**Maquiavel:** Fome não, não chegamos a passar fome, mas logo depois que meu pai foi embora de casa nós passamos vontade de ter as coisas, passamos dificuldades, mas sempre teve pelo menos feijão.

**Pesquisadora:** Você está trabalhando?

**Maquiavel:** Sim, de pedreiro.

**Pesquisadora:** A esposa, vocês voltaram?

**Maquiavel:** Não, quando eu saí do CIP, eu corri atrás dela, corri muito, mas ela não me quis, chegou um dia que eu desisti e voltei com uma ex-namorada, passou uns três meses e ela ta louca atrás de mim... porque, agora que eu não quero mais, ela fica correndo atrás de mim?

**Pesquisadora:** Você está bem com essa namorada?

**Maquiavel:** Eu to, não quero trocar o certo pelo duvidoso, mas às vezes eu ... sei lá... não quero que a outra me veja com esta, a gente não sabe o dia de amanhã. Na verdade eu não quero magoar a outra, às vezes eu acho que eu gosto das duas.

**Pesquisadora:** Me conta como é o teu relacionamento familiar.

**Maquiavel:** **Faz dez anos que a minha mãe se separou, do meu pai não tive mais notícias, e o meu padrasto bebe muito, meu padrasto é alcoólatra**, por isso que eu briguei com ele. Eu perdi toda grana de uma obra por causa dele. Mas, a mãe não consegue deixar dele, sabe como é, ela estava há dez anos separada e, bem, sabe como é mulher dez anos sem ver homem... agora faz duas semanas que ele ta sumido.

**Pesquisadora:** Em quantos irmãos vocês são?

**Maquiavel:** Nós somos em três irmãos, todos homens.

**Pesquisadora:** Todos do mesmo pai?

**Maquiavel:** Sim.



**Pesquisadora:** Como você se da com a tua mãe?

**Maquiavel:** Super bem, eu adoro a minha mãe, eu só não moro com ela por causa do meu padrasto, mas se ela quiser, ela pode vir morar comigo, a hora que ela quiser. Eu adoro morar sozinho, hoje eu acordei, limpei toda a casa e lavei a minha roupa, eu adoro organizar as coisas do jeito que eu gosto, do meu jeito. Mas se a mãe quiser ela pode vim morar comigo.

**Pesquisadora:** Como você se sentiu na hora do assalto?

**Maquiavel:** Nervoso, muito nervoso. Deu tudo errado, muito diferente que nós tínhamos programado, cara, que estresse, teve uma hora que eu achei que eu ia levar um balaço da polícia, isso que a gente não reagiu.

**Pesquisadora:** Como você se sentiu quando estava no CIP?

**Maquiavel:** Olha, prefiro nem falar, foram os piores dias da minha vida, se existe inferno deve ser parecido com aquilo lá.

**Pesquisadora:** Como você se sente aqui cumprindo a prestação de serviço a comunidade?

**Maquiavel:** Aqui a gente é bem tratado, mas sábado a tarde é foda. Mas ta na boa, ta no final.

**Pesquisadora:** Planos pro futuro?

**Maquiavel:** Trabalhar e ficar na boa com a minha mãe e decidir com qual a namorada eu quero ficar, eu ainda não tenho bem certeza, quando eu to com uma penso na outra, é um nó na minha cabeça...

**Pesquisadora:** A medida sócio-educativa te ajudou a repensar sobre tuas atitudes?

**Maquiavel:** O que me fez mudar foi o CIP, cara, nunca mais quero ir pra lá, nunca mais, é muito foda perder a liberdade e não poder ter o nosso cantinho, a nossa comida. Eu sou cheio de mania, gosto das coisas arrumadas do meu jeito, por exemplo, hoje antes de vir pra cá eu mesmo fiz o meu almoço, arrumei a casa, deixei tudo arrumadinho do meu jeito. Sem noção, sem noção é muito ruim ta fora de casa e não poder fazer as coisas do nosso modo.

**OBSERVAÇÃO:** O menino esteve no CIP em 2004 e cumpriu a medida de prestação de serviço a comunidade em 2005. Atualmente (2006) encontra-se morando com a mãe e trabalhando na construção civil. Até o momento, não houve reincidência.

### 3) IDENTIFICAÇÃO: LUCRÉCIO

#### **Parque Dom Bosco, Julho de 2005**

- Idade (a idade que vc tinha quando ocorreu o conflito): 16
- Sexo: masculino
- Cor da pele: branca
- Escolaridade: primeiro ano do ensino médio incompleto (está repetindo pela terceira vez)
- Com quem mora: com pai, mãe e uma irmã
- Quantas pessoas têm na sua casa: 4
- Cidade: Itajaí
- Quem trabalha na casa/renda familiar: pai é gerente de loja e mãe é secretária
- Está com 16 anos.

**Pesquisadora:** Qual foi o teu ato infracional?

**Lucrécio:** Eu estava de moto, o policial me mandou parar, eu não parei, entrei na contra mão umas 5 ou 6 quadras, entrei na calçada, fiz muitas manobras radicais...

**Pesquisadora:** Você subiu na calçada em alta velocidade?

**Lucrécio:** Sim, é claro que eu estava em alta velocidade, afinal eu estava fugindo da polícia...

**Pesquisadora:** Não te passou pela cabeça, que poderias atropelar uma criança?

**Lucrécio:** Não, na hora não... nem depois... só agora com a senhora fazendo essa pergunta.

**Pesquisadora:** E agora, já pensaste sobre isto?

**Lucrécio:** agora sim... mas eu nunca tinha pensado sobre isto... **MAS FARIA DE NOVO, os riscos são pequenos, em comparação da adrenalina que ocorre.**

**Pesquisadora:** Tens consciência de que poderias ter atropelando alguém, poderias ter estragado a vida de uma família inteira?

**Lucrécio:** Nunca tinha pensado sobre isto...

**Pesquisadora:** Porque você fugiu?

**Lucrécio:** ...eu não tenho carteira... eu sô de menor...

**Pesquisadora:** De quem era a moto?

**Lucrécio:** De um camarada meu... mas eu já paguei a multa... já retirei a moto.

**Pesquisadora:** Você portava alguma droga ilícita?

**Lucrécio:** Não... eu não uso, nem vendo... a minha **única fissura é a moto, é fazer manobras radicais com moto...**

**Pesquisadora:** Então não precisava ter fugido, afinal, você sabia que eles iriam atrás de ti?

**Lucrécio:** sim eu sabia... **fugi pela adrenalina...**

**Pesquisadora:** Como você se sente dirigindo sem carteira? Você tem consciência de que não está correto?

**Lucrécio:** Não penso assim, se eu sei dirigir então eu dirijo. Me sinto normal porque eu dirijo muito bem.

**Pesquisadora:** Você apanhou, quando a polícia te alcançou?

**Lucrécio:** Pra caralho... **apanhei muito... eles pensaram que eu era ladrão ou traficante, pra fugir daquele jeito...**

**Pesquisadora:** Você mora com os teus pais?

**Lucrécio:** sim...pai, mãe, irmã mais velha...tudo certinho...família tradicional...vou a missa...

**Pesquisadora:** Como os teus pais se sentiram, em relação a isto?

**Lucrécio:** A minha mãe ficou louca da vida **quando chegou na delegacia e me viu algemado... nunca vou esquecer a cara dela...**

**Pesquisadora:** Porque você estava algemado? Você resistiu a prisão quando eles te alcançaram?

**Lucrécio:** Não, fiquei bem quietinho... é que eles acharam que eu era ladrão... e perigoso... pela maneira que eu fugi. Um policial me disse que nunca tinha tido tanto trabalho para pegar alguém... ele disse que eu dei muito trabalho...

**Pesquisadora:** Tu estudas?

**Lucrécio:** Sim, mas eu atrasei dois anos... eu rodei dois anos porque eu saía na hora do recreio para fazer manobras radicais no morro em Camboriú.

**Pesquisadora:** Todos os dias?

**Lucrécio:** **Sim, todos os dias... não dava pra ficar nenhum dia sem ir... não dava... eu não aquento ficar um dia sem moto...**

**Pesquisadora:** Você rodou dois anos por falta?

**Lucrécio:** Sim, é isto aí.

**Pesquisadora:** Quando você faz estas manobras radicais lá no morro em Camboriú, você usa capacete?

**Lucrécio:** **não... claro que não... se não, não seria manobra radical...**

**Pesquisadora:** Como você se sente cumprindo a medida sócio-educativa de prestação de serviço à comunidade?

**Lucrécio:** Uma chatice, se eu pudesse eu não viria. É muito tempo perdido, tem coisa muito melhor pra fazer sábado à tarde.

**Pesquisadora:** Você continua dirigindo sem carteira?

**Lucrécio:** Não né? o véio ta no meu pé, disse que a coisa vai engrossar pro meu lado, então vou esperar fazer 18 anos, falta pouco, só alguns meses.

**Pesquisadora:** A medida sócio-educativa ajudou a repensar as tuas atitudes?

**Lucrécio:** Na boa? Quer a verdade? Eu só não to dirigindo sem carteira por causa do meu velho, ele disse que a coisa ia ficar muito feia pro meu lado, e o véio é foda, quando ele fala é pra valer. Só por isso, nada mais. Se fosse por causa disso aqui, apenas por vir aqui, há! podes ta ligado que eu ainda tava dirigindo!

**OBSERVAÇÃO:** **O menino cumpriu a medida de prestação de serviço a comunidade em 2005. No presente momento (2006) mora com os pais e não houve reincidência.**

#### **4) IDENTIFICAÇÃO: FONTENELLE**

##### **Parque Dom Bosco, Julho de 2005**

- Idade (a idade que vc tinha quando ocorreu o conflito): 17
- Sexo: masculino
- Cor da pele: branca
- Escolaridade: Oitava completa. Não gosto de estudar.
- Com quem mora: pai, mãe e uma irmã
- Quantas pessoas têm na sua casa: 4
- Cidade: Itajaí
- Quem trabalha na casa/renda familiar: meu pai é dono de um bar e minha mãe trabalha com ele fazendo comida pro pessoal que vai comer no bar.
- Observação: Está com 18 anos

**Pesquisadora:** Com que idade você cometeu o primeiro ato infracional?

**Fontenelle:** eu tinha 12 anos, eu estava soltando pipa e a pipa caiu num telhado de uma casa, eu subi pra pegar e a telha quebrou, então eu aproveitei e peguei um vídeo game e saí carregando ele...

**Pesquisadora:** Porque você pegou o vídeo game?

**Fontenelle:** **Porque eu sempre quis um... sempre sonhei com um... eu vi, tava fácil... peguei.**

**Pesquisadora:** E aí, você levou pra casa?

**Fontenelle:** Sim cheguei em casa e a mãe perguntou de quem era e eu disse que era de um amigo, que ele tinha me emprestado, mas ela mandou devolver, não deixou nem eu instalar, disse que não queria nada que não era nosso dentro de casa. Eu saí e vendi por 50 paus, foi a minha primeira grana fácil... foi muito bom ter dinheiro na mão, peguei o gosto e não parei mais... sempre pegava alguma coisa pra vender, uma zica, um negocinho no mercado, **peguei o gosto entende?**

**Pesquisadora:** Quando foi a primeira vez que você caiu?

**Fontenelle:** Foi o ano passado, fevereiro de 2004... eu e dois amigos fomos fazer um assalto à uma padaria, nós estávamos em três, com uma pistola verdadeira e uma falsa. Peguei o

dinheiro, coloquei na cueca e fugimos... mas os homi nos pegaram... fui pro CIP (Centro de Internamento Provisório), fiquei 25 dias no CIP.

**Pesquisadora:** Como foi o tempo que passaste no CIP?

**Fontenelle:** Muito ruim, emagreci sete quilos, aquele lugar é muito fedido, muito fedido. **Apesar, que eu tinha arrego, sabe, o meu tio tem um puteiro, e um dos educadores que trabalha no CIP, não sai de lá, do puteiro do meu tio,** então ele dava arrego pro meu tio e a minha mãe ir me visitar e levar comida todos os dias... mas mesmo assim, era muito ruim.

**Pesquisadora:** E depois, quando você saiu de lá, o que aconteceu?

**Fontenelle:** Eu passei uns meses com cuidado total, eu não tinha nem chave de casa. Demorou para o meu pai e minha mãe me liberarem.

**Pesquisadora:** Você voltou a roubar?

**Fontenelle:** Não. Tava na boa. O que aconteceu é que eu mais dois amigos, saímos para a balada, nós íamos para o Galpão das Artes. Um dos meus amigos tinha o bagulho pra vender, eu sabia que ele ia vender, mas eu não ia vender. Ele nos convidou pra ir junto pro Galpão, ele disse que venderia o bagulho e depois pagava a balada pra nós, então nós fomos. A polícia nos pegou antes de entrar no Galpão, fez a revista e encontrou meu amigo “lotado”, mas eu e o outro estávamos limpos, na verdade, só estávamos fazendo companhia, pra depois ele pagar a balada.

**Pesquisadora:** E aí, o que aconteceu?

**Fontenelle:** Eu peguei essa medida, de vir aqui 12 sábados à tarde. Termina hoje...

**Pesquisadora:** Você trabalha?

**Fontenelle:** **Sim, trabalho nos containeres, ganho 450 pau por mês, mas é muito pouco. É isso que desanima a gente, é isso que as vezes dá vontade de voltar a roubar.** Agente trabalha feito louco o mês inteiro e chega da nojo quando a gente recebe...é muito pouco... **esse mês quando eu recebi, até nem quis sair de casa, fiquei de mau humor... é muito pouco... o assalto, em uma hora o cara ganha o que leva um mês se ralando no trabalho.**

**Pesquisadora:** Como é o teu relacionamento familiar?

**Fontenelle:** Bom, eu tenho pai, mãe e uma irmã mais nova que eu. O pai tem um bar e a mãe sempre foi muito trabalhadeira.

**Pesquisadora:** Você passou necessidade?

**Fontenelle:** Não, nenhuma, nunca me faltou nada, o pai sempre me deu tudo o que eu precisava. Acontece que ele me dava o necessário, e eu queria o extra, tipo grana pra sair na noite, pra tomar uma gelada, pra comprar uma roupa de marca, estas coisas...

**Pesquisadora:** Teu pai e a tua mãe se dão bem?

**Fontenelle:** Sim, super bem, só uma vez teve uma briga feia.

**Pesquisadora:** Como que está o relacionamento com os teus pais?

**Fontenelle:** Bom, a minha mãe ficou muito triste aquela época que eu tava no CIP.

**Pesquisadora:** Você estuda?

**Fontenelle:** Não. Parei na oitava série. Não gosto de estudar, mas vou fazer o supletivo para terminar o segundo grau. Mas eu me acho burro, não gosto de estudar, parece que é tão difícil.

**Pesquisadora:** Como você se sentia na hora que estava roubando/assaltando?

**Fontenelle:** Normal, um pouco tenso, às vezes o suor escorria, mas isso é o meu normal, eu sou um pouco tímido.

**Pesquisadora:** Como você se sentiu aqui cumprindo prestação de serviço a comunidade?

**Fontenelle:** Há, é bem melhor que no CIP, é só vir aqui, não precisa ficar fora de casa, eu gostei muito. Ajudou muito nosso papo (diálogo com a pesquisadora), não to querendo te da moral, porque eu nem preciso, pois hoje é o meu último dia aqui mesmo, mas na moral, ajudou muito poder me abrir com você todas as vezes que você me ouviu, e principalmente me entendeu. Posso voltar pra conversar com você se eu precisar?

**Pesquisadora:** Sim, claro que sim.

**Observação:** o menino voltou três vezes para conversar, sendo que uma vez na companhia da namorada que estava preocupada que ele estava bebendo demais. Na quarta vez veio para convidar a pesquisadora para o seu noivado.

**Pesquisadora:** Planos para o futuro?

**Fontenelle:** Sim, quero fazer o segundo grau, porque vou noivar ainda este ano, e a minha namorada é inteligente e ela não vai querer ficar com um burro. Quero um emprego melhor... esse paga muito pouco.

**Pesquisadora:** Você é ou foi usuário de alguma droga ilícita?

**Fontenelle:** Só experimentei, mas não gostei, maconha não posso nem com o cheiro e bala eu usei umas quatro vezes, mas não gostei.

**Observação:** O menino esteve no CIP em 2004. Cumpriu a medida sócio-educativa de prestação de serviço a comunidade em 2005 no Parque Dom Bosco (onde foi feita a entrevista), neste mesmo ano ficou noivo e foi trabalhar com o sogro. Em 2006 foi morar com a noiva, continua trabalhando com o sogro e voltou a estudar (na companhia da noiva que vai junto para incentivar). Atualmente (2006) encontra-se construindo sua casa no terreno atrás da casa do sogro e com planos de casamento no civil e na igreja. Não houve reincidência.

## 5) IDENTIFICAÇÃO: PLATÃO

### Parque Dom Bosco, 2005

- Idade (a idade que vc tinha quando ocorreu o conflito): 17 anos
- Sexo: Masculino
- Escolaridade: 2º Grau completo
- Com quem mora: Meus Pais
- Quantas pessoas têm na sua casa: 5
- Cidade: Navegantes/SC
- Quem trabalha na casa/renda familiar: Pai aposentado, mas tem uma sorveteria. Meus irmãos também trabalham inclusive eu.

**Pesquisadora:** Qual o ato infracional cometido?

**Platão:** Dei um tiro pro alto no final de uma partida de futebol, no estádio, após o jogo. O meu se encaixa no 121, tentativa de homicídio e porte ilegal de arma. Não vi que tinha acertado uma pessoa. Dei o tiro e fui embora, não corri, nem me escondi, simplesmente fui embora. No outro dia que fiquei sabendo pelos jornais que havia uma vítima (mas não foi



fatal), hoje ele está bem e não teve seqüelas corporais... mas podia ter sido pior... mas nunca comprovaram que o tiro que eu dei, foi o tiro que o atingiu... naquela confusão, pois eu vi a polícia atirar pra cima também.

**Pesquisadora:** Em que local está cumprindo a medida sócio-educativa?

**Platão:** Parque Dom Bosco, mas primeiro eu passei pelo CIP, fiquei 37 dias e agora tenho que prestar serviço comunitário por 48 sábados.

**Pesquisadora:** Qual a medida que está cumprindo?

**Platão:** Prestação de Serviço a Comunidade

**Pesquisadora:** Como você se sente em estar cumprindo a medida sócio-educativa?

**Platão:** Normal, tenho que cumprir fazer o que, aqui se faz aqui se paga, mas gosto muito de cumprir no Parque Dom Bosco, eles incentivam muito. Eu estou estudando manutenção de computador no Dom Bosco e isso foi incentivo do pessoal do sábado à tarde (Davi e Grace), esse estudo vai me abrir um bom emprego no futuro.

**Pesquisadora:** Que idade você tinha a primeira vez que você veio pro CIP?

**Platão:** 17 anos

**Pesquisadora:** Quando terminar as medidas quais são seus planos para o futuro?

**Platão:** Meus futuros eu já sei, continuar trabalhando e fazer a minha faculdade.

**Pesquisadora:** Conte-me como foi a primeira vez que você entrou em conflito com a lei, cometendo um ato infracional.

**Platão:** Não foi meu primeiro registro na delegacia, **já tinha passagem por briga, mas como o último que eu cometi nunca pensei em fazer, me arrependo de muitas coisas, atrasei meu futuro isso eu sei, mas não me desanimei.** Hoje em dia penso no que fiz pra nunca mas errar, e eu estou muito bem, até namorando eu estou, acho que devia acontecer isso comigo pra mim parar, pensar, e refletir, só assim pra tomar rumo a vida.

**Pesquisadora:** O que te levou a cometer um ato infracional?

**Platão:** Até hoje eu não sei, vai ver que era o destino.

**Pesquisadora:** E a primeira vez que você caiu?

**Platão:** Não, é a 2º a 1º foi de uma briga que me envolvi, **desde dali eu estava entrando no caminho errado**, até levar esse ato infracional que cometi, mas agora parei vi que não vale a pena, senti pena da minha mãe do meu pai e dos meus irmãos e das pessoas que gostavam de mim que estavam ao meu redor.

**Pesquisadora:** Você passou fome na sua infância?

**Platão:** Nunca passei.

**Pesquisadora:** Com que idade você começou a usar drogas?

**Platão:** Nunca usei. Droga nunca foi comigo, nem eu com ela.

**Pesquisadora:** Você vive do comércio da pedra/maconha?

**Platão:** Não.

**Pesquisadora:** Essa vida compensa?

**Platão:** Acho que não.

**Pesquisadora:** E o colégio, por que você parou de estudar? Você gostava de ir ao colégio?

**Platão:** Nunca parei, parei porque fui apreendido. Sempre gostei de estudar.

**Pesquisadora:** Conte-me alguma recordação que tenha te deixado triste ou envergonhado.

**Platão:** O que me deixou, mas triste, foi que eu fui mostrado nos jornais sem ter as provas concretas, isso foi muito ruim pra min, depois não sabia como olhar pras pessoas nas ruas, mas agora ninguém mas comenta.

**Pesquisadora:** Como é o teu relacionamento familiar?

**Platão:** Bom

**Pesquisadora:** Como que é o teu relacionamento com os teus pais?

**Platão:** Bom, as vezes tem aquelas brigas mas são básicas, mas nos damos muito bem.

**Pesquisadora:** Como você se sentiu no momento em que estava cometendo o ato infracional?

**Platão:** Não senti nada, porque não vi nada, só fui ver depois de um dia no jornal, não sei até hoje como fui fazer aquela besteira, não sei se foi influencia dos amigos, quando eu vi já tava no rolo.

**Pesquisadora:** O que você faz durante o dia?

**Platão:** Atualmente, trabalho a noite, e durmo até 12:00 e a tarde estou fazendo curso de manutenção de micro-computadores no Parque Dom Bosco.

**Pesquisadora:** Essa é a vida que você escolheu viver pra sempre?

**Platão:** Trabalhar e estudar sim. Agora na vida de antes eu entrei por bobeira mesmo, mas é passado e quem vive de passo é museu.

**Observação:** o menino passou pelo CIP, onde ficou 2 meses e 15 dias, após recebeu a medida sócio-educativa de prestação de serviço à comunidade 48 sábados (de 4 horas cada). Atualmente está trabalhando e estudando manutenção de computadores no Parque Dom Bosco, é um ótimo aluno e cumpriu a medida rigorosamente em dia. Não houve reincidência.

## **6) IDENTIFICAÇÃO: SÓCRATES**

**Parque Dom Bosco, Abril de 2006**

- Idade (a idade que vc tinha quando ocorreu o conflito): 17 anos
- Sexo: Masculino
- Escolaridade: Estou fazendo supletivo para terminar o ensino médio, eu rodei 2 anos por causa de suspensões e expulsões (em 18 meses fui expulso de 2 colégios por suspeita de eu ser maconheiro e por ser má companhia para os outros alunos). **Eu pulava muro, eu não dava importância para o estudo. Hoje eu vejo que coloquei 2 anos da minha vida fora.** O mês passado fiz um curso de 3 semanas de elétrica em Brusque e atualmente estou estudando elétrica à tarde no Parque Dom Bosco e supletivo à noite no Faial.
- Com quem mora: com mãe, pai e uma irmã.
- Quantas pessoas têm na sua casa: 4
- Cidade: Itajaí, no bairro Prómorar.
- Quem trabalha na casa/renda familiar: minha mãe é do lar e meu pai é caminhoneiro.

**Pesquisadora:** Qual o ato infracional cometido?

**Sócrates:** Eu estava fumando maconha de manhã, coisa de maconheiro mesmo... estava andando perto da Igreja Matriz e parei para acender o baseado, na cara dura mesmo, aí os homens me pegaram, colocaram no paredão, revistaram e me levaram pro fórum, fiquei muitas horas lá, depois chamaram meu pai e eu só saí de lá na companhia dele.

**Pesquisadora:** Em que local está cumprindo a medida?

**Sócrates:** Já cumpri, foi no Parque Dom Bosco (fevereiro/março e abril de 2006). Estou terminando hoje.

**Pesquisadora:** Qual a medida que você cumpriu?

**Sócrates:** 12 sábados de Prestação de serviço à comunidade.

**Pesquisadora:** Como você se sentiu quando estava cumprindo a medida sócio-educativa?

**Sócrates:** Não tive constrangimento. **No início eu me senti chateado porque estava perdendo parte do meu final de semana, depois fui me acostumando e passei a gostar, porque eu tive ajuda e dialogo,** eu pensei que ia apenas prestar serviço a comunidade, mas cheguei aqui e tive com quem desabafar, **com quem ter um dialogo,** pessoas que me ofereceram ajuda e que me mostraram que existe outro caminho e principalmente me deram oportunidade de voltar a estudar. **Peguei o gosto de novo pelo estudo, eu tinha perdido isso, eu havia me acostumado a ficar só na boca, jogando vídeo game e vendendo bagulho. Eu acho que precisa acontecer um investimento pesado por parte do governo, para ajudar jovens como eu. Sabe, através dos erros nós acordamos, é como se estivéssemos dormindo num mundo de ilusões, de repente a gente se vê encostado no paredão e um policial passando a mão na gente, aí a gente acorda e percebe muita coisa. Quando a gente acorda e chega aqui e recebe essa situação de incentivo, dá vontade de mudar, então eu resolvi mudar e percebi que tinha colocado fora dois anos da minha vida.** Quando a gente ta na Boca vendendo, a gente só vê este mundo, parece que não existe outro mundo, agora eu to vendo que existe outro mundo e que nem todas as pessoas usam maconha e craque, e que tem outras coisas a se fazer na vida do que ficar só indo em festa raive.

**Pesquisadora:** Agora que terminou de cumprir a medida sócio-educativa, quais são seus planos para o futuro?

**Sócrates:** Quero terminar o supletivo e me formar em elétrica, quero ser voluntário na Casa de Juventude que se chama: Fala Guri, que fica no bairro São Cristóvão, também me

matriculei nas aulas de violão e vou continuar fazendo meu tratamento no CAPS, sei que preciso de ajuda, sabe, eu não me achava drogado, nem dependente, eu achava que parava sozinho e a hora que eu queria, eu pensava que podia parar de usar e continuar andando com a mesma galera. Agora eu vejo tudo diferente, consigo admitir que é muito difícil parar sozinho, que ainda não tenho toda essa capacidade e que tenho que trocar de amigos, mas estou fazendo isso aos poucos, uma vez por semana ainda vou na casa da galera que eu andava antes.

**Pesquisadora:** Conte-me como foi a primeira vez que você entrou em conflito com a lei, cometendo um ato infracional.

**Sócrates:** Eu tinha 16 anos e um amigo de infância me ofereceu um Beck, experimentei, gostei e comecei a usar direto. Depois fiquei amigo do pessoal da Boca, fiquei amigo do traficante, ele me ofereceu trabalho, eu comecei a vender pedra e foi entrando dinheiro fácil, eu só ficava ali na Boca jogando vídeo game, fumando baseado e ganhando trezentos reais por semana. Depois eu comecei a vender Bala e Doce (êxtase) em festa raive, mas pra festa eu levava pouco, só o suficiente pra eu vender e poder me divertir e gastar naquela noite.

**Pesquisadora:** O que te levou a cometer um ato infracional?

**Sócrates:** **Para ser mais homem, para ter status, pelo dinheiro fácil e pra mostrar que eu não era Playboy, isto é, pra mostrar que eu sabia e podia ser bandidão a hora que eu queria.** Eu pensava que era novo e precisava me divertir muito, não tinha vontade de estudar e começou a entrar **dinheiro fácil. Todo o adolescente quer ser um Bandidão.** Depois eu comecei a experimentar outras coisas, experimentei pó, e bala. Eu vendia pedra, mas pedra é coisa de casqueiro pobre, então eu não usava. Eu sou jovem e jovem gosta de bala, doce, pó e maconha. **Quando a gente entra nesta vida acha que vai ser só alegria, porque é muito dinheiro, muita festa, mulher e azaração, mas depois tu percebe que perdeu a liberdade,** que não pode fazer uma faculdade, que não pode sair daquele mundo restrito e vai começando a te dar uma pane. Eu quero fazer faculdade, eu quero ir e vir a hora que eu quiser, eu quero usar umas roupas legais, mas eu posso comprar com um dinheiro de trabalho, eu cheguei a conclusão que é muito melhor ter carteira assinada, feriado, direitos trabalhistas, final de semana livre e férias. **Eu descobri que eu vou me sentir muito mais poderoso e com status se eu estiver fazendo uma faculdade.**

**Pesquisadora:** Você passou fome na sua infância?

**Sócrates:** Não, nunca.

**Pesquisadora:** Com que idade você começou a usar drogas?

**Sócrates:** Maconha 16 anos, depois experimentei pó e bala.

**Pesquisadora:** Quem te deu o primeiro Teco?

**Sócrates:** **Um amigo de infância, mas não foi só o primeiro cigarro de maconha que eu ganhei, todas as drogas, sempre a primeira vez é de graça, foi assim com o pó e com a bala.**

**Pesquisadora:** Você ainda vive do comércio da pedra/maconha?

**Sócrates:** **Não, eu quis sair desse mundinho de favela,** de coisa ruim, esse mundo o cara só se estraga. Mas não é fácil sair, tem cara que não consegue.

**Pesquisadora:** Essa vida compensa?

**Sócrates:** Não é só ilusão, toda grana que entra fácil sai muito fácil e além disso a gente fica todo mole sem vontade pra nada, vai ficando burro, sem raciocínio e vendo fantasma, tendo alucinação, vai ficando em paranóia. **As pessoas que tu convive são horríveis, tua vida vira um inferno, tu pode morrer ou ser preso a qualquer momento, tua cabeça fica num mundinho muito restrito, quando você vê ta preso dentro da Boca e não pode sair dali, é uma prisão.**

**Pesquisadora:** Conte-me alguma recordação que tenha te deixado triste ou envergonhado.

**Sócrates:** Quando a minha mãe brigou com uma amiga minha lá da Boca, essa minha amiga falou mal da minha mãe no cabeleireiro e todo mundo ficou sabendo e também disse que eu era maconheiro lá no cabeleireiro, deu um rolo do cão, uma fofocada e a minha mãe chorou muito. Todo mundo começou a comentar que eu era má companhia e que eu era maconheiro, os meus pais queriam me internar e a vizinhança toda falando mal de mim...

**Pesquisadora:** Como é o teu relacionamento familiar?

**Sócrates:** Agora é bom, porque eu estou bem, lá em casa é assim: se eu estou bem ta tudo bem, se eu estou mal fica tudo virado, tudo mal.

**Pesquisadora:** Como que é o teu relacionamento com os teus pais?

**Sócrates:** Agora tá bom, mas relacionamento é uma coisa muito complicada. Meu pai sempre me tratou bem e me deu comida, roupa, só queria saber se eu estava indo a escola, então se eu estava na escola tava tudo bem, não me perguntava mais nada, **não chegava perto de mim, sempre era eu que procurava ele, sempre era eu que o buscava, eu queria que ele fosse mais participativo, que falasse mais comigo que se preocupasse com os meus pensamentos e batesse uma bola comigo que tirasse férias e me desse um tempo só pra mim, sei lá, ele sempre se preocupou com o material e a escola e eu queria mais...** Tem outra também, meu pai foi sempre muito rigoroso e me trancava, não deixava eu ir a nada, quando eu comecei a sair, quando eu comecei a tomar liberdade eu não soube o que fazer com ela. Meu pai sempre trabalhou de mais para me dar o melhor, a única coisa que ele me cobrava era nota boa, se eu tivesse nota boa tava tudo bem, mas na verdade ele não falava comigo e não sabia que na minha cabeça se passava muita coisa e eu queria era falar com ele. Quando eu comecei a fumar e traficar meus pais nem desconfiaram, nem perceberam. Quando eles descobriram eles brigaram comigo, ficaram desesperados, **mas sempre tiveram esperança de que eu ia mudar, sempre me diziam que eu podia mudar, caso eu quisesse.** Queriam me internar, quando eu fui preso foi a gota d'água. Agora tão com o pé um pouco atrás, normal né? Mas tá tudo bem. Logo que eu fui pego pela polícia eu fiquei um mês sem usar maconha, mas aí eu li numa revista que maconha não fazia mal, que não deixava o cara burro, então eu voltei a fumar, na verdade o que eu li era tudo o que eu precisava como desculpa pra voltar a usar, mas comecei a me sentir mal, tonto, burro e com a consciência pesada, agora faz 20 dias que eu tô limpo, é isso que eu decidi, é isso que eu quero, **mas é muito difícil.**

**Pesquisadora:** Como você se sentiu no momento em que estava cometendo o ato infracional?

**Sócrates:** Na hora você não pensa em nada, fica só na “parasitagem”, aquilo é normal pra ti. Eu me sentia um bandidão, mas só quando tava com a bandidagem. Quando eu estava com os playbois eu não falava sobre isso.

**Pesquisadora:** O que você faz durante o dia?

**Sócrates:** Agora estou estudando em dois lugares e fazendo tratamento no CAPS, mas antes de ser preso eu ficava só na parasitagem.

**Pesquisadora:** Qual a vida que você escolheu viver pra sempre?

**Sócrates:** Fazer faculdade, eu sei que a minha vida tem um sentido, eu sei que eu tenho uma missão, eu quero descobrir qual é a minha missão, eu quero saber o que eu vim fazer aqui. Quero uma vida tranqüila, ganhar dinheiro e ajudar os outros...

**Observação:** O menino cumpriu rigorosamente os 12 sábados de prestação de serviço à comunidade, sendo que 3 sábados veio acompanhado do pai, que pediu ajuda e para dialogarmos juntos, pois o menino ainda estava freqüentando a boca e recusava-se a trocar de ambiente. Atualmente ele encontra-se fazendo curso de Elétrica no Dom Bosco, freqüentando as aulas com assiduidade e demonstrando muito interesse. Depois que terminou de cumprir a medida, continuou procurando ajuda para conversar durante vários sábados. Até o momento não houve reincidência.



**APÊNDICE C – Síntese dos roteiros de vivências em educação para a paz**

| <b>ROTEIRO</b> | <b>VALOR</b>  | <b>VALORES RELATIVOS</b>   | <b>CANTO EM CONJUNTO</b>                                       | <b>NARRATIVA DE BIOGRAFIA</b> | <b>FILMES RECOMENDADOS</b>   | <b>TÉCNICA DE ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL</b>         |
|----------------|---------------|--|--|-------------------------------|--|---|
| I              | Não-vidência  | Cooperação, concórdia, força interior, idoneidade, respeito a laços e religiões.                 | É Preciso saber viver.<br>(Titãs)                              | Luther king                   | Uma história americana.<br>Duelo de titãs                                      | Autógrafos  |
| II             | Verdade       | Otimismo, interesse pelo conhecimento, sinceridade, lealdade, honestidade, sentido de realidade. | Mais uma vez<br>(Legião Urbana)                                | Albert Einstein               | A corrente do bem.<br>Meu nome é rádio   | Leilão  |
| III            | Ação corretor | Vida salutar, bondade, disciplina, coragem, perseverança.  | Há tempos<br>(Legião Urbana)                                   | Charles Chaplin               | Chaplin: vida e obra.<br>O grande ditador.<br>Coach Carter: treino para a vida | Observação do lençol                              |
| IV             | Paz           | Silêncio interior, calma, paciência, auto-estima, auto-aceitação, autoconfiança.                 | Quando o sol bater na janela do seu quarto.<br>(Legião Urbana) | Gandhi                        | Gandhi.<br>A lista de Schindler  | Change<br>Ser/ o que quero ser/<br>como devo agir |
| V              | Amor          | Amizade, dedicação, generosidade, gratidão, perdão, alegria, simpatia.                           | Será<br>(Legião Urbana)  | Machado de Assis              | Voltando a viver.<br>Homens de honra<br>Hurricane<br>Hotel Ruanda              | Jogos para múltiplas inteligências                |

## APÊNDICE D – Roteiros das aulas em educação para a paz

### ROTEIRO I

VALOR: **Não violência**

VALORES RELATIVOS: Cooperação, concórdia, força interior, solidariedade, respeito pelas diferentes raças, culturas e religiões.

#### 1 - CANTO EM CONJUNTO

→ TITÂS: É Preciso Saber Viver

(CD Acústico 2 – faixa 15)

**Material: CD**

Letra da música

#### Objetivos:

- cantar para descontrair e liberar as energias contidas;
- analisar a letra da música, buscando incentivo ao entendimento do que a letra pode nos trazer de crescimento pessoal, na vivência do nosso cotidiano.
- Incentivar a auto estima, pois quando o adolescente se encontra com a letra da musica na mão, percebe que tem a capacidade de interpretá-la cognitivamente, ele se sente muito inteligente, estimulando-se para outras análises.

#### Principais pontos a serem analisados:

- Que é uma vida cheia de ilusão?
- A ilusão traz uma satisfação constante ou só momentânea?
- Por que quem vive na ilusão pode morrer na solidão? (trabalhar o fato de que quando estamos na ilusão, machucamos os outros, e o desconsideramos...)
- Por que é preciso ter cuidado para mais tarde não sofrer?
- Toda pedra no caminho você pode retirar? Quais são as pedras do meu caminho?
- Que tipos de espinhos podem nos arranhar?
- Por que EU posso escolher entre o bem e o mal?
- Afinal... **o que é o bem? o que é o mal?**

## Titãs - É Preciso Saber Viver

Quem espera que a vida

Seja feita de ilusão

Pode até ficar maluco

Ou morrer na solidão

É preciso ter cuidado

Pra mais tarde não sofrer

É preciso saber viver

Toda pedra do caminho

Você deve retirar

Numa flor que tem espinhos

Você pode se arranhar

Se o bem e o mal existem

Você pode escolher

É preciso saber viver

É preciso saber viver

É preciso saber viver

É preciso saber viver

Saber viver, saber viver

## 2 - NARRATIVA DE BIOGRAFIA:

**Biografia de Martin Luther king Jr. (15/01/1929 – 04/04/1968)**

Material: Biografia (Martin Claret)

### Principais tópicos a trabalhar:

- Suas duas tentativas de suicídio (antes dos 13 anos)
- Sua luta pela não violência
- Teve sua casa bombardeada, mas sem vítimas. Uma multidão de negros enfurecidos formou-se em frente à sua casa, querendo fazer justiça com as próprias mãos aos que tão injustamente o perseguiram; Martin, usando sempre da sua política de não violência, pediu que

depusessem as armas e voltassem para as suas casas, dizendo: “devemos responder ao ódio com amor”.

- A luta contra a segregação racial. Vocês sabem o que é segregação?

- Seu sonho: "Um dia meus filhos viverão numa nação onde não sejam julgados pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo do seu caráter".

- O ressoar de milhões de pés em marcha antecedeu o sonho. Sem este feito, inspirado pela sua admirável coragem pessoal, as palavras teriam simplesmente criado uma fantasia. M L K Jr., O GUERREIRO PACÍFICO, revelou ao povo o seu poder latente; o protesto não violento de massas, firmemente disciplinado, capacitou-o a avançar contra os opressores num combate eficiente e sem derramamento de sangue, revelando quem era o opressor e quem era o oprimido.

- Premio Nobel da Paz em 1964 (aos 35 anos), cujo prêmio, cerca de cinquenta mil dólares, ele destinou aos movimentos em prol dos direitos civis. Ao receber o prêmio, afirmou que recebia em nome de milhões de negros americanos que lutam “para dar fim à longa noite de injustiças raciais”. Alguns comentários de brancos racistas, em relação ao seu prêmio:

- Racistas do sul dos Estados Unidos: “vergonha para todo o mundo”.

- “muito apropriada” disseram os neutros.

- Contra a opinião de líderes de sua própria cor que pregavam a violência, sustentava que as marchas deveriam canalizar o potencial negro, que do contrário, explodiria de maneira diversa.

- O que o motivou a lutar pela igualdade racial?

- Foi apenas por ele?

- Ele tinha uma meta: o que é preciso para atingir uma meta? perseverança, boa vontade, sentimento, disciplina...

### **ENSINAMENTOS DE M L K Jr.**

"Eu tenho um sonho que um dia esta nação se erguerá e viverá o verdadeiro significado de seus princípios: “Nós acreditamos que esta verdade seja evidente, que todos os homens são criados iguais” .

... Eu tenho um sonho que um dia minhas quatro crianças viverão em uma nação onde não serão julgadas pela cor de sua pele, mas sim pelo conteúdo de seu caráter".

"Todos os homens são iguais".

"O que me preocupa não é o grito dos violentos. É o silêncio dos bons".

"Por isso estou feliz hoje. Nada me preocupa, não temo ninguém. Vi com meus olhos a chegada do Senhor". Foram as últimas palavras de Martin Luther King.

“Nunca estarei satisfeito até que a segregação racial desapareça da América. Eu sonhei que algum dia a nação deverá levantar-se e afirmar: mantemos a verdade de que todos os homens nasceram iguais. Sonhei que algum dia sobre as colinas da Geórgia os filhos de escravos e os filhos de velhos senhores estarão prontos para sentar-se na mesma mesa da fraternidade”.

“Ele lutou com todas as forças para salvar a sociedade de si mesma”.  
D. Coretta, esposa de Martin Luther King Jr.

### **3 - TÉCNICA DE ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL:**

Livro: Alfabetização Emocional (ANTUNES, 1999, p. 70)

Técnica: Autógrafos

Antunes (1999, p. 71): “O autógrafo é uma técnica de sensibilização que se presta admiravelmente para abrir uma discussão sobre ética e empatia. Propõe uma situação que envolve reciprocidade e, se bem explorada em sua análise, permite a importância da identificação de sentimentos”.

Análise: Antunes (1999, p. 71): “Não é difícil a constatação de que a grande mensagem da técnica é ensinar que **toda a conquista pressupõe doação** e que a forma mais fácil de atingir os objetivos propostos é mostrar **solidariedade, dando – e, portanto, recebendo – autógrafos**”.

#### PERGUNTAS AOS ALUNOS:

- Como você se sentiu, sabendo que dependia do outro, e por isso tendo que pedir?
- Como você se sentiu, sabendo que o outro dependia de você?
- A vida é exatamente assim, precisamos uns dos outros, as vezes pedimos, as vezes doamos.
- Ninguém consegue viver sozinho e sem depender dos outros.
- Ninguém tem liberdade total.
- Ninguém sabe tudo.
- A importância das resoluções baseadas na não violência, vem da importância que damos ao outro, da percepção que temos que o outro é tão importante quanto nós, e que tem o direito de pensar diferente, a postura da não violência é a postura de quem luta pelo que pensa que é certo, sem ferir quem pensa diferente, nem em palavras, nem em atos.

#### 4 - FILMES RECOMENDADOS:

Sempre que possível, o roteiro deve ser complementado por filmes, estes antes de serem colocados para que os alunos assistam, necessariamente devem ser contextualizados antes, pois são roteiros de histórias reais, fora de um contexto que o aluno conhece. Se o adolescente não for “reportado” para o momento do filme e para o “porque” deste filme, ele perde o interesse, o filme deve ser usado como complemento do roteiro, com um diálogo bem aberto antes, mostrando para o aluno que aquele é um momento histórico cultural, para que possamos entender melhor a realidade que nos cerca, tirando a noção de “lazer” ou diversão, os filmes destes roteiros não são para o adolescente dizer: “gostei” ou “não gostei” e sim para contribuir para o seu processo de evolução e construção de valores.

Filmes Recomendados:

- 1) **Uma história Americana:** retrata a época em que Luther King iniciou sua luta contra o racismo. Ele não aparece diretamente no filme, mas é citado e é uma história real.
- 2) **Duelo de Titãs:** Uma história real que aconteceu em 1971 nos EUA, sobre como foi difícil acabar com a segregação no país.

#### Glossário:

- **ALTERIDADE:** Aquilo que fica restrito ao âmbito da indulgência, da política e da religião segundo os dicionaristas, pode se expressar amplificadamente ao universo cultural e social através de um vocábulo relativamente recente: “alteridade”. “Tentar compreender a alteridade, isto é, a relação com os/as outros/as, é um tema candente no cenário internacional contemporâneo. A xenofobia e o racismo, as guerras étnicas, o preconceito e os estigmas, a segregação e a discriminação baseadas na raça, na etnia, no gênero, na idade ou na classe social são todos fenômenos amplamente disseminados no mundo, e que implicam em altos graus de violência. Todos eles são manifestações de não reconhecimento dos/das outros/as como seres humanos cabais, com os mesmos direitos que os nossos. Alteridade seria, portanto, a capacidade de conviver com o diferente, de se proporcionar um olhar interior a partir das diferenças. Significa que eu reconheço “o outro” também como sujeito de iguais direitos. É exatamente essa constatação das diferenças que gera a alteridade.

- **SEGREGAR:** Afastar (-se), apartar (-se), isolar (-se), separar (-se).

- **XENOFOBIA:** Aversão às pessoas e coisas estrangeiras.

## ROTEIRO II

VALOR: **Verdade**

VALORES RELATIVOS: Otimismo, interesse pelo conhecimento, sinceridade, honestidade, sentido de realidade, lealdade.

### 1 - CANTO EM CONJUNTO

→ Música: Mais Uma Vez

(CD: Renato Russo Presente, faixa nº 13)

**Material: CD**

Letra da música

Principais pontos a serem analisados:

- Por que ele diz, mais é claro que o sol vai voltar? Ele é otimista?
- Que sol é este que ele está se referindo?
- Que escuridão é esta que ele se refere?
- Por que a escuridão pode endoidecer gente sã?
- Nunca deixem que lhe digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem...?
- Quais sonhos temos?
- Ou que você nunca vai ser alguém?
- Todo o sonho é bom? Quando um sonho não é bom?

### Mais Uma Vez

Mas é claro que o sol

Vai voltar amanhã

Mais uma vez, eu sei

Escuridão já vi pior

De endoidecer gente sã

Espera que o sol já vem

Tem gente que está do mesmo lado que você

Mas deveria estar do lado de lá

Tem gente que machuca os outros

Tem gente que não sabe amar

Tem gente enganando a gente  
 Veja nossa vida como está  
**Mas eu sei que um dia a gente aprende**  
 Se você quiser alguém em quem confiar  
**Confie em si mesmo**  
**Quem acredita sempre alcança**  
 Mas é claro que o sol...  
**Nunca deixe que lhe digam**  
**Que não vale a pena acreditar no sonho que se tem**  
 Ou que seus planos nunca vão dar certo  
**Ou que você nunca vai ser alguém**  
 Tem gente que machuca os outros  
 Tem gente que não sabe amar  
 Mas eu sei que um dia a gente aprende

## **2 - NARRATIVA DE BIOGRAFIA:**

Biografia de ALBERT EINSTEIN

### Principais tópicos a trabalhar:

- Quando criança não apresentava nenhum sinal de genialidade, seu desenvolvimento se deu de forma morosa até a idade dos 9 anos.
- Na escola tinha grande dificuldade para se adaptar as normas rígidas do estudo.
- Geografia, História e Francês eram seus grandes suplícios.
- O fato de ele ter sido considerado “burro” por alguns professores.
- O professor falou que sua presença desatenta em classe era considerada negativa, por isto foi suspenso várias vezes.
- Não conseguiu passar no primeiro vestibular.
- Não conseguiu passar na primeira vez que fez o concurso para dar aula na universidade.
- 1905: teoria pacífica.
- Dia da primeira bomba.
- Chegou a sustentar 150 famílias.



### 3 - TÉCNICA DE ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL:

Livro: Alfabetização Emocional (ANTUNES, 1999, p. 77)

- Técnica: LEILÃO
- Adaptação: \$20,00 para cada aluno
- Leiloar: Amizade, amor correspondido, saúde, material escolar, tênis Nike, bicicleta, família, aparelho de CD, companheirismo, ser compreendido.

Observação: Orientar que serão leiloados alguns itens e que como num verdadeiro leilão, devem apresentar suas ofertas **conforme julguem o produto colocado no leilão mais ou menos importantes para a sua vida.**

Após fazer reflexão sobre os valores e a importância (hierarquia) na nossa vida e como distribuimos nosso afeto e nosso interesse.

DEBATE: Para que os participantes digam como administram os seus valores...

### 4 - FILMES RECOMENDADOS:

- 4.1) A corrente do bem
- 4.2) Meu nome é Rádio

### 5 - TAREFA DE SEGMENTO:

→ Os alunos estão encarregados de escolher uma música, **que não fale apenas de violência**, cuja letra eles queiram interpretar.

## ROTEIRO III

VALOR: **Ação Correta**

VALORES RELATIVOS: Vida salutar, perseverança, responsabilidade, bondade, disciplina, coragem.

### 1 - CANTO EM CONJUNTO

#### → HÁ TEMPOS

(Legião Urbana, CD As Quatro Estações, faixa nº 1)

**Material: CD**

Letra da música

#### Objetivos:

- cantar para descontrair e liberar as energias contidas;
- analisar a letra da música, buscando incentivo ao entendimento.

#### Principais pontos a serem analisados:

- Por que parece cocaína, mas é só tristeza?
- Nós sabemos que na hora, no momento, a cocaína é boa.... então o que ele quis dizer com: é só tristeza?
- Por que o descompasso e o desperdício são herdeiros da virtude que perdemos? desperdício de que?
- Porque há tempos são os jovens que adoecem?
- Por que há ferrugem nos sorrisos?
- Disciplina é liberdade? por que?
- Compaixão é fortaleza? por que? E o que é fortaleza?
- Ter bondade é ter coragem? por que?
- O que é ter bondade?
- O que é ter coragem?

## Há Tempos

Parece cocaína mas é só tristeza, talvez tua cidade.

Muitos temores nascem do cansaço e da solidão

E o descompasso e o desperdício herdeiros são

A glória da virtude que perdemos.

Há tempos tive um sonho

Não me lembro não me lembro

Tua tristeza é tão exata

E hoje o dia é tão bonito

Já estamos acostumados

A não termos mais nem isso.

Os sonhos vêm e os sonhos vão

O resto é imperfeito.

Disseste que se tua voz tivesse força igual

À imensa dor que sentes

Teu grito acordaria

Não só a tua casa

Mas a vizinhança inteira.

E há tempos nem os santos têm ao certo

A medida da maldade

E há tempos são os jovens que adoecem

E há tempos o encanto está ausente

E há ferrugem nos sorrisos

Só o acaso estende os braços

A quem procura abrigo e proteção.

**Meu amor, disciplina é liberdade**

**Compaixão é fortaleza**

**Ter bondade é ter coragem**

E ela disse:

- Lá em casa tem um poço mas a água é muito limpa.

## 2 - NARRATIVA DE BIOGRAFIA:

Biografia de Charles Spencer Chaplin

Material: Livro de sua vida e Película cinematográfica sobre sua vida.

### Principais tópicos a se trabalhar:

- Nasce em 1889, fruto de um segundo casamento de sua mãe... ainda muito pequeno seu pai se torna alcoólatra e sua mãe se separa pela segunda vez...
- Quando ele tinha 5 anos sua mãe que era cantora começou a ficar doente e perder a voz...foi devido a falha da voz de sua mãe que ele fez sua primeira apresentação aos 5 anos...
- A mãe perde o emprego e os 3 mãe e os 2 filhos) vão morar num asilo para pobres...depois os meninos vão morar em uma escola para crianças órfãs e indigentes...sua mãe começa a ter indícios de insanidade mental...
- 2/janeiro/1914= seu primeiro contrato nos EUA, POR 150 DOLARES POR SEMANA...35 FILMES EM 1 ANO...(AOS 25 ANOS)
- 1952 O MINISTRO DA JUSTIÇA DO PRESIDENTE TRUMAN anuncia que ordenou um inquérito contra CHAPLIN...
- Foi acusado de comunista, entre outros motivos pelo filme Tempos Modernos...
- 1940 - lança o filme “o grande ditador”: que pretende ridicularizar a loucura homicida dos nazistas e mostrar o absurdo do discurso a favor das raças puras...
- Aos 82 anos retorna aos EUA, para receber o Oscar que lhe foi negado durante toda a sua carreira...
- 1975→ RECEBE O grau de cavaleiro, condecoração feita pela rainha da Inglaterra, aquele menino que nascera num subúrbio pobre.

## 3 - TÉCNICA

A técnica deste roteiro, é uma adaptação da pesquisadora, de uma técnica que aprendeu oralmente, e por isto, não cita o autor:

### 1) Primeira parte:

→ Estende-se um lençol cor clara, de cetim, amassado, desfiado, com um ponto negro no meio. Pede-se para os jovens dizerem tudo que estão vendo e percebendo. A primeira reação é sempre reparar nos defeitos: sujo, desfiado, um ponto negro, amassado, etc. Após todos falarem, a mediadora inicia as perguntas:

- É um pano muito bonito e de tecido nobre, como ele ficaria, se lavássemos, passássemos e fizéssemos a bainha?
- E o ponto negro, por que só vemos o ponto, que é bem menor que todo o pano?
- A nossa vida é como este pano, lindo, nobre, está em nossas mãos resolver os problemas cotidianos, o ponto no meio representa um problema, ou o nosso passado, que é infinitamente menor que todo o presente e o futuro que nos aguarda.

## **2) Segunda parte:** (adaptação da pesquisadora)

→ Entrega-se um papel branco para cada jovem, juntamente com canetas coloridas. Pede-se para que cada um escreva em uma palavra um objetivo de vida, algo que queiram muito, e que dependa deles para que seja realizado. Colamos com durex os objetivos de todos no cetim, porém, sem tapar o ponto, que está ali, representando as dificuldades ou o passado de enganos, para termos consciência, de que, algumas atitudes, depois de tomadas, não serão apagadas imediatamente, mas teremos que conviver com as suas conseqüências, enquanto colocamos nossas energias nos novos objetivos.

## **4 - FILMES RECOMENDADOS:**

- 4.1) Chaplin: Sua vida, sua obra... Suas Paixões
- 4.2) O Grande Ditador
- 4.3) Coach Carter: Treino para a Vida

## ROTEIRO IV

VALOR: **PAZ**

VALORES RELATIVOS: Silêncio interior, calma, paciência, auto-estima, auto-aceitação, autoconfiança.

### 1 - CANTO EM CONJUNTO

➔ Quando o Sol Bater Na Janela Do Teu Quarto

(Legião Urbana, CD: As Quatro Estações, faixa nº 5)

**Material:** CD

Letra da música

Objetivos:

- cantar para descontrair e liberar as energias contidas;
- analisar a letra da música, buscando incentivo ao entendimento.

Principais pontos a serem analisados:

- ele quis dizer que o sol ainda não estava batendo na janela?
- Qual o significado do sol não bater na janela? Fica escuro?
- O que estava escuro? Somente o quarto?
- Por que o caminho é um só ? Ele estava falando do caminho do recomeço?
- ...toda a dor vem do desejo de não sentirmos dor...? por que? A dor seria uma consequência da busca desenfreada por “anestésias”?
- Tudo é dor? o que fazemos para diminuir a nossa dor? Que tipo de anestesia usamos?
- Por que a humanidade é desumana? Como ela pode deixar de ser desumana?

QUANDO O SOL BATER NA JANELA DO TEU QUARTO

**QUANDO O SOL BATER NA JANELA DO TEU QUARTO**

LEMBRA E **VÊ** QUE O CAMINHO É UM SÓ

POR QUE ESPERAR SE PODEMOS **COMEÇAR** TUDO DE NOVO

**AGORA MESMO**

**A HUMANIDADE É DESUMANA**  
**MAS AINDA TEMOS CHANCE**  
**O SOL NASCE PRA TODOS**  
**SÓ NÃO SABE QUEM NÃO QUER**  
**QUANDO O SOL BATER NA JANELA DO TEU QUARTO**  
**LEMBRA E VÊ QUE O CAMINHO É UM SÓ**  
**ATÉ BEM POUCO TEMPO ATRÁS**  
**PODERÍAMOS MUDAR O MUNDO**  
**QUEM ROBOU NOSSA CORAGEM ??**  
**TUDO É DOR**  
**E TODA DOR VEM DO DESEJO**  
**DE NÃO SENTIRMOS DOR**  
**QUANDO O SOL BATER NA JANELA DO TEU QUARTO**  
**LEMBRA E VÊ QUE O CAMINHO É UM SÓ**

## **2 - NARRATIVA DE BIOGRAFIA:**

Biografia: Gandhi

Material utilizado para pesquisar a sua vida: Livro com a sua biografia e película cinematográfica com a sua história.

Principais tópicos a trabalhar:

- sua filosofia da não violência;
- quando morou na África;
- quando foi jogado do trem;
- quando jejuou;
- a história da calçada.

## **3 - TÉCNICA DE ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL:**

Livro: Alfabetização Emocional (ANTUNES, 1999, p. 91)

Técnica: Change (com algumas adaptações)

- Entregar para cada jovem uma lista grande de qualidades em uma folha digitada.
- Entregar cinco folhas de papel para cada jovem.

- Pedir para que os jovens escolham duas qualidades as quais já se percebem possuidores e a escrevam (uma em cada folha).
- A mediadora gruda na parede um grande e colorido cartaz, escrito: **JA SOU**, e pede para que cada jovem grude em volta as qualidades que eles já se percebem ter.
- Fazemos um debate, pedindo para que os jovens falem de como eles se sentem com aquelas qualidades afixadas, perguntamos se eles já nasceram com as qualidades, ou estão adquirindo na convivência com familiares e amigos.
- Pede-se para que escolham duas qualidades que gostariam de ter, mas ainda não tem, e escrevam em duas folhas separadas.
- A mediadora gruda um cartaz em outra parede, escrito: **QUERO SER**, pede para que os jovens grudem em volta as qualidades que querem Ser.
- Abre-se uma discussão, de como que cada um pensa que deve agir para adquirir a qualidade almejada, e quais as estratégias que pretende colocar em prática no cotidiano.
- Pede-se para que cada jovem escreva uma estratégia de ação, no último papel que eles ainda tem em mãos.
- A mediadora cola numa terceira parede, o seguinte cartaz: **Como devo agir para CONSEGUIR**.
- A próxima aula será aberta pedindo para que os jovens revejam.

#### LISTA DE QUALIDADES:

BONDADE  
CORAGEM  
DISCIPLINA  
COMPAIXÃO  
SABEDORIA  
SERENIDADE  
CULTURA  
SIMPLICIDADE  
FIBRA  
ALEGRE  
PRESTATIVO  
HUMILDADE



TOLERÂNCIA

CRIATIVIDADE

SIMPÁTIA

AMOROSO

SABER PERDOAR

FRATERNAL

COOPERAÇÃO

RESPEITOSO

SOLIDÁRIO

#### **4 - FILMES RECOMENDADOS:**

4.1) Gandhi

4.2) A Lista de Schindler

## ROTEIRO V

VALOR: **AMOR**

VALORES RELATIVOS: Amizade, dedicação, generosidade, gratidão, perdão, alegria, simpatia.

### 1 - CANTO EM CONJUNTO

→ SERÁ

(Legião Urbana, CD Legião Urbana, faixa 1)

**Material: CD**

Letra da música

Objetivos:

- cantar para descontrair e liberar as energias contidas;
- analisar a letra da música, buscando incentivo ao entendimento.

Principais pontos a serem analisados:

- Não é com dominação que conseguimos entender o outro?
- As atitudes de dominação pioram os relacionamentos?
- Quais são as atitudes de dominação?
- Quem nos sufoca?
- O que nos sufoca?
- Quais são os monstros da nossa própria criação?
- Por que nos perdemos em meio a estes monstros?
- De Que escuridão temos medo?
- Por que o nosso egoísmo pode destruir nosso coração?
- O egoísta consegue amar?
- O QUE É O AMOR?
- QUANDO QUE NÓS SABEMOS QUE AMAMOS?

**SERÁ**

Tire suas mãos de mim  
 Eu não pertenço a você  
 Não é me dominando assim  
 Que você vai me entender  
 Eu posso estar sozinho  
 Mas eu sei muito bem aonde estou  
 Você pode até duvidar

**Acho que isso não é amor**

[refrão]

Será isso imaginação?  
 Será que nada vai acontecer?  
 Será que é tudo isso em vão?  
 Será que vamos conseguir vencer?

Eu e você

Ô ô ô ô ô ô ô ô

**Nos perderemos entre monstros**

**Da nossa própria criação?**

Serão noites inteiras  
 Talvez por medo da escuridão  
 Ficaremos acordados  
 Imaginando alguma solução  
**Pra que esse nosso egoísmo**  
**Não destrua nosso coração**

[refrão]

Brigar pra quê  
 Se é sem querer  
 Quem é que vai nos proteger?  
 Será que vamos ter  
 Que responder  
 Pelos erros a mais  
 Eu e você?

## 2 - NARRATIVA DE BIOGRAFIA:

Biografia: Joaquim Maria Machado de Assis

### Principais tópicos a se trabalhar:

- Nasceu em 1839, em um País que ainda era escravocrata... filho de um mulato (pintor) com uma portuguesa (lavadeira)... portanto mulato e sofria de epilepsia.
- Aluno de inteligência brilhante... porém no seu primeiro emprego numa papelaria não se adapta e fica apenas 3 dias...
- Cedo perde a mãe... o pai casa-se pela segunda vez, e aos 12 anos perde o pai...sua madrasta emprega-se como doceira em um colégio e ele passa a ajudá-la a vender doces...
  - Tem as primeiras aulas de francês com um forneiro de uma padaria...
  - Foi coroinha na igreja da Lampadosa ...
- Aos 16 anos publica “ELA” sua primeira poesia...
- Mulato, de pequena estatura, gago e tímido...não era do tipo irresistível...
  - Casou-se aos 30 anos com Carolina Novais, 5 anos mais velha que ele, portuguesa e irmã de um poeta...apesar de Machado já ser conhecido e respeitado escritor e funcionário público a família da moça não aceitou imediatamente... muito provável por sua raça e origem... porém foi uma união bastante feliz...

## 3 - TÉCNICA DE ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL:

Livro: Antunes: Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências.

Técnica: Bazar de Trocas (Técnica nº 367, p. 289). Com adaptação.

- A mediadora inicia chamando para um grande Bazar de trocas: Aproveite!!! IMPERDÍVEL!!!

- A mediadora faz um grande e colorido cartaz com os seguintes sentimentos: amor, ódio, ternura, carinho, alegria, compreensão, segurança, honestidade, compaixão, fibra, bondade.

- Fazer folhas tamanho ofício com estes sentimentos.
- Entregar para os jovens duas folhas em branco e canetões.
- Pedir que eles escrevam dois sentimentos ou atitudes que eles não queiram mais, para serem trocados no bazar de trocas.

- Os meninos “trocam” dois sentimentos (ou atitudes) que eles tem, e não querem mais, por dois sentimentos que tem para “trocar” no bazar de trocas, e que eles desejam adquirir, pois eles não têm ou tem em pouca quantidade. A mediadora faz literalmente a troca, entregando uma folha com o sentimento que eles querem.

- Debate aberto sobre as trocas e os motivos.

- Perguntar para os meninos se eles vão cuidar bem dos “bens” que adquiriram.

#### **4 - FILMES RECOMENDADOS:**

4.1) Voltando a Viver

4.2) Homens de Honra

4.3) Hurricane

4.4) Hotel Ruanda

## **ANEXO**

**ANEXO A - Levantamento de adolescentes inseridos no Programa no Fórum de Itajaí –  
Santa Catarina**

| <b>Idade</b> | <b>Quantidade</b> |
|--------------|-------------------|
| 15           | 3                 |
| 16           | 21                |
| 17           | 30                |
| 18           | 67                |
| 19           | 44                |
| 20           | 45                |
| 21           | 23                |
| 22           | 11                |
| 23           | 2                 |
| 24           | 1                 |
| Não consta   | 7                 |
| <b>TOTAL</b> | <b>254</b>        |

**Quadro 1** - Idade dos adolescentes inseridos no programa das medidas sócio-educativas no fórum de Itajaí (SC)

| <b>Nível de Escolaridade</b>  | <b>Quantidade</b> |
|-------------------------------|-------------------|
| Analfabeto                    | 1                 |
| 1ª série                      | 2                 |
| 3ª série                      | 2                 |
| 4ª série                      | 15                |
| 5ª série                      | 31                |
| 6ª série                      | 19                |
| 7ª série                      | 32                |
| 8ª série                      | 34                |
| 1ª Ensino Médio               | 36                |
| 2ª Ensino Médio               | 5                 |
| 3ª Ensino Médio               | 7                 |
| Ensino Superior               | 1                 |
| Ensino Fundamental incompleto | 1                 |
| Ensino Médio incompleto       | 7                 |
| Não está estudando            | 47                |
| Está estudando                | 6                 |
| Não consta                    | 8                 |
| <b>TOTAL</b>                  | <b>254</b>        |

**Quadro 2** – Nível de escolaridade dos adolescentes inseridos no programa das medidas sócio-educativas no fórum de Itajaí (SC)

|                   |     |
|-------------------|-----|
| Reincidência      | 144 |
| Faz uso de Drogas | 125 |
| Trabalham         | 106 |
| Não trabalham     | 141 |

**Quadro 3** – Reincidência dos adolescentes inseridos no programa das medidas sócio-educativas no fórum de Itajaí (SC)

| <b>Ato infracional</b>           | <b>Quantidade</b> |
|----------------------------------|-------------------|
| Furto                            | 83                |
| Dirigir sem habilitação          | 11                |
| Porte ilegal de armas            | 18                |
| Porte de entorpecentes           | 23                |
| Uso de entorpecentes             | 17                |
| Tráfico de entorpecentes         | 9                 |
| Roubo                            | 26                |
| Ameaça                           | 5                 |
| Dano                             | 2                 |
| Tentativa de homicídio           | 5                 |
| Lesão corporal                   | 13                |
| Assalto                          | 10                |
| Arma branca (porte)              | 1                 |
| Receptação de mercadoria roubada | 7                 |
| Agressão física                  | 6                 |
| Estupro                          | 1                 |
| Desacato                         | 5                 |
| Atentado violento ao pudor       | 2                 |
| Tentativa de abuso sexual        | 1                 |
| Invasão de domicílio             | 1                 |
| Estelionato                      | 1                 |
| Tentativa de roubo               | 3                 |
| Perturbação do sossego           | 1                 |
| Crime ambiental                  | 1                 |
| Não consta                       | 1                 |
| <b>TOTAL</b>                     | <b>254</b>        |

**Quadro 4** – Ato infracional cometido pelos adolescentes inseridos no programa das medidas sócio-educativas no fórum de Itajaí (SC)

Obs.: Esses dados foram computados até dia 18.04.2006.